THE LIBRARY OF CONGRESS
1800

Class PG9198
Book .A7
1863

1930
4153

SELECTA

CAMONIANA

OU

EXCERPTOS DOS LUSIADAS

COM SUMMARIOS E NOTAS EXPLICATIVAS

POR

ANTONIO JOSÉ VIALE

PROFESSOR DE LITTERATURA GREGA E LATINA, NO CURSO SUPERIOR DE LETTRAS, E SOCIO EFFECTIVO DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS

Selige de libris optima quæque bonis
L.

LISBOA
LIVRARIA DA V. BERTRAND & FILHOS
AOS MARTYRES, 73

1863

Preço 320 réis

Camões, Luiz de

SELECTA

CAMONIANA

OU

EXCERPTOS DOS LUSIADAS

COM SUMMARIOS E NOTAS EXPLICATIVAS

POR

ANTONIO JOSÉ VIALE

PROFESSOR DE LITTERATURA GREGA E LATINA, NO CURSO SUPERIOR DE LETTRAS, E SOCIO EFFECTIVO DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS

Selige de libris optima quæque bonis
L.

LISBOA
LIVRARIA DA V. BERTRAND & FILHOS
AOS MARTYRES, 73

1863

PQ9198
A7
1863

Depositada na Bibliotheca Nacional de Lisboa para os effeitos da lei de 8 de julho de 1851

387270
'29

TYPOGRAPHIA UNIVERSAL
Rua dos Calafates, 110.

OBRAS ELEMENTARES

APPROVADAS PELO CONSELHO GERAL D'INSTRUCÇÃO PUBLICA

Cathecismo da Doutrina Christã, composto pelo Padre Theodoro d'Almeida, 5.ª edição.—Preço 50 rs.

Grammatica Portugueza, para as escolas primarias, por J. E. de Andrade, 10.ª edição — Preço 120 rs.

Dita com additamentos para uso dos Lyceos, por M. M. Marrecas. — Preço 160.

Dita, por Antonio Maria Baptista, 2.ª edição. — Preço 160 rs.

Orthographia Portugueza, por J. Tavares de Macedo, socio da Academia das Sciencias, 3.ª edição. — Preço 80 rs.

Elementos de Arithmetica e systema metrico decimal, por F. Menna Apparicio. — Preço 200 rs.

Exposição do systema metrico decimal, por J. M. Latino Coelho, vogal do Conselho Geral de Instrucção Publica. — Preço 150 rs.

Resumos da Historia do Antigo e do Novo Testamento, com reflexões moraes intercaladas no texto, pelo conego Schmidt, vertidos em portuguez, por R. A. Bulhão Pato. — Preço 300 rs.

Selecta Portugueza, por F. M. de Andrade. — Preço 600 rs.

Titi Livi excerpta res memorabiles narrationes selecta Accurante N. Theil, com notas em portuguez, por F. Martins d'Andrade. — Preço 320 rs.

Elementos de Logica, por D. J. Balmes, — Preço 300 rs.

Selecta Camoniana, por A. J. Viale. — Preço 320.

LIVRARIA DO CLERO

Progresso pelo Christianismo, pelo Padre Felix, conferencias de 1858. — Preço 400 rs.

Mulheres do Evangelho, Homilias pelo Padre Ventura, 1.º vol. —Preço 900 rs.

Sermonario Selecto de Prégadores, vol. 1.º e 2.º — Preço de cada vol. 1$000 rs.

Sermões do Beneficiado Malhão, 1.º vol. —Preço 1$200 rs.

OBRAS VARIAS

Encyclopedia das artes, collecção de 1318 processos industriaes, por M. A. de Mattos. — Preço 600 rs.

Avisos da Providencia, por S. Affonso Liguori, 1 vol. in-8.º — Preço 120 rs.

Exercicios de Santo Ignacio. — Preço 80 rs.

Cultos de devoção a Santo Antonio. — Preço 60 rs.

PROLOGO

Os Lusiadas, poema merecidamente contado entre as melhores epopêas de que se ufanam os povos mais cultos, os Lusiadas, a epopêa portugueza por excellencia, não podem, sem graves inconvenientes, ser postos em sua integra, nas mãos dos alumnos das escholas primarias. Disse-o o sr. Dr. Antonio Feliciano de Castilho, o principe dos nossos poetas contemporaneos, que aliás folga mais que ninguem de tributar solemne e illustrado culto de admiração e de respeito ao sublime cantor das glorias nacionaes: disse-o o sabio, cuja competencia em pontos de litteratura e de pedagogia não he contes-

tada nem contestavel. Mas deverá d'aqui concluir-se que os meninos que frequentam as aulas não hajam de familiarisar-se, desde a infancia, com os versos do poeta eminentemente patriota, do escriptor classico, a quem a linguagem vernacula he devedora de huma grande parte de suas riquezas e primores? Não será possivel, evitar-se qualquer perigo moral, e qualquer inconveniente de outra natureza, resultantes da leitura do inteiro poema, sem defraudal-os do grande proveito que d'ella poderão colher, instruindo-se, deleitando-se, e afervorando-se nos mais nobres sentimentos? Com tal intuito, e para facilitar-lhes a intelligencia de muitos lugares que elles mal entenderiam sem alguma explicação, he que foi ordenada esta Selecta. Pareceu que elle se conseguiria empregando-se os seguintes meios:

1.º Supprimindo todos os logares perigosos á innocencia dos primeiros annos. *Maxima debetur puero reverentia:* sanissima sentença de hum celebre escriptor da antiguidade pagã.

2.º Fazendo preceder de um summario cada hum dos excerptos, no qual se indique o assumpto que n'elle se tracta.

3.º Accrescentando aos escriptos no fim do livro, breves notas, nas quaes se dê huma resumida noti-

cia das personagens historicas ou mythologicas de que n'elles se falla; exceptuando porém aquellas que o texto mesmo do poema torna sufficientemente conhecidas; e não deixando tambem sem huma rapida explicação os nomes geographicos cuja noticia não seja vulgar.

4.º Elucidando brevemente nas mesmas notas os passos escabrosos, ou que encerrarem alguma difficuldade; e substituindo por vocabulo de significação conhecida algum termo obsoleto, ou de menos obvia intelligencia.

5.º Finalmente, apontando algumas irregularidades de construcção, alguns desprimores metricos, e outros descuidos incorridos pelo poeta; leves manchas, procedidas de quasi inevitavel incuria, e da humana imperfeição, que não desluzem o brilho de tamanha e tão justa reputação; mas que importa indicar aos estudantes e aos estudiosos, para que não se deixem cahir em defeitos semelhantes, nem depois se desculpem allegando a auctoridade de tão grande mestre.

As pessoas intelligentes, e principalmente as desveladas pelos progressos na instrucção publica, decidirão se foi acertada a traça d'esta obrinha, e se o seu desempenho satisfaz de algum modo ao fim

a que tende este commettimento, embora humilde, novo na nossa terra, onde ainda não abundam nem os bons compendios, nem livros subsidiarios, que facilitem e suavisem o ensino e o estudo das disciplinas professadas nas escholas.

EXCERPTOS DO CANTO I

Proposição do Poema

I

As armas, e os Barões assinalados,
Que da occidental praia Lusitana
Por mares nunca de antes navegados
Passaram ainda alem da Taprobana,
Em perigos, e guerras esforçados
Mais, do que promettia a força humana:
E entre gente remota edificaram
Novo reino, que tanto sublimaram:

II

E tambem as memorias gloriosas
Daquelles Reis, que foram dilatando
A Fé, o Imperio; e as terras viciosas
De Africa, e de Asia andaram devastando:
E aquelles, que por obras valerosas
Se vão da lei da morte libertando:
Cantando espalharei por toda parte,
Se a tanto me ajudar o engenho, e arte.

III

Cessem do sabio Grego, e do Troiano,
As navegações grandes, que fizeram:
Calle-se de Alexandro, e de Trajano
A fama das victorias, que tiveram;
Que eu canto o peito illustre Lusitano,
A quem Neptuno, e Marte obedeceram:
Cesse tudo o, que a Musa antiga canta;
Que outro valor mais alto se alevanta.

Invocação ás Nymphas do Téjo

IV

E vós, Tagides minhas, pois creado
Tendes em mi hum novo engenho ardente,
Se sempre em verso humilde celebrado
Foi de mi vosso rio alegremente:
Dai-me agora hum som alto, e sublimado,
Hum estylo grandiloquo, e corrente;
Porque de vossas aguas Phebo ordene,
Que não tenham inveja ás de Hippocrene.

V

Dai-me huma furia grande, e sonorosa,
E não de agreste avena, ou frauta ruda;
Mas de tuba canora, e bellicosa,
Que o peito accende, e a côr ao gesto muda:
Dai-me igual canto aos feitos da famosa
Gente vossa, que a Marte tanto ajuda;
Que se espalhe, e se cante no universo:
Se tão sublime preço cabe em verso.

Dedicatoria a El-Rei D. Sebastião que ainda não tinha chegado á maioridade

VI

E vós, ó bem nascida segurança
Da Lusitana antigua liberdade,
E não menos certissima esperança
De augmento da pequena Christandade:
Vós, ó novo temor da Maura lança,
Maravilha fatal da nossa idade,
Dada ou mundo por Deos, que todo o mande;
Para do mundo a Deos dar parte grande:

VII

Vós, tenro e novo ramo florecente
De huma arvore de Christo mais amada,
Que nenhuma nascida no Occidente,
Cesárea, ou Christianissima chamada:
Vede-o no vosso escudo, que presente
Vos amostra a victoria já passada,
Na qual vos deo por armas, e deixou
As, que elle para si na Cruz tomou:

VIII

Vós, poderoso Rei, cujo alto imperio
O Sol, logo em nascendo, vê primeiro,
Vê-o tambem no meio do hemispherio,
E, quando desce, o deixa derradeiro:
Vós, que esperamos jugo e vituperio
Do torpe Ismaelita cavalleiro,
Do Turco oriental, e do Gentio,
Que ainda bebe o licor do sancto rio:

IX

Inclinai por hum pouco a magestade,
Que nesse tenro gesto vos contemplo,
Que já se mostra, qual na inteira idade,
Quando subindo ireis ao eterno templo.
Os olhos da Real benignidade
Ponde no chão: vereis hum novo exemplo
De amor dos patrios feitos valerosos,
Em versos divulgado numerosos.

X

Vereis amor da patria, não movido
De premio vil, mas alto, e quasi eterno;
Que não he premio vil ser conhecido
Por hum pregão do ninho meu paterno.
Ouvi; vereis o nome engrandecido
Daquelles, de quem sois senhor superno:
E julgareis, qual he mais excellente,
Se ser do mundo Rei, se de tal gente.

XI

Ouvi; que não vereis com vãas façanhas,
Phantasticas, fingidas, mentirosas,
Louvar os vossos, como nas estranhas
Musas, de engrandecer-se desejosas:
As verdadeiras vossas são tamanhas,
Que excedem as sonhadas, fabulosas,
Que excedem Rodamonte, e o vão Rugeiro,
E Orlando, indaque fora verdadeiro.

XII

Por estes vos darei hum Nuno fero,
Que fez ao Rei, e ao reino tal serviço:
Hum Egas, e hum Dom Fuas, que de Homero
A cithara para elles só cobiço.
Pois pelos doze Pares, dar-vos quero
Os doze de Inglaterra, é o seu Magriço:
Dou-vos tambem aquelle illustre Gama,
Que para si de Eneas toma a fama.

XIII

Pois se, a troco de Carlos Rei de França,
Ou de Cesar, quereis igual memoria,
Vede o primeiro Afonso, cuja lança
Escura faz qualquer estranha gloria:
E aquelle, que a seu reino a segurança
Deixou co'a grande, e prospera victoria:
Outro Joanne invicto cavalleiro,
O quarto e quinto Afonsos, e o terceiro.

XIV

Nem deixarão meus versos esquecidos
Aquelles, que nos reinos lá da Aurora
Se fizeram por armas tão subidos,
Vossa bandeira sempre vencedora:
Hum Pacheco fortissimo, e os temidos
Almeidas, por quem sempre o Tejo chora:
Albuquerque terribil, Castro forte,
E outros, em quem poder não teve a morte.

XV

E em quanto eu estes canto, e a vós não posso,
Sublime Rei; que não me atrevo a tanto,
Tomai as redeas vós do reino vosso,
Dareis materia a nunca ouvido canto:
Comecem a sentir o pezo grosso
(Que pelo mundo todo faça espanto)
De exercitos, e feitos singulares,
De Africa as terras, e do Oriente os mares.

XVI

Em vós os olhos tem o Mouro frio,
Em quem vê seu exicio affigurado:
Só com vos ver o barbaro Gentio
Mostra o pescoço ao jugo inclinado:
Tethys todo o ceruleo senhorio
Tem para vós por dote apparelhado;
Que, affeiçoada ao gesto bello, e tenro,
Deseja de comprar-vos para genro.

XVII

Em vós se vem da Olympica morada,
Dos dous Avós as almas cá famosas,
Huma na paz angelica dourada,
Outra pelas batalhas sanguinosas:
Em vós esperam ver-se renovada
Sua memoria, e obras valerosas,
E lá vos tem lugar no fim da idade
No templo da suprema eternidade.

XVIII

Mas em quanto este tempo passa lento
De regerdes os povos, que o desejam,
Dai vós favor ao novo atrevimento;
Para que estes meus versos vossos sejam:
E vereis ir cortando o salso argento
Os vossos Argonautas; porque vejam,
Que são vistos de vós no mar irado:
E costumai-vos já a ser invocado.

Concilio dos deoses no Olympo ácerca do arrojado commettimento dos Portuguezes, que sob o commando de Vasco da Gama, por ordem de El-Rei D. Manoel, navegavam no largo Oceano para o descobrimento da India

XIX

Já no largo Oceano navegavam,
As inquietas ondas apartando,
Os ventos brandamente respiravam,
Das naos as velas concavas inchando:
Da branca escuma os mares se mostravam
Cobertos, onde as proas vão cortando
As maritimas aguas consagradas,
Que do gado de Próteo são cortadas.

XX

Quando os deoses no Olympo luminoso,
Onde o governo está da humana gente,
Se ajuntam em concilio glorioso,
Sobre as cousas futuras do Oriente:
Pizando crystallino ceo formoso,
Vem pela via Lactea juntamente,
Convocados da parte do Tonante,
Pelo neto gentil do velho Atlante.

XXI

Deixam dos sete ceos o regimento,
Que do poder mais alto lhe foi dado,
Alto poder, que só co'o pensamento
Governa o ceo, a terra, e o mar irado:
Alli se acharam juntos n'hum momento
Os, que habitam o Arcturo congelado,
E os, que o Austro tem, e as partes, onde
A Aurora nasce, e o claro Sol se esconde.

XXII

Estava o Padre alli sublime, e dino,
Que vibra os feros raios de Vulcano,
N'hum assento de estrellas crystallino,
Com gesto alto, severo, e soberano:
Do rosto respirava hum ar divino,
Que divino tornara hum corpo humano,
Com huma coroa, e sceptro rutilante
De outra pedra mais clara, que diamante.

XXIII

Em luzentes assentos, marchetados
De ouro, e de perlas, mais abaixo estavam
Os outros deoses todos assentados,
Como a razão, e a ordem concertavam:
Precedem os antiguos mais honrados,
Mais abaixo os menores se assentavam:
Quando Jupiter alto assi dizendo,
C'hum tom de voz começa grave, e horrendo.

Falla de Jupiter em favor dos Portuguezes

XXIV

Eternos moradores do luzente
Estellifero polo, e claro assento,
Se do grande valor da forte gente
De Luso não perdeis o pensamento,
Deveis de ter sabido, claramente,
Como he dos fados grandes certo intento,
Que por ella se esqueçam os humanos
De Assyrios, Persas, Gregos, e Romanos.

XXV

Já lhe foi, bem o vistes, concedido
C'hum poder tão singelo, e tão pequeno
Tomar ao Mouro forte, e guarnecido
Toda a terra, que rega o Tejo ameno:
Pois contra o Castelhano tão temido
Sempre alcançou favor do Ceo sereno:
Assi que sempre em fim com fama e gloria,
Teve os tropheos pendentes da victoria.

XXVI

Deixo, deoses, atraz a fama antiga,
Que c'o a gente de Romulo alcançaram.
Quando com Viriáto na inimiga
Guerra Romana tanto se affamaram:
Tambem deixo a memoria, que os obriga
A grande nome, quando alevantaram
Hum por seu capitão, que peregrino
Fingio na Cerva espirito divino.

XXVII

Agora vedes bem, que, commettendo
O duvidoso mar n'hum lenho leve,
Por vias nunca usadas, não temendo
De Africo, e Noto a força, a mais se atreve:
Que, havendo tanto já que as partes vendo,
Onde o dia he comprido, e onde breve,
Inclinam seu proposito, e porfia,
A ver os berços, onde nasce o dia.

XXVIII

Promettido lhe está do Fado eterno,
Cuja alta lei não pode ser quebrada,
Que tenham longos tempos o governo
Do mar, que vê do Sol a roxa entrada:
Nas aguas tem passado o duro inverno,
A gente vem perdida, e trabalhada;
Já parece bem feito, que lhe seja
Mostrada a nova terra, que deseja.

XXIX

E porque, como vistes, tem passados
Na viagem tão asperos perigos,
Tantos climas, e ceos exprimentados,
Tanto furor de ventos inimigos:
Que sejam, determino, agasalhados
Nesta costa Africana, como amigos,
E, tendo guarnecida a lassa frota,
Tornarão a seguir sua longa rota.

Baccho declara-se contrario aos Portuguezes

XXX

Estas palavras Jupiter dizia:
Quando os deoses, por ordem respondendo,
Na sentença hum do outro differia,
Razões diversas dando, e recebendo.
O padre Baccho alli não consentia
No, que Jupiter disse; conhecendo,
Que esquecerão seus feitos no Oriente,
Se lá passar a Lusitana gente.

XXXI

Ouvido tinha aos fados, que viria
Huma gente fortissima de Hespanha
Pelo mar alto, a qual sujeitaria
Da India tudo, quanto Doris banha:
E com novas victorias venceria
A fama antigua, ou sua, ou fosse estranha:
Altamente lhe doe perder a gloria,
De que Nysa celebra ainda a memoria

Venus mostra-se-lhes favoravel

XXXIII

Sustentava contra elle Venus bella,
Affeiçoada á gente Lusitana
Por quantas qualidades via nella
Da antigua tão amada sua Romana:
Nos fortes corações, na grande estrella,
Que mostraram na terra Tingitana:
E na lingua, na qual quando imagina,
Com pouca corrupção crê que he a Latina.

Marte protege a causa dos novos argonautas

XXXVI

Mas Marte, que da deosa sustentava
Entre todos as partes em porfia,
Ou porque o amor antiguo o obrigava,
Ou porque a gente forte o merecia;
De entre os deoses em pé se levantava:
Merencorio no gesto parecia:
O forte escudo ao collo pendurado
Deitando para traz, medonho, e irado:

XXXVII

A viseira do elmo de diamante
Alevantando hum pouco, mui seguro,
Por dar seu parecer se poz diante
De Jupiter, armado, forte, e duro:
E dando huma pancada penetrante,
Co'o conto do bastão, no solio puro
O ceo tremeo; e Apollo de torvado
Hum pouco a luz perdeo, como enfiado.

Discurso do Deus da guerra

XXXVIII

E disse assi: Ó Padre, a cujo imperio
Tudo aquillo obedece, que creaste,
Se esta gente, que busca outro hemispherio,
Cuja valia, e obras tanto amaste,
Não queres, que padeçam vituperio,
Como ha já tanto tempo que ordenaste,
Não ouças mais, pois hes juiz direito,
Razões de quem parece, que he suspeito:

XXXIX

Que, se aqui a razão se não mostrasse
Vencida do temor demasiado,
Bem fora, que aqui Baccho os sustentasse;
Pois que de Luso vem, seu tão privado:
Mas esta tenção sua agora passe,
Porque em fim vem de estomago damnado;
Que nunca tirará alheia inveja
O bem, que outrem merece, e o Ceo deseja.

XL

E tu, Padre de grande fortaleza,
Da determinação, que tens tomada,
Não tornes por detraz; pois he fraqueza
Desistir-se da cousa começada.
Mercurio; pois excede em ligeireza
Ao vento leve, e á setta bem talhada,
Lhe vá mostrar a terra, onde se informe
Da India, e onde a gente se reforme.

Jupiter, decidido a favor dos Portuguezes, dissolve a assembléa dos deoses

XLI

Como isto disse, o Padre poderoso,
A cabeça inclinando, consentio
No, que disse Mavorte valeroso,
E nectar sobre todos esparzio.
Pelo caminho Lacteo glorioso
Logo cada hum dos deoses se partio,
Fazendo seus reaes acatamentos,
Para os determinados aposentos.

Entretanto os Portuguezes, tendo descoberto varias ilhas, não longe da costa da Ethiopia, lançam ferro junto a Moçambique

XLII

Em quanto isto se passa na formosa
Casa etherea do Olympo omnipotente,
Cortava o mar a gente bellicosa,
Já lá da banda do Austro, e do Oriente,
Entre a costa Ethiopica, e a famosa
Ilha de São-Lourenço; e o Sol ardente
Queimava então os deoses, que Typheo
Co'o temor grande em peixes converteo.

XLIII

Tão brandamente os ventos os levavam,
Como quem o Ceo tinha por amigo:
Sereno o ar, e os tempos se mostravam
Sem nuvens, sem receio de perigo:
O promontorio Prasso já passavam
Na costa de Ethiopia, nome antigo;
Quando o mar descobrindo lhe mostrava
Novas ilhas, que em torno cerca, e lava.

XLIV

Vasco da Gama, o forte capitão.
Que a tamanhas emprezas se offerece,
De soberbo, e de altivo coração,
A quem fortuna sempre favorece,
Para se aqui deter não vê razão;
Que inhabitada a terra lhe parece:
Por diante passar determinava;
Mas não lhe succedeo como cuidava.

XLV

Eis apparecem logo em companhia
Huns pequenos bateis, que vem daquella,
Que mais chegada á terra parecia,
Cortando o longo mar com larga vela:
A gente se alvoroça, e de alegria,
Não sabe mais, que olhar a causa della.
Que gente será esta? em si diziam:
Que costumes, que lei, que rei teriam?

XLVI

As embarcações eram na maneira
Mui veloces, estreitas, e compridas:
As velas, com que vem, eram de esteira
D'humas folhas de palma bem tecidas:
A gente da cor era verdadeira,
Que Phaeton nas terras accendidas
Ao mundo deo, de ousado, e não prudente:
O Pado o sabe, e Lampetusa o sente.

XLVII

De pannos de algodão vinham vestidos
De varias cores, brancos, e listrados:
Huns trazem derredor de si cingidos,
Outros em modo airoso sobraçados:
Das cintas para cima vem despidos:
Por armas tem adargas, e terçados,
Com toucas na cabeça, e navegando,
Anafis sonorosos vão tocando.

XLVIII

Co'os pannos, e co'os braços acenavam
Ás gentes Lusitanas, que esperassem:
Mas já as proas ligeiras se inclinavam,
Para que junto ás ilhas amainassem:
A gente, e marinheiros trabalhavam,
Como se aqui os trabalhos s'acabassem:
Tomam velas, amaina-se a verga alta,
Da ancora o mar ferido em cima salta.

Vasco da Gama recebe amigavelmente a bordo da sua náo alguns dos mouros habitantes daquella ilha, responde ás suas perguntas, e procura tambem haver delles as competentes informações

XLIX

Não eram ancorados, quando a gente
Estranha pelas cordas já subia,
No gesto ledos vêm, e humanamente
O Capitão sublime os recebia.
As mesas manda pôr em continente:
Do licor, que Lyeo prantado havia,
Enchem vasos de vidro, e do que deitam
Os de Phaeton queimados nada engeitam.

L

Comendo alegremente perguntavam
Pela Arabica lingua, donde vinham:
Quem eram: de que terra: que buscavam:
Ou que partes do mar corrido tinham.
Os fortes Lusitanos lhe tornavam
As discretas respostas, que convinham:
Os Portuguezes somos do Occidente,
Imos buscando as terras do Oriente.

LI

Do mar temos corrido, e navegado
Toda a parte do Antarctico, e Callisto,
Toda a costa Africana rodeado,
Diversos ceos, e terras temos visto:
D'hum Rei potente somos, tão amado,
Tão querido de todos, e bemquisto,
Que não no largo mar, com leda fronte
Mas no lago entraremos de Acheronte.

LII

E por mandado seu buscando andamos
A terra Oriental, que o Indo rega:
Por elle o mar remoto navegamos,
Que só dos feos phocas se navega.
Mas já razão parece, que saibamos,
Se entre vós a verdade não se nega,
Quem sois: que terra he esta, que habitais:
Ou se tendes da India alguns sinais.

LIII

Somos, hum dos das ilhas lhe tornou,
Estrangeiros na terra, lei, e nação:
Que os proprios, são aquelles, que criou
A natura sem lei, e sem razão:
Nós temos a lei certa, que ensinou
O claro descendente de Abrahão,
Que agora tem do mundo o senhorio,
A mãi Hebrea teve, e o pai Gentio.

LIV

Esta ilha pequena, que habitamos,
He em toda esta terra certa escala
De todos os, que as ondas navegamos
De Quiloa, de Mombaça, e de Sofala:
E, por ser necessaria, procuramos,
Como proprios da terra, de habita-la:
E. porque tudo em fim vos notifique,
Chama-se a pequena ilha Moçambique.

Os Portuguezes aguardam com alvoroço a proxima vista do regedor daquellas ilhas. Bellissima descripção de uma noite de luar e muito serena

LVI

Isto dizendo, o Mouro se tornou
A seus bateis com toda a companhia:
Do Capitão, e gente se apartou,
Com mostras de devida cortezia.
Nisto Phebo nas aguas encerrou
Co'o carro de crystal, o claro dia,
Dando cargo á irmãa, que allumiasse
O largo mundo, em quanto repousasse.

LVII

A noite se passou na lassa frota
Com estranha alegria, e não cuidada;
Por acharem da terra tão remota
Nova de tanto tempo desejada.
Qualquer então comsigo cuida, e nota
Na gente, e na maneira desusada,
E como os, que na errada seita creram,
Tanto por todo o mundo se estenderam.

LVIII

Da Lua os claros raios rutilavam
Pelas argenteas ondas Neptuninas,
As estrellas os ceos acompanhavam,
Qual campo revestido de boninas:
Os furiosos ventos repousavam
Pelas covas escuras peregrinas:
Porem da armada a gente vigiava,
Como por longo tempo costumava.

Chegada do regedor a bordo, e acolhimento que lhe é feito pelo Gama

LIX

Mas, assi como a Aurora marchetada
Os formosos cabellos espalhou
No ceo sereno, abrindo a roxa entrada
Ao claro Hyperionio, que acordou;
Começa a embandeirar-se toda a armada,
E de toldos alegres se adornou,
Por receber com festas, e alegria,
O Regedor das ilhas, que partia:

LX

Partia alegremente navegando,
A ver as naos ligeiras Lusitanas,
Com refresco da terra, em si cuidando,
Que são aquellas gentes inhumanas,
Que, os apostentos Caspios habitando,
A conquistar as terras Asianas
Vieram, e por ordem do destino
O Imperio tomaram a Constantino.

LXI

Recebe o Capitão alegremente
O Mouro, e toda sua companhia:
Da-lhe de ricas peças hum presente,
Que só para este effeito já trazia:
Da-lhe conserva doce, e dá-lhe o ardente
Não usado licor, que dá alegria.
Tudo o Mouro contente bem recebe,
E muito mais contente come, e bebe.

O Mouro, havendo sabido que os navegantes eram Christãos, e tendo notado quão bem armadas e guarnecidas estavam as embarcações, concebe contra elles um odio violento e determina empecer-lhes quanto possa

LXIX

Porem disto, que o Mouro aqui notou,
E de tudo o, que vio, com olho attento,
Hum odio certo na alma lhe ficou,
Huma vontade má de pensamento:
Nas mostras, e no gesto o não mostrou;
Mas com risonho, e ledo fingimento,
Tratal-os brandamente determina,
Até que mostrar possa o, que imagina.

LXX

Pilotos lhe pedia o Capitão,
Por quem podesse á India ser levado:
Diz-lhe, que o largo premio levarão
Do trabalho, que nisso for tomado.
Promette-lhos o Mouro, com tenção
De peito venenoso, e tão damnado,
Que a morte, se podesse, neste dia
Em lugar de pilotos lhe daria.

LXXI

Tamanho o odio foi, e a má vontade,
Que aos estrangeiros subito tomou;
Sabendo ser sequaces da verdade,
Que o filho de David nos ensinou,
Oh segredos daquella Eternidade,
A quem juizo algum não alcançou!
Que nunca falte hum perfido inimigo
A'quelles, de quem foste tanto amigo!

LXXII

Partio-se nisto em fim co'a companhia,
Das naos o falso Mouro despedido,
Com enganosa, e grande cortezia,
Com gesto ledo a todos, e fingido.
Cortaram os bateis a curta via
Das aguas de Neptuno, e recebido
Na terra do obsequente ajuntamento,
Se foi o Mouro ao cognito aposento.

Vasco da Gama resolve vir a terra para fazer aguada; mas suspeitando a deslealdade dos Mouros, prepara-se convenientemente para a resistencia e, manifestada a hostilidade dos negros, pune-a severamente

LXXXIV

Já o raio Apollineo visitava
Os montes Nabathêos accendido,
Quando o Gama co'os seus determinava
De vir por agua a terra apercebido:
A gente nos bateis se concertava,
Como se fosse o engano já sabido:
Mas pode suspeitar-se facilmente;
Que o coração presago nunca mente.

LXXXV

E mais tambem mandado tinha a terra
De antes pelo piloto necessario,
E foi-lhe respondido em som de guerra:
Caso do que cuidava mui contrario.
Por isto, e porque sabe quanto erra,
Quem se crê de seu perfido adversario;
Apercebido vai, como podia,
Em tres bateis sómente, que trazia.

LXXXVI

Mas os Mouros, que andavam pela praia,
Por lhe defender a agua desejada,
Hum de escudo embraçado, e de azagaia,
Outro de arco encurvado, e setta ervada,
Esperam, que a guerreira gente saia:
Outros muitos já postos em cilada:
E, porque o caso leve se lhe faça,
Põem huns poucos diante por negaça.

LXXXVII

Andam pela ribeira alva arenosa,
Os bellicosos Mouros acenando,
Com a adarga, e co'a hastea perigosa,
Os fortes Portuguezes incitando.
Não soffre muito a gente generosa
Andar-lhe os cães os dentes amostrando:
Qualquer em terra salta tão ligeiro,
Que nenhum dizer pode, que he primeiro.

LXXXIX

Eis nos bateis o fogo se levanta
Na furiosa, e dura artilheria:
A plumbea pella mata, o brado espanta,
Ferido o ar retumba, e assovia:
O coração dos Mouros se quebranta,
O temor grande o sangue lhe resfria:
Já foge o escondido de medroso,
E morre o descoberto aventuroso.

XC

Não se contenta a gente Portugueza:
Mas seguindo a victoria estrue, e mata;
A povoação sem muro, e sem defeza,
Esbombardea, accende, e desbarata.
Da cavalgada ao Mouro já lhe peza;
Que bem cuidou compra-la mais barata:
Já blasphema da guerra, e maldizia
O velho inerte, e a mãi que o filho cria.

XCI

Fugindo, a setta o Mouro vai tirando
Sem força, de covarde, e de apressado,
A pedra, o páo, e o conto arremessando;
Dá-lhe armas o furor desatinado:
Já a ilha, e todo o mais desamparando,
Á terra firme foge amedrontado:
Passa, e corta do mar o estreito braço,
Que a ilha em torno cerca, em pouco espaço.

XCII

Huns vão nas almadias carregadas,
Hum corta o mar a nado diligente,
Quem se affoga nas ondas encurvadas,
Quem bebe o mar, e o deita juntamente,
Arrombam as miudas bombardadas
Os pangaios subtis da bruta gente:
Desta arte o Portuguez em fim castiga
A vil malicia, perfida, inimiga.

EXCERPTOS DO CANTO II

A frota Portugueza, guiada pelo piloto que o regedor de Moçambique lhe mandára com o intuito de perde-la, surgira perto de Mombaça sem entrar a barra da cidade. O Gama, logo depois da sua chegada recebe huma mensagem do rei d'aquella ilha, que, mostrando-se amigo dos nossos, tramava a sua destruição com astuta perfidia

I

Já neste tempo o lucido planeta,
Que as horas vai do dia distinguindo,
Chegava á desejada e lenta meta,
A luz celeste ás gentes encobrindo,
E da casa maritima secreta
Lhe estava o deos nocturno a porta abrindo;
Quando as infidas gentes se chegaram
A's náos, que pouco havia que ancoraram.

II

D'entre elles hum, que traz encommendado
O mortifero engano, assi dizia:
Capitão valeroso, que cortado
Tens de Neptuno o reino, e salsa via,
O Rei, que manda esta ilha, alvoroçado
Da vinda tua, tem tanta alegria,
Que não deseja mais, que agasalhar-te,
Ver-te, e do necessario reformar-te.

III

E, porque está em extremo desejoso
De te ver, como cousa nomeada,
Te róga que, de nada receoso,
Entres a barra tu, com toda armada:
E porque do caminho trabalhoso
Trarás a gente debil, e cansada,
Diz, que na terra podes reforma-la;
Que a natureza obriga a deseja-la.

IV

E, se buscando vás mercadoria,
Que produze o aurifero Levante,
Canella, cravo, ardente especiaria,
Ou droga salutifera, e prestante:
Ou se queres luzente pedraria,
O rubi fino, o rigido diamante:
Daqui levarás tudo tão sobejo,
Com que faças o fim a teu desejo.

O Capitão, responde ao mensageiro, envia presentes ao rei Mouro, e encarrega os portadores delles de explorar a terra, para depois lhe trazerem as convenientes informações.

V

Ao mensageiro o Capitão responde,
As palavras do Rei agradecendo:
E diz que, porque o Sol no mar se esconde,
Não entra para dentro, obedecendo:
Porem que, como a luz mostrar por onde
Vá sem perigo a frota, não temendo,
Cumprirá sem receio seu mandado;
Que a mais por tal senhor está obigado.

VI

Pergunta-lhe despois, se estão na terra
Christãos, como o piloto lhe dizia:
O mensageiro astuto, que não erra,
Lhe diz, que a mais da gente em Christo cria,
Desta sorte do peito lhe desterra
Toda a suspeita, e cauta phantasia;
Por onde o Capitão seguramente
Se fia da infiel, e falsa gente.

VII

E de alguns, que trazia condemnados
Por culpas, e por feitos vergonhosos;
Porque podessem ser aventurados
Em casos desta sorte duvidosos,
Manda dous mais sagazes, ensaiados;
Porque notem dos Mouros enganosos
A cidade, e poder; e porque vejam
Os Christãos, que só tanto ver desejam.

VIII

E por estes ao Rei presentes manda;
Porque a boa vontade, que mostrava,
Tenha firme, segura, limpa e branda,
A qual bem ao contrario em tudo estava.
Já a companhia perfida, e nefanda,
Das náos se despedia, e o mar cortava:
Foram com gestos ledos, e fingidos,
Os dous da frota em terra recebidos.

IX

E, despois que ao Rei apresentaram
Co'o recado os presentes, que traziam,
A cidade correram, e notaram
Muito menos daquillo, que queriam;
Que os Mouros cautelosos se guardaram
De lhe mostrarem tudo o, que pediam;
Que, onde reina a malicia, está o receio,
Que a faz imaginar no peito alheio.

Tendo sido favoraveis as informações trazidas pelos exploradores, o Gama resolve-se a entrar na barra de Mombaça. Thetis querendo preservar os Portuguezes da destruição que os ameaça, convoca as Nereidas, e estorva a entrada da frota.

XV

Dizem-lhe os, que mandou, que em terra viram
Sacras aras, e sacerdote santo:
Que alli se agasalharam, e dormiram,
Em quanto a luz cobrio o escuro manto:
E que no Rei e gentes não sentiram
Senão contentamento, e gosto tanto,
Que não podia certo haver suspeita
N'huma mostra tão clara, e tão perfeita.

XVI

Com isto o nobre Gama recebia
Alegremente os Mouros, que subiam;
Que levemente hum animo se fia
De mostras, que tão certas pareciam.
A náo da gente perfida se enchia,
Deixando a bordo os barcos, que traziam:
Alegres vinham todos; porque crem,
Que a presa desejada certa tem.

XVII

Na terra cautamente apparelhavam
Armas, e munições; que como vissem,
Que no rio os navios ancoravam,
Nelles ousadamente se subissem:
E nesta traição determinavam,
Que os de Luso de todo destruissem,
E que incautos pagassem deste geito
O mal, que em Moçambique tinham feito.

XVIII

As ancoras tenaces vão levando
Com a nautica grita costumada,
Da proa as velas sós ao vento dando,
Inclinam para a barra abalizada.
Mas a linda Erycina, que guardando
Andava sempre a gente assinalada,
Vendo a cilada grande, e tão secreta,
Voa do ceo ao mar como huma setta.

XIX

Convoca as alvas filhas de Nereo,
Com toda a mais cerulea companhia;
Que, porque no salgado mar nasceo,
Das aguas o poder lhe obedecia:
E propondo-lhe a causa, a que desceo,
Com todos juntamente se partia,
Para estorvar que a armada não chegasse,
Aonde para sempre se acabasse.

. . . . . .

XXII

Põe-se a deosa com outras em direito
Da proa capitaina, e alli fechando
O caminho da barra, estão de geito,
Que em vão assopra o vento, a vela inchando:
Põe no madeiro duro o brando peito,
Para detraz a forte náo forçando:
Outras, em derredor, levando-a estavam,
E da barra inimiga a desviavam.

XXIII

Quaes para a cova as próvidas formigas,
Levando o pezo grande accommodado,
As forças exercitam, de inimigas
Do inimigo inverno congelado;
Alli são seus trabalhos, e fadigas,
Alli mostram vigor nunca esperado:
Taes andavam as nymphas estorvando
Á gente Portugueza o fim nefando.

XXIV

Torna para detraz a náo forçada,
A pezar dos que leva, que gritando
Maream velas, ferve a gente irada,
O leme a hum bordo, e a outro atravessando:
O mestre astuto em vão da pôpa brada,
Vendo como diante ameaçando
Os estava hum maritimo penedo,
Que de quebrar-lhe a náo lhe mette medo.

XXV

A celeuma medonha se alevanta
No rudo marinheiro, que trabalha:
O grande estrondo a Maura gente espanta,
Como se vissem horrida batalha:
Não sabem a razão de furia tanta,
Não sabem nesta pressa, quem lhe valha;
Cuidam, que seus enganos são sabidos,
E que hão de ser por isso aqui punidos.

XXVI

Ei-los subitamente se lançavam
A seus bateis veloces, que traziam:
Outros em cima o mar alevantavam,
Saltando n'agua, e a nado se acolhiam:
De hum bordo e d'outro subito saltavam;
Que o medo os compellia do, que viam;
Que antes querem ao mar aventurar-se,
Que nas mãos inimigas entregar-se.

XXVII

Assi como em selvatica alagoa
As rãas, no tempo antiguo Lycia gente,
Se sentem por ventura vir pessoa,
Estando fóra da agua incautamente;
Daqui e dalli saltando, o charco soa,
Por fugir do perigo que se sente;
E acolhendo-se ao couto, que conhecem,
Sós as cabeças na agua lhe apparecem:

XXVIII

Assi fogem os Mouros: e o piloto,
Que ao perigo grande as náos guiara,
Crendo que seu engano estava noto,
Tambem foge, saltando na agua amara.
Mas por não darem no penedo immoto,
Onde percam a vida doce e chara,
A ancora solta logo a capitaina,
Qualquer das outras junto della amaina.

Vasco da Gama vendo o terror e a fuga dos Mouros conhece a trama urdida e implora a protecção divina

XXIX

Vendo o Gama attentado a estranheza
Dos Mouros, não cuidada, e juntamente
O piloto fugir-lhe com presteza;
Entende o, que ordenava a bruta gente:
E vendo sem contraste, e sem braveza
Dos ventos, ou das aguas sem corrente,
Que a náo passar ávante não podia,
Havendo-o por milagre, assi dizia:

XXX

Oh caso grande, estranho, e não cuidado!
Oh milagre clarissimo, e evidente!
Oh descoberto engano inopinado!
Oh perfida, inimiga, e falsa gente!
Quem poderá do mal apparelhado
Livrar-se sem perigo sabiamente,
Se lá de cima a Guarda soberana
Não acudir á fraca força humana?

XXXI

Bem nos mostra a divina Providencia
Destes portos a pouca segurança:
Bem claro temos visto na apparencia,
Que era enganada a nossa confiança:
Mas pois saber humano, nem prudencia,
Enganos tão fingidos não alcança,
Ó tu, Guarda divina, tem cuidado
De quem sem ti não pode ser guardado.

XXXII

E se te move tanto a piedade
Desta misera gente peregrina,
Que só por tua altissima bondade,
Da gente a salvas, perfida e malina;
N'algum porto seguro de verdade
Conduzir-nos já agora determina,
Ou nos amostra a terra, que buscâmos;
Pois só por teu serviço navegamos.

Chega a frota Portugueza ao porto de Melinde, cidade na costa de Zanguebar, onde a Providencia lhe destinava hum gasalhoso recebimento

LXXII

Era no tempo alegre, quando entrava
No roubador de Europa a luz Phebea,
Quando hum e o outro corno lhe aquentava,
E Flora derramava o de Amalthea:
A memoria do dia renovava
O pressuroso Sol, que o ceo rodea,
Em que aquelle, a quem tudo está sujeito,
O sello poz a quanto tinha feito:

LXXIII

Quando chegava a frota áquella parte,
Onde o reino Melinde já se via,
De toldos adornada, e leda de arte;
Que bem mostra estimar o sancto dia:
Treme a bandeira, voa o estandarte,
A cor purpurea ao longe apparecia,
Soam os atambores, e pandeiros:
E assi entravam ledos, e guerreiros.

LXXIV

Enche-se toda a praia Melindana
Da gente, que vem ver a leda armada,
Gente mais verdadeira, e mais humana,
Que toda a d'outra terra atraz deixada.
Surge diante a frota Lusitana,
Péga no fundo a ancora pezada:
Mandam fora hum dos Mouros, que tomaram,
Por quem sua vinda ao Rei manifestaram.

LXXV

O Rei, que já sabia da nobreza,
Que tanto os Portuguezes engrandece,
Tomarem o seu porto tanto preza,
Quanto a gente fortissima merece:
E com verdadeiro animo, e puréza,
Que os peitos generosos ennobrece,
Lhe manda rogar muito, que sahissem;
Para que de seus reinos se servissem.

LXXVI

São offerecimentos verdadeiros,
E palavras sinceras, não dobradas,
As, que o Rei manda aos nobres Cavalleiros,
Que tanto mar, e terras tem passadas:
Manda-lhe mais lanigeros carneiros,
E gallinhas domesticas cevadas,
Com as fructas, que então na terra havia;
E a vontade á dadiva excedia.

LXXVII

Recebe o Capitão alegremente
O mensageiro ledo, e seu recado:
E logo manda ao Rei outro presente,
Que de longe trazia apparelhado,
Escarlata purpurea, cor ardente,
O ramoso coral, fino, e prezado,
Que debaixo das aguas, molle crece,
E', como he fóra dellas, se endurece.

LXXVIII

Manda mais hum na pratica elegante,
Que co'o Rei nobre as pazes concertasse,
E que de não sahir naquelle instante
De suas náos em terra o desculpasse.
Partido assi o embaixador prestante,
Como na terra ao Rei se apresentasse,
Com estylo, que Pallas lhe ensinava,
Estas palavras taes fallando orava:

Discurso que ao rei de Melinde dirige o enviado de Vasco da Gama

LXXIX

Sublime Rei, a quem do Olympo puro,
Foi da Summa Justiça concedido
Refrear o soberbo povo duro,
Não menos delle amado, que temido:
Como porto mui forte, e mui seguro,
De todo o Oriente conhecido,
Te vimos a buscar; para que achemos
Em ti o remedio certo, que queremos.

LXXX

Não somos roubadores, que, passando
Pelas fracas cidades descuidadas,
A ferro, e a fogo as gentes vão matando,
Por roubar-lhe as fazendas cobiçadas;
Mas da soberba Europa navegando,
Imos buscando as terras apartadas
Da India grande e rica por mandado
De hum Rei, que temos, alto, e sublimado.

LXXXI

Que geração tão dura ha hi de gente?
Que barbaro costume, e usança fea,
Que não vedem os portos tamsomente,
Mas inda o hospicio da deserta area?
Que má tenção, que peito em nós se sente,
Que de tão pouca gente se arrecea;
Que com laços armados tão fingidos,
Nos ordenassem ver-nos destruidos?

LXXXII

Mas tu, em quem mui certo confiamos
Achar-se mais verdade, ó Rei benino,
E aquella certa ajuda em ti esperamos,
Que teve o perdido Ithaco em Alcino,
A teu porto seguros navegamos,
Conduzidos do Interprete divino;
Que, pois a ti nos manda, está mui claro,
Que és de peito sincero, humano, e raro.

LXXXIII

E não cuides, ó Rei, que não sahisse
O nosso Capitão esclarecido,
A ver-te, ou a servir-te; porque visse,
Ou suspeitasse em ti peito fingido:
Mas saberás, que o fez; porque cumprisse
O regimento em tudo obedecido
De seu Rei, que lhe manda, que não saia,
Deixando a frota em nenhum porto, ou praia.

LXXXIV

E porque he de vassallos o exercicio,
Que os membros tem regidos da cabeça,
Não quererás, pois tens de Rei o officio,
Que ninguem a seu Rei desobedeça:
Mas as mercês, e o grande beneficio,
Que ora acha em ti, promette que conheça
Em tudo aquillo, que elle e os seus puderem,
Em quanto os rios para o mar correrem.

A esta falla dá o rei a mais favoravel resposta

LXXXV

Assi dizia; e todos juntamente,
Huns com outros em pratica fallando,
Louvavam muito o estomago da gente,
Que tantos ceos e mares vai passando:
E o Rei illustre, o peito obediente
Dos Portuguezes na alma imaginando,
Tinha por valor grande, e mui subido
O do Rei, que he tão longe obedecido.

LXXXVI

E com risonha vista, e ledo aspeito
Responde ao Embaixador, que tanto estima:
Toda a suspeita má tirai do peito,
Nenhum frio temor em vós se imprima;
Que vosso preço, e obras são de geito,
Para vos ter o mundo em muita estima;
E quem vos fez molesto tratamento,
Não pode ter subido pensamento.

LXXXVII

De não sahir em terra toda a gente,
Por observar a usada preeminencia,
Ainda que me pêze estranhamente,
Em muito tenho a muita obdiencia:
Mas, se lho o regimento não consente,
Nem eu consentirei, que a excellencia
De peitos tão leaes em si desfaça,
Só porque a meu desejo satisfaça.

LXXXVIII

Porém, como a luz crastina chegada
Ao mundo for, em minhas almadias,
Eu irei visitar a forte armada,
Que ver tanto desejo ha tantos dias:
E, se vier do mar desbaratada,
Do furioso vento, e longas vias,
Aqui terá de limpos pensamentos
Piloto, munições, e mantimentos.

Os Portuguezes festejam alegremente a noite da sua chegada áquella hospitaleira região

LXXXIX

Isto disse, e nas aguas se escondia
O filho de Latona: e o mensageiro
Co'a embaixada alegre se partia
Para a frota no seu batel ligeiro.
Enchem-se os peitos todos de alegria,
Por terem o remedio verdadeiro,
Para acharem a terra, que buscavam;
E assi ledos a noite festejavam.

XC

Não faltam alli os raios de artificio,
Os tremulos cometas imitando:
Fazem os bombardeiros seu officio,
O ceo, a terra, e as ondas atroando.
Mostra-se dos Cyclópas o exercicio
Nas bombas, que de fogo estão queimando:
Outros com vozes, com que o ceo feriam,
Instrumentos altisonos tangiam.

XCI

Respondem-lhe da terra juntamente,
Co'o raio volteando, com zonido;
Anda em gyros no ar a roda ardente,
Estoura o pó sulphureo escondido:
A grita se alevanta ao ceo, da gente;
O mar se via em fogos accendido,
E não menos a terra; e assi festeja
Hum ao outro, á maneira de peleja.

Embarca-se o rei de Melinde para ir visitar a frota Portugueza.

XCII

Mas já o ceo inquieto revolvendo,
As gentes incitava a seu trabalho:
E já a mãi de Memnon a luz trazendo,
Ao somno longo punha certo atalho:
Hiam-se as sombras lentas desfazendo,
Sobre as flores da terra em frio orvalho;
Quando o Rei Melindano se embarcava
A ver a frota, que no mar estava.

Parte o Gama em hum batel a encontrar-se no mar com o rei Mouro, que vinha em demanda das embarcações Portuguezas

XCVII

Não menos guarnecido o Lusitano
Nos seus bateis da frota se partia,
A receber no mar o Melindano,
Com lustrosa e honrada companhia:
Vestido o Gama vem ao modo Hispano
(Mas Franceza era a roupa, que vestia)
De setim da Adriatica Veneza
Carmesi, cor que a gente tanto preza:

Falla do Gama ao rei de Melinde

CIV

Ó tu, que só tiveste piedade,
Rei benigno, da gente Lusitana,
Que com tanta miseria, e adversidade
Dos mares exprimenta a furia insana;
Aquella alta, e divina Eternidade,
Que o ceo revolve, e rege a gente humana;
Pois que de ti taes obras recebemos,
Te pague o, que nós outros não podemos.

CV

Tu só, de todos, quantos queima Apollo,
Nos recebes em paz, do mar profundo:
Em ti dos ventos horridos de Eolo
Refugio achamos bom, fido, e jucundo;
Em quanto apascentar o largo polo
As estrellas, e o Sol der lume ao mundo,
Onde quer que eu viver, com fama e gloria
Viverão teus louvores em memoria,

O rei de Melinde pede ao Gama que o informe ácerca da situação e historia do povo a que pertencia, e dos successos da sua longa navegação

CVIII

Em praticas o Mouro differentes
Se deleitava, perguntando agora
Pelas guerras famosas e excellentes,
Co'o povo havidas, que a Mafoma adora:
Agora lhe pergunta pelas gentes
De toda a Hesperia ultima, onde mora:
Agora pelos povos seus visinhos,
Agora pelos humidos caminhos.

CIX

Mas antes, valeroso Capitão,
Nos conta, lhe dizia, diligente
Da terra tua o clima, e região
Do Mundo, onde morais, distinctamente;
E assi de vossa antigua geração,
E o principio do reino tão potente,
Co'os successos das guerras do começo;
Que, sem sabe-las, sei que são de preço:

CX

E assi tambem nos conta dos rodeios
Longos, em que te traz o mar irado,
Vendo os costumes barbaros alheios,
Que a nossa Africa ruda tem criado:
Conta; que agora vem com os aureos freios
Os cavallos, que o carro marchetado
Do novo Sol, da fria Aurora trazem;
O vento dorme, o mar, e as ondas jazem.

CXI

E não menos co'o tempo se parece
O desejo de ouvir-te o, que contares;
Que quem ha, que por fama não conhece
As obras Portuguezas singulares?
Não tanto desviado resplandece
De nós o claro Sol, para julgares,
Que os Melindanos tem tão rudo peito,
Que não estimem muito hum grande feito.

EXCERPTOS DO CANTO III

Vasco da Gama, satisfazendo aos desejos do rei de Melinde, dispõe-se a esclarece-lo ácerca da situação de Portugal, e a contar-lhe os factos mais importantes da sua historia, fazendo preceder de hum breve preambulo a sua longa narração.

III

Promptos estavam todos escuitando
O, que o sublime Gama contaria:
Quando, despois de hum pouco estar cuidando,
Alevantando o rosto, assi dizia:
Mandas-me, ó Rei, que conte declarando
De minha gente a grão genealogia:
Não me mandas contar estranha historia,
Mas mandas-me louvar dos meus a gloria.

IV

Que outrem possa louvar esforço alheio,
Cousa he, que se costuma, e se deseja:
Mas louvar os meus proprios, arreceio,
Que louvor tão suspeito mal me esteja:
E, para dizer tudo, temo, e creio,
Que qualquer longo tempo curto seja:
Mas, pois o mandas, tudo se te deve;
Irei contra o, que devo, e serei breve.

V

Alem disso, o que a tudo em fim me obriga,
He não poder mentir no, que disser;
Porque de feitos taes, por mais que diga,
Mais me ha de ficar inda por dizer:
Mais; porque nisto a ordem leve, e siga,
Segundo o que desejas de saber,
Primeiro tratarei da larga terra,
Despois direi da sanguinosa guerra.

Magnifica descripção geographica da Europa

VI

Entre a zona, que o Cancro senhorea,
Meta Septentrional do Sol luzente,
E aquella, que por fria se arrecea
Tanto, como a do meio por ardente,
Jaz a soberba Europa, a quem rodea
Pela parte do Arcturo, e do Occidente
Com suas salsas ondas o Oceano,
E pela Austral o mar Mediterrano.

VII

Da parte, donde o dia vem nascendo,
Com Asia se avisinha; mas o rio,
Que dos montes Rhipheios vai correndo
Na alagoa Meotis, curvo e frio,
As divide: e o mar, que fero e horrendo
Vio dos Gregos o irado senhorio,
Onde agora de Troia triumphante
Não vê mais, que a memoria, o navegante.

VIII

Lá onde mais debaixo está do polo,
Os montes Hyperboreos apparecem,
E aquelles, onde sempre sopra Eolo,
E co'o nome dos sôpros se ennobrecem:
Aqui tão pouca força tem de Apollo
Os raios, que no mundo resplandecem,
Que a neve está contino pelos montes,
Gelado o mar, geladas sempre as fontes.

IX

Aqui dos Scythas grande quantidade
Vivem, que antiguamente grande guerra
Tiveram sobre a humana antiguidade
Co'os, que tinham então a Egypcia terra:
Mas quem tão fóra estava da verdade,
(Já que o juizo humano tanto erra)
Para que do mais certo se informara,
Ao campo Damasceno o perguntara.

X

Agora nestas partes se nomea
A Lappia fria, a inculta Noroega,
Escandinavia ilha, que se arrea
Das victorias, que Italia não lhe nega:
Aqui, em quanto as aguas não refrea
O congelado inverno, se navega
Hum braço do Sarmatico Oceano,
Pelo Brusio, Suecio, e frio Dano.

XI

Entre este mar, e o Tanais vive estranha
Gente, Ruthenos, Moscos, e Livonios,
Sarmatas outro tempo, e na montanha
Hircinia, os Marcomanos são Polonios.
Sujeitos ao Imperio de Alemanha
São Saxones, Bohemios, e Pannonios,
E outras varias nações, que o Rheno frio
Lava, e o Danubio, Amásis, e Albis rio.

XII

Entre o remoto Istro, e o claro estreito,
Aonde Helle deixou co'o nome a vida,
Estão os Thraces de robusto peito,
Do fero Marte patria tão querida,
Onde co'o Hemo, o Rhódope sujeito
Ao Othomano está, que sobmettida
Byzancio tem a seu serviço indino:
Boa injuria do grande Constantino!

XIII

Logo de Macedonia estão as gentes,
A quem lava do Axio a agua fria:
E vós tambem, ó terras excellentes
Nos costumes, engenhos, e ousadia,
Que creastes os peitos eloquentes,
E os juizos de alta phantasia,
Com quem tu, clara Grecia, o ceo penetras,
E não menos por armas, que por letras.

XIV

Logo os Dalmatas vivem, e no seio,
Onde Antenor já muros levantou,
A soberba Veneza está no meio
Das aguas; que tão baixa começou.
Da terra hum braço vem ao mar, que cheio
De esforço nações varias sujeitou;
Braço forte de gente sublimada,
Não menos nos engenhos, que na espada.

XV

Em torno o cerca o reino Neptunino,
Co'os muros naturaes por outra parte:
Pelo meio o divide o Apennino,
Que tão illustre fez o patrio Marte:
Mas despois que o Porteiro tem divino,
Perdendo o esforço veio, e bellica arte:
Pobre está já de antigua potestade:
Tanto Deos se contenta de humildade!

XVI

Gallia alli se verá, que nomeada
Co'os Cesáreos triumphos foi no mundo,
Que do Séquana, e Rhódano he regada,
E do Garumna frio, e Rheno fundo:
Logo os montes da Nympha sepultada
Pyrene se alevantam, que, segundo
Antiguidades contam, quando arderam,
Rios de ouro, e de prata então correram.

XVII

Eis-aqui se descobre a nobre Hespanha,
Como cabeça alli de Europa toda,
Em cujo senhorio, e gloria estranha
Muitas voltas tem dado a fatal roda:
Mas nunca poderá com força, ou manha,
A fortuna inquieta pôr-lhe noda,
Que lha não tire o esforço, e ousadia
Dos bellicosos peitos, que em si cria.

XVIII

Com Tingitania entesta, e alli parece
Que quer fechar o mar Mediterrano,
Onde o sabido Estreito se ennobrece
Co'o extremo trabalho do Thebano:
Com nações differentes se engrandece,
Cercadas com as ondas do Oceano.
Todas de tal nobreza, e tal valor,
Que qualquer dellas cuida, que he melhor,

XIX

Tem o Tarragonez, que se fez claro
Sujeitando Parthénope inquieta,
O Navarro, as Asturias, que reparo
Já foram contra a gente Mahometa;
Tem o Gallego cauto, e o grande e raro
Castelhano, a quem fez o seu planeta
Restituidor de Hespanha, e senhor della,
Betis, Leão, Granada, com Castella.

Depois de ter enumerado os principaes reinos ou provincias de que se compõe a monarquia Hespanhola, o heroe Portuguez, faz menção da sua querida patria, e prorompe em uma pathetica exclamação

XX

Eis-aqui, quasi cume da cabeça
De Europa toda, o reino Lusitano,
Onde a terra se acaba, e o mar começa,
E onde Phebo repousa no Oceano:
.....

XXI

Esta he a ditosa patria minha amada,
Á qual se o Ceo me dá, que eu sem perigo
Torne com esta empreza já acabada;
Acabe-se esta luz alli comigo.
Esta foi Lusitania, derivada
De Luso, ou Lysa, que de Baccho antigo
Filhos foram, parece, ou companheiros,
E nella então os incolas primeiros.

XXII

Desta o Pastor nasceo, que no seu nome
Se vê, que de homem forte os feitos teve,
Cuja fama ninguem virá, que dome;
Pois a grande de Roma não se atreve.
Esta o velho, que os filhos proprios come,
Por decreto do Ceo, ligeiro e leve,
Veio a fazer no mundo tanta parte,
Creando-a reino illustre, e foi desta arte.

O Gama indica os factos que prepararam o estabelecimento da monarquia Portugueza.

XXIII

Hum Rei, por nome Afonso, foi na Hespanha,
Que fez aos Sarracenos tanta guerra,
Que por armas sanguinas, força, e manha,
A muitos fez perder a vida, e a terra:
Voando deste Rei a fama estranha
Do Herculano Calpe á Caspia serra,
Muitos, para na guerra esclarecer-se,
Vinham a elle, e á morte offerecer-se.

XXIV

E c'hum amor intrinseco accendidos
Da Fé mais, que das honras populares,
Eram de varias terras conduzidos,
Deixando a patria amada, e proprios lares.
Despois que em feitos altos, e subidos,
Se mostraram nas armas singulares,
Quiz o famoso Afonso, que obras taes
Levassem premio digno, e dons iguaes.

Vinda de D. Henrique de Borgonha á peninsula e feitos gloriosos deste Principe, seu casamento com a Senhora D. Thereza, nascimento do Principe D. Affonso

XXV

Destes Henrique, dizem, que segundo
Filho de hum Rei de Hungria exprimentado,
Portugal houve em sorte, que no mundo
Então não era illustre, nem prezado:
E, para mais sinal d'amor profundo,
Quiz o Rei Castelhano, que casado
Com Teresa sua filha o Conde fosse;
E com ella das terras tomou posse.

XXVI

Este, despois que contra os descendentes
Da escrava Agar victorias grandes teve,
Ganhando muitas terras adjacentes,
Fazendo o que a seu forte peito deve,
Em premio destes feitos excellentes,
Deo-lhe o supremo Deos em tempo breve
Hum filho, que illustrasse o nome ufano
Do bellicoso reino Lusitano.

XXVII

Ja tinha vindo Henrique da conquista
Da cidade Hierosolyma sagrada,
E do Jordão a arêa tinha vista,
Que vio de Deos a carne em si lavada;
Que não tendo Gothfredo a quem resista,
Despois de ter Judea sobjugada,
Muitos, que nestas guerras o ajudaram,
Para seus senhorios se tornaram.

XXVIII

Quando chegado ao fim de sua idade,
O forte, e famoso Hungaro estremado,
Forçado da fatal necessidade,
O esp'rito deo, a quem lh'o tinha dado:
Ficava o filho em tenra mocidade,
Em quem o pai deixava seu traslado,
Que do mundo os mais fortes igualava;
Que de tal pai tal filho se esperava.

Lucta do Principe D. Affonso Henriques com sua mãi, que não lhe entregava as redeas do governo, e com os Castelhanos que defendiam a causa da Rainha

XXX

Mas o principe Afonso, que desta arte
Se chamava, do avô tomando o nome,
Vendo-se em suas terras não ter parte;
Que a mãi com seu marido as manda, e come,
Fervendo-lhe no peito o duro Marte,
Imagina comsigo como as tome:
Revolvidas as causas no conceito,
Ao proposito firme segue o effeito.

XXXI

De Guimarães o campo se tingia
Co'o sangue proprio da intestina guerra,
Onde a mãi, que tão pouco o parecia,
A seu filho negava o amor, e a terra.
. . . . . .

XXXIII

Mas já o Principe claro o vencimento
Do padrasto, e da iniqua mãi levava:
Já lhe obedece a terra n'hum momento,
Que primeiro contra elle pelejava:
Porêm, vencido de ira o entendimento,
A mãi em ferros asperos atava:
Mas de Deos foi vingada em tempo breve:
Tanta veneração aos pais se deve!

XXXIV

Eis se ajunta o soberbo Castelhano,
Para vingar a injuria de Teresa,
Contra o tão raro em gente Lusitano,
A quem nenhum trabalho aggrava, ou pesa,
Em batalha cruel o peito humano,
Ajudado da angelica defesa,
Não só contra tal furia se sustenta,
Mas o inimigo asperrimo affugenta.

Lance de heroica lealdade de Egas Moniz, aio do Principe D. Affonso

XXXV

Não passa muito tempo, quando o forte
Principe em Guimarães está cercado
De infinito poder; que desta sorte
Foi refazer-se o imigo magoado:
Mas, com se offerecer á dura morte
O fiel Egas amo, foi livrado;
Que de outra arte pudera ser perdido,
Segundo estava mal apercebido.

XXXVI

Mas o leal vassallo, conhecendo
Que seu senhor não tinha resistencia,
Se vai ao Castelhano, promettendo
Que elle faria dar-lhe obediencia:
Levanta o inimigo o cerco horrendo,
Fiado na promessa, e consciencia
De Egas Moniz: Mas não consente o peito
Do moço illustre a outrem ser sujeito.

XXXVII

Chegado tinha o prazo promettido,
Em que o Rei Castelhano já aguardava,
Que o Principe a seu mando sobmettido,
Lhe désse a obediencia, que esperava:
Vendo Egas, que ficava fementido,
O que delle Castella não cuidava,
Determina de dar a doce vida
A troco da palavra mal cumprida:

XXXVIII

E com seus filhos, e mulher se parte,
A alevantar com elles a fiança,
Descalços, e despidos, de tal arte,
Que mais move a piedade, que a vingança.
Se pretendes, Rei alto, de vingar-te
De minha temeraria confiança,
Dizia, eis-aqui venho offerecido
A te pagar co'a vida o promettido.

XXXIX

Vês aqui trago as vidas innocentes
Dos filhos sem peccado, e da consorte;
Se a peitos generosos, e excellentes
Dos fracos satisfaz a fera morte.
Vês aqui as mãos, e a lingua delinquentes,
Nellas sós exprimenta toda sorte
De tormentos, de mortes pelo estylo
De Scinis, e do touro de Perillo.

XL

Qual diante do algôz o condemnado,
Que já na vida a morte tem bebido,
Põe no cepo a garganta, e já entregado
Espera pelo golpe tão temido:
Tal diante do Principe indignado
Egas estava a tudo offerecido:
Mas o Rei, vendo a estranha lealdade,
Mais pôde em fim, que a ira, a piedade.

XLI

Oh grão fidelidade Portugueza
De vassallo, que a tanto se obrigava!
Que mais o Persa fez naquella empreza,
Onde rosto, e narizes se cortava?
Do que ao grande Darío tanto peza
Que, mil vezes dizendo, suspirava,
Que mais o seu Zopyro são prezara,
Que vinte Babylonias que tomara.

Batalha de Ourique, apparecimento de Nosso Senhor Jesus-Christo a D. Affonso Henriques, o qual he acclamado rei pelo seu exercito

XLII

Mas já o Principe Afonso apparelhava
O Lusitano exercito ditoso
Contra o Mouro, que as terras habitava
D'alem do claro Tejo deleitoso:
Já no campo de Ourique se assentava
O arraial soberbo, e bellicoso
Defronte do inimigo Sarraceno,
Postoque em força, e gente tão pequeno.

XLIII

Em nenhuma outra cousa confiado,
Senão no summo Deos, que o céo regia;
Que tão pouco era o povo bautizado,
Que para hum só cem Mouros haveria:
Julga qualquer juizo socegado
Por mais temeridade, que ousadia,
Commetter hum tamanho ajuntamento;
Que para hum cavalleiro houvesse cento.

XLIV

Cinco Reis Mouros são os inimigos,
Dos quaes o principal Ismar se chama,
[illegible]
Da guerra, onde se alcança a illustre fama:
Seguem guerreiras damas seus amigos,
Imitando a famosa e forte dama,
De quem tanto os Troianos se ajudaram,
E as que o Thermodonte já gostaram.

XLV

A matutina luz serena, e fria
As estrellas do polo já apartava,
Quando na Cruz o Filho de Maria,
Amostrando-se a Afonso, o animava.
Elle, adorando quem lhe apparecia,
Na Fé todo inflammado, assi gritava:
Aos infieis, Senhor, aos infieis,
E não a mi, que creio o, que podeis!

XLVI

Com tal milagre os animos da gente
Portugueza inflammados , levantavam
Por seu Rei natural este excellente
Principe, que do peito tanto amavam:
E diante do exercito potente
Dos imigos, gritando o céo tocavam,
Dizendo em alta voz: «Real, Real,
Por Afonso alto Rei de Portugal.»

XLVII

Qual co'os gritos, e vozes incitado
Pela montanha o rabido moloso,
Contra o touro remette, que fiado
Na força está do corno temeroso:
Ora pega na orelha, ora no lado,
Latindo, mais ligeiro, que forçoso;
Até que em fim, rompendo-lhe a garganta,
Do bravo a força horrenda se quebranta:

XLVIII

Tal do Rei novo o estomago, accendido
Por Deos, e pelo povo juntamente,
O barbaro commette apercebido
Co'o animoso exercito rompente:
Levantam nisto os perros o alarido
Dos gritos, tocam á arma, ferve a gente,
As lanças e arcos tomam, tubas soam,
Instrumentos de guerra tudo atroam,

XLIX

Bem como quando a flamma, que ateada
Foi nos aridos campos, (assoprando
O sibilante Boreas) animada
Co'o vento, o secco mato vai queimando:
A pastoral companha, que deitada
Co'o doce somno estava, despertando
Ao estridor do fogo, que se atea,
Recolhe o fato, e foge para a aldea:

L

Desta arte o Mouro attonito, e torvado,
Toma sem tento as armas mui depressa:
Não foge, mas espera confiado,
E o ginete belligero arremessa.
O Portuguez o encontra denodado,
Pelos peitos as lanças lhe atravessa:
Huns cahem meios mortos, e outros vão
A ajuda convocando do Alcorão.

LI

Alli se vêm encontros temerosos,
Para se desfazer huma alta serra,
E os animaes correndo furiosos,
Que Neptuno amostrou ferindo a terra:
Golpes se dão medonhos, e forçosos,
Por toda a parte andava accesa a guerra:
Mas o de Luso, arnêz, couraça, e malha
Rompe, corta, desfaz, abola, e talha.

LII

Cabeças pelo campo vão saltando,
Braços, pernas, sem dono, e sem sentido,
E d'outros as entranhas palpitando,
Pallida a côr, o gesto amortecido.
Já perde o campo o exercito nefando,
Correm rios do sangue desparzido,
Com que tambem do campo a côr se perde,
Tornado carmesi de branco, e verde.

LIII

Já fica vencedor o Lusitano,
Recolhendo os tropheos, e presa rica:
Desbaratado, e roto o Mouro Hispano,
Tres dias o grão Rei no campo fica.

. . . . . .

El-Rei D. Affonso Henriques, depois de varias victorias e conquistas, põe cerco a Lisboa, que estava em poder dos Mouros; e com o auxilio de huma armada de Cruzados, toma a cidade, depois de hum assedio de cinco mezes

LVII

E tu, nobre Lisboa, que no mundo
Facilmente das outras és princesa,
Que edificada foste do facundo,
Por cujo engano foi Dardania accesa:
Tu, a quem obedece o mar profundo,
Obedeceste á força Portuguesa,
Ajudada tambem da forte armada,
Que das Boreaes partes foi mandada,

LVIII

Lá do Germanico Albis, e do Rheno,
E da fria Bretanha conduzidos,
A destruir o povo Sarraceno,
Muitos com tenção sancta eram partidos:
Entrando a boca já do Tejo ameno,
Co'o arraial do grande Afonso unidos,
Cuja alta fama então subia aos ceos,
Foi posto cerco aos muros Ulysseos.

LIX

Cinco vezes a Lua se escondera,
E outras tantas mostrara cheio o rosto,
Quando a cidade entrada se rendera
Ao duro cerco, que lhe estava posto.
Foi a batalha tão sanguina e fera,
Quanto obrigava o firme presupposto
De vencedores asperos e ousados,
E de vencidos já desesperados.

Depois de alcançadas muitas outras victorias, e recuperadas do poder dos Mouros varias cidades e villas, El-Rei D. Affonso Henriques experimenta hum grande revez junto a Badajoz

LXIX

Mas o alto Deos, que para longe guarda
O castigo daquelle, que o merece;
Ou, para que se emende, ás vezes tarda;
Ou por segredos, que homem não conhece:
Se atéqui sempre o forte Rei resguarda
Dos perigos, a que elle se offerece,
Agora lhe não deixa ter defesa
Da maldição da mãi, que estava presa;

LXX

Que estando na cidade, que cercara,
Cercado nella foi dos Leonezes;
Porque a conquista della lhe tomara,
De Leão sendo, e não dos Portuguezes.
A pertinacia aqui lhe custa cara,
Assi como acontece muitas vezes;
Que em ferros quebra as pernas, indo acceso
Á batalha, onde foi vencido, e preso.

Tendo o Mir-almuminin, soberano de Marrocos, entrado em Portugal com hum formidavel exercito, vai cercar Santarem, onde se achava o infante D. Sancho, filho d'El-Rei D. Affonso Henriques

LXXVIII

Entrava com toda esta companhia
O Mir-almuminin em Portugal,
Treze Reis Mouros leva de valia,
Entre os quaes tem o sceptro Imperial:
E assi fazendo quanto mal podia,
O que em partes podia fazer mal,
Dom Sancho vai cercar em Santarem;
Porém não lhe succede muito bem.

LXXIX

Da-lhe combates asperos, fazendo
Ardis de guerra mil o Mouro iroso:
Não lhe aproveita já trabuco horrendo,
Mina secreta, ariete forçoso:
Porque o filho de Afonso não perdendo
Nada do esforço, e acordo generoso,
Tudo provê com animo, e prudencia;
Que em toda a parte ha esforço, e resistencia.

El-Rei D. Affonso Henriques marcha de Coimbra em soccorro de seu filho, e ambos desbaratam totalmente o exercito Mouro

LXXX

Mas o velho, a quem tinham já obrigado
Os trabalhosos annos ao socego,
Estando na cidade, cujo prado
Enverdecem as aguas do Mondego,
Sabendo como o filho está cercado
Em Santarem do Mauro povo cego,
Se parte diligente da cidade:
Que não perde a presteza co'a idade.

LXXXI

E co'a famosa gente á guerra usada
Vai soccorrer o filho: e assi ajuntados,
A Portuguesa furia costumada
Em breve os Mouros tem desbaratados;
A campina, que toda está coalhada
De marlotas, capuzes variados,
De cavallos, jaezes, presa rica,
De seus senhores mortos cheia fica.

LXXXII

Logo todo o restante se partio
De Lusitania, postos em fugida:
O Mir-almuminin só não fugio;
Porque antes de fugir, lhe foge a vida:
A quem lhe esta victoria permittio.
Dão louvores, e graças sem medida:
Que em casos tão estranhos claramente
Mais peleja o favor de Deos, que a gente.

Fallecimento do glorioso fundador da Monarquia Portugueza

LXXXIII

De tamanhas victorias triumphava
O velho Afonso, Principe subido:
Quando, quem tudo em fim vencendo andava,
Da larga e muita idade foi vencido:
A pallida doença lhe tocava
Com fria mão o corpo enfraquecido,
E pagaram seus annos deste geito
Á triste Libitina seu direito.

LXXXIV

Os altos promontorios o choraram,
E dos rios as aguas saudosas
Os semeados campos alagaram,
Com lagrimas correndo piedosas:
Mas tanto pelo mundo se alargaram
Com fama suas obras valerosas,
Que sempre no seu reino chamarão,
Afonso, Afonso, os eccos: mas em vão.

Proezas do novo Rei D. Sancho I, e tomada da cidade de Silves, com auxilio de cruzados Flamengos. Conquista de Tui e de outras villas de Galliza pelo mesmo soberano

LXXXV

Sancho forte mancebo, que ficara
Imitando seu pai na valentia,
E que em sua vida já se exprimentara,
Quando o Betis de sangue se tingia,
E o barbaro poder desbaratara
Do Ismaelita Rei de Andaluzia,
E mais quando os, que Beja em vão cercaram,
Os golpes de seu braço em si provaram:

LXXXVI

Despois que foi por Rei alevantado,
Havendo poucos annos que reinava,
A cidade de Sylves tem cercado,
Cujos campos o barbaro lavrava:
Foi das valentes gentes ajudado
Da Germanica armada, que passava,
De armas fortes e gente apercebida,
A recobrar Judea já perdida.

LXXXVII

Passavam a ajudar na sancta empresa
O roxo Federico, que moveo
O poderoso exercito em defesa
Da cidade, onde Christo padeceo,
Quando Guido, co'a gente em sede accesa,
Ao grande Saladino se rendeo,
No lugar, onde aos Mouros sobejavam
As aguas, que os de Guido desejavam.

LXXXVIII

Mas a formosa armada, que viera
Por contraste de vento áquella parte,
Sancho quiz ajudar na guerra fera,
Já que em serviço vai do sancto marte:
Assi como a seu pai acontecera,
Quando tomou Lisboa, da mesma arte,
Do Germano ajudado Sylves toma,
E o bravo morador destrue, e doma.

LXXXIX

E se tantos tropheos do Mahometa
Alevantando vai, tambem do forte
Leonez não consente estar quieta
A terra, usada aos casos de Mavorte;
Até que na cerviz seu jugo metta
Da soberba Tui, que a mesma sorte
Vio ter a muitas villas suas visinhas,
Que por armas tu, Sancho, humildes tinhas.

Morto D. Sancho I, succede-lhe D. Affonso II que toma aos Mouros (com auxilio estrangeiro) Alcacer do Sal

XC

Mas entre tantas palmas salteado
Da temerosa morte, fica herdeiro
Hum filho seu, de todos estimado,
Que foi segundo Afonso, e Rei terceiro:
No tempo deste aos Mouros foi tomado
Alcacere-do-Sal por derradeiro;
Porque d'antes os Mouros o tomaram,
Mas agora estruidos o pagaram.

A D. Affonso II succede D. Sancho II, o qual havendo-se deixado dominar de seus privados, he despojado do exercicio da soberania

XCI

Morto despois Afonso, lhe succede
Sancho segundo, manso e descuidado,
Que tanto em seus descuidos se desmede,
Que de outrem, quem mandava, era mandado:
De governar o reino, que outro pede,
Por causa dos privados foi privado;
Porque, como por elles se regia,
Em todos os seus vicios consentia.

XCIII

Nem era o povo seu tyrannisado,
Como Sicilia foi de seus tyrannos:
Nem tinha, como Phálaris, achado
Genero de tormentos inhumanos:
Mas o reino de altivo, e costumado
A senhores em tudo soberanos,
A Rei não obedece, nem consente,
Que não for mais, que todos, excellente:

Toma conta do governo o Conde de Bolonha, que depois da morte de D. Sancho II, seu irmão, reinou com o nome de Affonso III, e acabou de libertar Portugal do dominio dos Mouros

XCIV

Por esta causa o reino governou
O Conde Bolonhez, despois alçado
Por Rei, quando da vida se apartou
Seu irmão Sancho, sempre ao ocio dado.
Este, que Afonso o bravo se chamou,
Despois de ter o reino segurado,
Em dilata-lo cuida; que em terreno
Não cabe o altivo peito tão pequeno.

XCV

Da terra dos Algarves, que lhe fôra
Em casamento dada, grande parte
Recupera co'o braço, e deita fóra
O Mouro, mal querido já de Marte:
Este de todo fez livre e senhora
Lusitania com força, e bellica arte,
E acabou de opprimir a nação forte
Na terra, que aos de Luso coube em sorte.

Reinado de D. Diniz, que fundou a Universidade de Coimbra, e mandou edificar muitas villas e fortalezas

XCVI

Eis despois vem Diniz, que bem parece
Do bravo Afonso estirpe nobre e dina,
Com quem a fama grande se escurece
Da liberalidade Alexandrina:
Com este o reino prospero florece
(Alcançada já a paz aurea divina)
Em constituições, leis, e costumes,
Na terra já tranquilla claros lumes:

XCVII

Fez primeiro em Coimbra exercitar-se
O valeroso officio de Minerva,
E de Helícona as Musas fez passar-se
A pizar do Mondego a fertil herva.
Quanto pode de Athenas desejar-se,
Tudo o soberbo Apollo aqui reserva:
Aqui as capellas dá tecidas de ouro,
Do baccharo, e do sempre verde louro.

XCVIII

Nobres villas de novo edificou,
Fortalezas, castellos mui seguros,
E quasi o reino todo reformou
Com edificios grandes, e altos muros:
Mas despois que a dura Átropos cortou
O fio de seus dias já maduros,
Ficou-lhe o filho pouco obediente,
Quarto Afonso: mas forte e excellente.

A D. Diniz succede D. Affonso IV. El-Rei de Castella, D. Affonso XI, vendo invadidos os seus estados por hum numerosissimo exercito de infieis, envia a Portugal sua esposa D. Maria, filha do nosso monarcha, para lhe pedir que o fosse auxiliar em tamanho perigo

XCIX

Este sempre as soberbas Castelhanas
Co'o peito desprezou firme e sereno;
Porque não he das forças Lusitanas
Temer poder maior, por mais pequeno:
Mas porém, quando as gentes Mauritanas,
A possuir o Hesperico terreno,
Entraram pelas terras de Castella,
Foi o soberbo Afonso a soccorre-la.

C

Nunca com Semirâmis gente tanta
Veio os campos Hydaspicos enchendo:
Nem Attila, que Italia toda espanta,
Chamando-se de Deos açoute horrendo.
Gothica gente trouxe tanta, quanta
Do Sarraceno barbaro estupendo,
Co'o poder excessivo de Granada,
Foi nos campos Tartessios ajuntada.

CI

E vendo o Rei sublime Castelhano
A força inexpugnabil, grande e forte,
Temendo mais o fim do povo Hispano,
Já perdido huma vez, que a propria morte;
Pedindo ajuda ao forte Lusitano,
Lhe mandava a charissima consorte,
Mulher de quem a manda, e filha amada
Daquelle, a cujo reino foi mandada.

CII

Entrava a formosissima Maria
Pelos paternaes paços sublimados,
Lindo o gesto, mas fóra de alegria,
E seus olhos em lagrimas banhados:
Os cabellos angelicos trazia
Pelos eburneos hombros espalhados;
Diante do pai ledo, que a agasalha,
Estas palavras taes chorando espalha:

Falla da Rainha D. Maria de Castella a El-Rei de Portugal D. Affonso IV seu pai

CIII

Quantos povos a terra produzio
De Africa toda, gente fera e estranha,
O grão Rei de Marrocos conduzio,
Para vir possuir a nobre Hespanha:
Poder tamanho junto não se vio,
Despois que o salso mar a terra banha:
Trazem ferocidade, e furor tanto,
Que a vivos medo, e a mortos faz espanto.

CIV

Aquelle, que me déste por marido,
Por defender sua terra amedrontada,
Co'o pequeno poder offerecido
Ao duro golpe está da Maura espada;
E se não for comtigo soccorrido,
Vêr-me-has delle, e do reino ser privada,
Viuva, e triste, e posta em vida escura,
Sem marido, sem reino, e sem ventura.

CV

Por tanto, ó Rei, de quem com puro medo
O corrente Mulucha se congela,
Rompe toda a tardança, acude cedo
Á miseranda gente de Castella:
Se esse gesto, que mostras claro e ledo,
De pai o verdadeiro amor assella,
Acude, e corre pai; que se não corres,
Pode ser que não aches, quem soccores.

Descripção da famosa batalha do Salado, em que os reis de Castella e de Portugal desbarataram complectamente o exercito dos Mouros

CIX

Juntos os dous Afonsos finalmente
Nos campos de Tarifa, estão defronte
Da grande multidão da cega gente,
Para quem são pequenos campo e monte.
Não ha peito tão alto, e tão potente,
Que de desconfiança não se affronte,
Em quanto não conheça, e claro veja,
Que co'o braço dos seus Christo peleja.

CX

Estão de Agar os netos quasi rindo
Do poder dos Christãos fraco e pequeno,
As terras, como suas, repartindo
Antemão entre o exercito Agareno,
Que com titulo falso possuindo
Está o famoso nome Sarraceno:
Assi tambem com falsa conta, e nua,
Á nobre terra alheia chamam sua.

CXI

Qual o membrudo e barbaro Gigante,
Do Rei Saul com causa tão temido,
Vendo o Pastor inerme estar diante,
Só de pedras, e esforço apercebido;
Com palavras soberbas o arrogante
Despreza o fraco moço mal vestido,
Que, rodeando a funda, o desengana,
Quanto mais pode a fé, que a força humana:

CXII

Desta arte o Mouro perfido despreza
O poder dos Christãos, e não entende,
Que está ajudado da alta fortaleza,
A quem o inferno horrifico se rende:
Com ella o Castelhano, e com destreza,
De Marrocos o Rei commette, e offende:
O Portuguez, que tudo estima em nada,
Se faz temer ao reino de Granada.

CXIII

Eis as lanças, e espadas retiniam
Por cima dos arnezes: bravo estrago!
Chamam, (segundo as leis, que alli seguiam)
Huns Mafamede, e os outros Sanct-Iago:
Os feridos com grita o ceo feriam,
Fazendo de seu sangue bruto lago,
Onde outros meios mortos se affogavam,
Quando do ferro as vidas escapavam,

CXIV

Com esforço tamanho estrue, e mata
O Luso ao Granadil, que em pouco espaço
Totalmente o poder lhe desbarata,
Sem lhe valer defeza, ou peito de aço:
De alcançar tal victoria tão barata
Inda não bem contente o forte braço,
Vai ajudar ao bravo Castelhano,
Que pelejando está co'o Mauritano.

CXV

Já se hia o Sol ardente recolhendo
Para a casa de Thetis, e inclinado
Para o Ponente, o vespero trazendo,
Estava o claro dia memorado:
Quando o poder do Mouro grande e horrendo
Foi pelos fortes Reis desbaratado
Com tanta mortandade, que a memoria
Nunca no mundo vio tão grão victoria.

CXVI

Não matou a quarta parte o forte Mario,
Dos que morreram neste vencimento,
Quando as aguas co'o sangue do adversario
Fez beber ao exercito sedento:
Nem o Peno, asperissimo contrario
Do Romano poder, de nascimento,
Quando tantos matou da illustre Roma,
Que alqueires tres de anneis dos mortos toma.

CXVII

E se tu tantas almas só pudeste
Mandar ao reino escuro de Cocyto,
Quando a sancta Cidade desfizeste
Do povo, pertinaz no antiguo rito,
Permissão, e vingança foi celeste,
E não força de braço, ó nobre Tito;
Que assi dos Vates foi prophetizado,
E despois por Jesu certificado.

D. Affonso IV deslustra em parte a sua gloria permittindo que fosse morta cruelmente a infeliz D. Ignez de Castro, esposa do Principe D. Pedro seu filho. Bellissimo episodio da nossa immortal epopêa

CXVIII

Passada esta tão prospera victoria,
Tornado Afonso á Lusitana terra,
A se lograr da paz com tanta gloria,
Quanta soube ganhar na dura guerra:
O caso triste, e digno de memoria,
Que do sepulchro os homens desenterra,
Aconteceo da misera, e mesquinha,
Que, despois de ser morta, foi Rainha.

CXIX

Tu só, tu, puro Amor, com força crua,
Que os corações humanos tanto obriga,
Déste causa á molesta morte sua,
Como se fôra perfida inimiga:
Se dizem, fero Amor, que a sêde tua
Nem com lagrimas tristes se mitiga,
He porque queres, aspero e tyranno,
Tuas aras banhar em sangue humano.

CXX

Estavas, linda Ignez, posta em socego,
De teus annos colhendo doce fruito,
Naquelle engano da alma, ledo e cego,
Que a fortuna não deixa durar muito:
Nos saudosos campos do Mondego,
De teus formosos olhos nunca enxuito,
Aos montes ensinando, e ás hervinhas
O nome, que no peito escripto tinhas.

CXXI

Do teu Principe alli te respondiam
As lembranças, que na alma lhe moravam,
Que sempre ante seus olhos te traziam,
Quando dos teus formosos se apartavam.
De noite em doces sonhos, que mentiam,
De dia em pensamentos, que voavam:
E quanto em fim cuidava, e quanto via,
Eram tudo memorias de alegria.

CXXII

De outras bellas senhoras, e Princezas
Os desejados thálamos engeita;
Que tudo em fim, tu, puro amor, desprezas,
Quando hum gesto suave te sujeita.
Vendo estas namoradas estranhezas
O velho pai sesudo, que respeita
O murmurar do povo, e a phantasia
Do filho, que casar-se não queria:

CXXIII

Tirar Ignez ao mundo determina;
Por lhe tirar o filho, que tem preso,
Crendo co'o sangue só da morte indina
Matar do firme amor o fogo acceso.
Que furor consentio, que a espada fina,
Que pôde sustentar o grande peso
Do furor Mauro, fosse alevantada
Contra huma fraca dama delicada?

CXXIV

Traziam-na os horrificos algozes
Ante o Rei, já movido a piedade;
Mas o povo com falsas, e ferozes
Razões á morte crua o persuade.
Ella com tristes, e piedosas vozes,
Sahidas só da magoa, e saudade
Do seu Princepe, e filhos, que deixava,
Que mais, que a propria morte, a magoava:

CXXV

Para o ceo crystallino alevantando
Com lagrimas os olhos piedosos,
Os olhos; porque as mãos lhe estava atando
Hum dos duros ministros rigorosos:
E despois nos meninos attentando,
Que tão queridos tinha, e tão mimosos,
Cuja orphandade como mãi temia,
Para o avô cruel assi dizia:

CXXVI

Se já nas brutas feras, cuja mente
Natura fez cruel de nascimento,
E nas aves agrestes, que somente
Nas rapinas aerias tem o intento,
Com pequenas crianças vio a gente
Terem tão piedoso sentimento,
Como co'a mãi de Nino já mostraram,
E co'os irmãos, que Roma edificaram:

CXXVII

Ó tu, que tens de humano o gesto, e o peito,
(Se de humano he matar huma donzella
Fraca e sem força, só por ter sujeito
O coração, a quem soube vence-la)
A estas criancinhas tem respeito;
Pois o não tens á morte escura della:
Mova-te a piedade sua, e minha;
Pois te não move a culpa que não tinha.

CXXVIII

E se, vencendo a Maura resistencia,
A morte sabes dar com fogo e ferro,
Sabe tambem dar vida com clemencia
A quem, para perde-la, não fez erro:
Mas, se to assi merece esta innocencia,
Poem-me em perpetuo e misero desterro
Na Scythia fria, ou lá na Libya ardente,
Onde em lagrimas viva eternamente.

CXXIX

Poem-me, onde se use toda a feridade,
Entre leões e tigres; e verei,
Se nelles achar posso a piedade,
Que entre peitos humanos não achei:
Alli co'o amor intrinseco, e vontade
Naquelle, por quem mouro, criarei
Estas reliquias suas, que aqui viste;
Que refrigerio sejam da mãi triste.

CXXX

Queria perdoar-lhe o Rei benino,
Movido das palavras, que o magoam;
Mas o pertinaz povo, e seu destino
(Que desta sorte o quiz) lhe não perdoam:
Arrancam das espadas de aço fino
Os, que por bom tal feito alli apregoam.
Contra huma dama, ó peitos carniceiros,
Feros vos amostrais, e cavalleiros?

CXXXI

Qual contra a linda moça Polyxena,
Consolação extrema da mãi velha;
Porque a sombra de Achilles a condena,
Co'o ferro o duro Pyrrho se apparelha:
Mas ella os olhos, com que o ar serena,
(Bem como paciente, e mansa ovelha)
Na misera mãi postos, que endoudece,
Ao duro sacrificio se offerece:

CXXXII

Taes contra Ignez os brutos matadores
No collo de alabastro, que sostinha
As obras, com que amor matou de amores
Aquelle, que despois a fez Rainha,
As espadas banhando, e as brancas flores,
Que ella dos olhos, seus regadas tinha,
Se encarniçavam, fervidos e irosos,
No futuro castigo não cuidosos.

CXXXIII

Bem puderas, ó Sol, da vista destes,
Teus raios apartar aquelle dia,
Como da séva mesa de Thyestes,
Quando os filhos por mão de Atreo comia!
Vós, ó concavos valles, que podestes
A voz extrema ouvir da bôca fria,
O nome do seu Pedro, que lhe ouvistes,
Por muito grande espaço repetistes!

CXXXIV

Assi como a bonina, que cortada
Antes do tempo foi, candida e bella,
Sendo das mãos lascivas maltratada
Da menina, que a trouxe na capella,
O cheiro traz perdido, e a cor murchada:
Tal está morta a pallida donzella,
Seccas do rosto as rosas, e perdida
A branca e viva còr, co'a a doce vida.

A D. Affonso IV succede seu filho D. Pedro I, o qual começa o seu reinado por vingar-se dos matadores de sua esposa D. Ignez

CXXXVI

Não correo muito tempo, que a vingança
Não visse Pedro das mortaes feridas;
Que, em tomando do reino a governança,
A tomou dos fugidos homicidas:
Do outro Pedro cruissimo os alcança;
Que ambos, imigos das humanas vidas,
O concerto fizeram duro e injusto,
Que com Lepido, e Antonio fez Augusto.

CXXXVII

Este castigador foi rigoroso
De latrocinios, mortes, e adulterios:
Fazer nos máos cruezas, fero e iroso,
Eram os seus mais certos refrigerios:
As cidades guardando justiçoso,
De todos os soberbos vituperios,
Mais ladrões, castigando, á morte deo,
Que o vagabundo Alcides, ou Theseo.

A D. Pedro I succede seu filho D. Fernando I que casou com D, Leonor Telles por elle tirada a seu marido Lourenço da Cunha; e cujo reinado foi desastroso militarmente fallando.

CXXXVIII

Do justo, e duro Pedro nasce o brando,
(Vede da natureza o desconcerto)
Remisso, e sem cuidado algum, Fernando,
Que todo o reino poz em muito aperto;
Que, vindo o Castelhano devastando
As terras sem defeza, esteve perto
De destruir-se o reino totalmente;
Que hum fraco Rei faz fraca a forte gente.

CXXXIX

Ou foi castigo claro do peccado,
De tirar Leonor a seu marido,
E casar-se com ella, de enlevado
N'hum falso parecer mal entendido:
Ou foi, que o coração sujeito, e dado
Ao vicio vil, de quem se vio rendido,
Molle se fez, e fraco, e bem parece;
Que hum baixo amor os fortes enfraquece.

EXCERPTOS DO CANTO IV

Havendo fallecido El-Rei D. Fernando sem deixar filho varão, o mestre d'Aviz D. João, filho, ainda que não legitimo, d'El-Rei D. Pedro, oppõe-se á Rainha viuva D. Leonor, que mandára acclamar sua filha D. Beatriz, casada com D. João I de Castella, mata o Conde de Ourem, valido de E. Leonor, he acclamado defensor do reino pelo povo de Lisboa (e depois jurado Rei nas Cortes de Coimbra de 1385)

I

Despois de procellosa tempestade,
Nocturna sombra, e sibilante vento,
Traz a manhãa serena claridade,
Esperança de porto, e salvamento:
Aparta o Sol a negra escuridade,
Removendo o temor do pensamento:
Assi no reino forte aconteceo,
Despois que o Rei Fernando falleceo;

II

Porque se muito os nossos desejaram,
Quem os damnos e offensas vá vingando
Naquelles, que tão bem se aproveitaram
Do descuido remisso de Fernando;
Despois de pouco tempo o alcançaram,
Joanne sempre illustre alevantando
Por Rei, como de Pedro unico herdeiro,
(Ainda que bastardo) verdadeiro.

III

Ser isto ordenação dos Ceos divina,
Por sinaes muito claros se mostrou,
Quando em Evora a voz de huma menina,
Ante tempo fallando, o nomeou:
E como cousa em fim, que o Ceo destina,
No berço o corpo, e a voz alevantou:
Portugal, Portugal, alçando a mão,
Disse, pelo Rei novo, Dom João.

IV

Alteradas então do Reino as gentes
Co'o odio, que occupado os peitos tinha,
Absolutas cruezas, e evidentes
Faz do povo o furor, por onde vinha:
Matando vão amigos, e parentes
Do adultero Conde, e da Rainha,
Com quem sua incontinencia deshonesta
Mais, despois de viuva, manifesta.

V

Mas elle em fim, com causa deshonrado,
Diante della a ferro frio morre,
De outros muitos na morte acompanhado;
Que tudo o fogo erguido queima, e corre:
Quem, como Astyanax, precipitado
(Sem lhe valerem ordens) de alta torre,
A quem Ordens, nem aras, nem respeito:
Quem nu por ruas, e em pedaços feito.

VI

Podem-se pôr em longo esquecimento
As cruezas mortaes, que Roma vio,
Feitas do feroz Mario, e do cruento
Sylla, quando o contrario lhe fugio.
Por isso Leonor, que o sentimento
Do morto Conde ao mundo descobrio,
Faz contra Lusitania vir Castella,
Dizendo ser sua filha herdeira della.

El-Rei de Castella ajunta hum poderoso exercito e com elle invade Portugal.

VII

Beatriz era a filha, que casada
Co'o Castelhano está, que o reino pede,
Por filha de Fernando reputada,
Se a corrompida fama lho concede.
Com esta voz Castella alevantada,
Dizendo, que esta filha ao pai succede,
Suas forças ajunta, para as guerras,
De varias regiões, e varias terras.

VIII

Vem de toda a provincia, que de hum Brigo,
(Se foi) já teve o nome derivado;
Das terras, que Fernando, e que Rodrigo
Ganharam do tyranno e Mauro estado.
Não estimam das armas o perigo
Os, que cortando vão co'o duro arado
Os campos Leonezes, cuja gente
Co'os os Mouros foi nas armas excellente.

IX

Os Vandalos, na antigua valentia
Ainda confiados, se ajuntavam
Da cabeça de toda Andaluzia,
Que do Guadalquibir as aguas lavam,
A nobre ilha tambem se apercebia,
Que antiguamente os Tyrios habitavam,
Trazendo, por insignias verdadeiras,
As Herculeas columnas nas bandeiras.

X

Tambem vem lá do reino de Toledo,
Cidade nobre e antigua, a quem cercando
O Tejo em tôrno vai suave e ledo,
Que das serras de Conca vem manando,
A vós outros tambem não tolhe o medo,
Ó sordidos Gallegos, duro bando,
Que, para resistirdes, vos armastes,
A quelles, cujos golpes já provastes.

XI

Tambem movem da guerra as negras furias
A gente Biscainha, que carece
De polidas razões, e que as injurias
Muito mal dos estranhos compadece.
A terra de Guipúscua, e das Asturias,
Que com minas de ferro se ennobrece,
Armou delle os soberbos moradores,
Para ajudar na guerra a seus senhores.

O Mestre de Aviz D. João, já acclamado Rei, chama a conselho as pessoas de maior siso e auctoridade. D. Nuno Alvares Pereira mostra a mais segura confiança no bom exito da lucta que iá travar-se em defeza da independencia nacional

XII

Joanne, a quem do peito o esforço crece,
Como a Samsão Hebreo da guedelha,
Postoque tudo pouco tudo lhe parece,
Co'os poucos de seu reino se apparelha:
E, não porque conselho lhe fallece,
Co'os principaes senhores se aconselha,
Mas só por ver das gentes as sentenças;
Que sempre houve entre muitos differenças.

XIII

Não falta com razões quem desconcerte
Da opinião de todos na vontade,
Em quem o esforço antiguo se converte
Em desusada e má deslealdade,
Podendo o temor mais. gelado, inerte,
Que a propria e natural fidelidade:
Negam o Rei, e a patria, e se convem,
Negarão (como Pedro) o Deos, que tem.

XIV

Mas nunca foi, que este erro se sentisse
No forte Dom Nuno Alvares: mas antes,
Postoque em seus irmãos tão claro o visse,
Reprovando as vontades inconstantes,
Áquellas duvidosas gentes disse
Com palavras mais duras, que elegantes,
A mão na espada, irado, e não facundo,
Ameaçando a terra, o mar, e o mundo:

Falla de D. Nuno Alvares Pereira

XV

Como da gente illustre Portugueza
Ha de haver, quem refuse o Patrio marte?
Como desta provincia, que princeza
Foi das gentes na guerra em toda parte,
Ha de sahir, quem negue ter defeza,
Quem negue a fé, o amor, o esforço e arte
De Portuguez, e por nenhum respeito
O proprio reino queira ver sujeito?

XVI

Como? Não sois vós inda os descendentes
Daquelles, que debaixo da bandeira
Do grande Henriques, feros e valentes,
Venceram esta gente tão guerreira?
Quando tantas bandeiras, tantas gentes
Puzeram em fugida, de maneira
Que sete illustres Condes lhe trouxeram
Presos, afora a presa, que tiveram?

XVII

Com quem foram contino sopeados
Estes, de quem o estais agora vós,
Por Diniz, e seu filho, sublimados.
Senão co'os vossos fortes pais, e avós?
Pois se com seus descuidos, ou peccados,
Fernando em tal fraqueza assi vos poz,
Torne-vos vossas forças o Rei novo;
Se he certo, que co'o Rei se muda o povo.

XVIII

Rei tendes tal, que se o valor tiverdes
Igual ao Rei, que agora alevantastes
Desbaratareis tudo o, que quizerdes,
Quanto mais, a quem já desbaratastes:
E se com isto em fim vos não moverdes
Do penetrante medo, que tomastes;
Atai as mãos a vosso vão receio;
Que eu só resistirei ao jugo alheio:

XIX

Eu só com meus vassallos, e com esta,
(E, dizendo isto, arranca meia espada)
Defenderei da força dura, e infesta
A terra nunca de outrem sobjugada:
Em virtude do Rei, da patria mesta,
Da lealdade já por vós negada,
Vencerei não só estes adversarios,
Mas quantos a meu Rei forem contrarios.

O discurso de D. Nuno Alvares Pereira produz excellente effeito no animo de todos

XX

Bem como entre os mancebos recolhidos
Em Canusio, reliquias sós de Cannas,
Já para se entregar, quasi movidos,
Á fortuna das gentes Africanas,
Cornelio moço os faz, que compellidos
Da sua espada, jurem, que as Romanas
Armas não deixarão, em quanto a vida
Os não deixar, ou nellas for perdida:

XXI

Desta arte a gente fórça, e esforça Nuno,
Que, com lhe ouvir as ultimas razões,
Removem o temor frio, importuno,
Que gelados lhe tinha os corações:
Nos animaes cavalgam de Neptuno,
Brandindo, e volteando arremessões,
Vão correndo e gritando á boca aberta:
« Viva o famoso Rei, que nos liberta. »

XXII

Das gentes populares, huns approvam
A guerra, com que a patria se sostinha:
Huns as armas alimpam, e renovam,
Que a ferrugem da paz gastadas tinha,
Capacetes estofam, peitos provam,
Arma-se cada hum, como convinha:
Outros fazem vestidos de mil côres,
Com letras e tenções de seus amores.

O nosso soberano põe-se em marcha para ir pelejar com o exercito Castelhano

XXIII

Com toda esta lustrosa companhia
Jôanne forte sae da fresca Abrantes,
Abrantes, que tambem da fonte fria
Do Tejo logra as aguas abundantes.
Os primeiros armigeros regia,
Quem para reger era os mui possantes
Orientaes exercitos sem conto,
Com que passava Xerxes o Hellesponto:

XXIV

Dom Nuno Alvares digo, verdadeiro
Açoute de soberbos Castelhanos,
Como já o fero Hunno o foi primeiro
Para Francezes, para Italianos.
Outro tambem famoso cavalleiro,
Que a ala direita tem dos Lusitanos,
Apto para manda-los, e rege-los.
Mem Rodrigues se diz de Vasconcellos.

XXV

E da outra ala, que a esta corresponde,
Antão Vasques de Almada he capitão,
Que depois foi de Abranches nobre Conde,
Das gentes vai regendo a sestra mão.
Logo na retaguarda não se esconde
Das quinas e castellos o pendão,
Com Joanne Rei forte em toda parte,
Que escurecendo o preço vai de Marte.

XXVI

Estavam pelos muros temerosas,
E de hum alegre medo quasi frias,
Rezando as mãis, irmãas, damas, e esposas,
Promettendo jejuns, e romarias.
Já chegam as esquadras bellicosas
Defronte das imigas companhias,
Que com grita grandissima os recebem,
E todas grande duvida concebem.

Batalha de Aljubarrota, em cuja narração, toda ella muito poetica, se admiram alguns lugares verdadeiramente sublimes

XXVIII

Deo sinal a trombeta Castelhana
Horrendo, fero, ingente, e temeroso:
Ouvio-o o monte Artábro, e Guadiana
Atraz tornou as ondas de medroso:
Ouvio-o o Douro, e a terra Transtagana,
Correo ao mar o Tejo duvidoso:
E as mãis, que o som tirribil escuitaram,
Aos peitos os filhinhos apertaram.

XXIX

Quantos rostos alli se vêm sem côr;
Que ao coração acode o sangue amigo;
Que nos perigos grandes o temor
He maior muitas vezes, que o perigo,
E se o não he, parece-o; que o furor
De offender, ou vencer o duro imigo,
Faz não sentir, que he perda grande e rara,
Dos membros corporaes, da vida chara.

XXX

Começa-se a travar a incerta guerra,
De ambas partes se move a primeira ala,
Huns leva a defensão da propria terra,
Outros as esperanças de ganha-la:
Logo o grande Pereira, em quem se encerra
Todo o valor, primeiro se assinala,
Derriba, e encontra, e a terra em fim semea
Dos que a tanto desejam, sendo alhea.

XXXI

Já pelo espêsso ar os estridentes
Farpões, settas, e varios tiros voam:
Debaixo dos pés duros dos ardentes
Cavallos treme a terra, os valles soam:
Espedaçam-se as lanças, e as frequentes
Quedas co'as duras armas tudo atroam:
Recrescem os imigos sobre a pouca
Gente do fero Nuno, que os apouca.

XXXII

Eis alli seus irmãos contra elle vão:
(Caso feo e cruel!) Mas não se espanta;
Que menos he querer matar o irmão,
Quem contra o Rei, e a patria se alevanta:
Destes arrenegados muitos são
No primeiro esquadrão, que se adianta
Contra irmãos e parentes, (caso estranho!)
Quaes nas guerras civis de Julio, e Magno.

XXXIII

Ó tu Sertorio, ó nobre Coriolano,
Catilina, e vós outros dos antigos,
Que contra vossas patrias com profano
Coração vos fizestes inimigos,
Se lá no reino escuro de Sumano
Receberdes gravissimos castigos:
Dizei-lhe, que tambem dos Portuguezes
Alguns traidores houve algumas vezes.

XXXIV

Rompem-se aqui dos nossos os primeiros;
Tantos dos inimigos a elles vão:
Está alli Nuno, qual pelos outeiros
De Ceita está o fortissimo leão,
Que cercado se vê dos cavalleiros,
Que os campos vão correr de Tetuão,
Perseguem-no co'as lanças; e elle iroso
Torvado hum pouco está, mas não medroso.

XXXV

Com tôrva vista os vê; mas a natura
Ferina, e a ira não lhe compadecem
Que as costa dê; mas antes na espessura
Das lanças se arremessa, que recrecem.
Tal está o cavalleiro, que a verdura
Tinge co'o sangue alheio: alli perecem
Alguns dos seus; que o animo valente
Perde a virtude contra tanta gente.

XXXVI

Sentio Joanne a affronta, que passava
Nuno; que, como sabio capitão,
Tudo corria, e via e a todos dava,
Com presença e palavras coração.
Qual parida leoa, fera e brava,
Que os filhos, que no ninho sós estão,
Sentio que, em quanto pasto lhe buscara,
O pastor de Massylia lhos furtara:

XXXVII

Corre raivosa, e freme, e com bramidos
Os montes Sete-Irmãos atroa, e abala:
Tal Joanne, com outros escolhidos
Dos seus, correndo acode á primeira ala.
Ó fortes companheiros, ó subidos
Cavalleiros, a quem nenhum se iguala,
Defendei vossas terras; que a esperança
Da liberdade está na vossa lança.

XXXVIII

Vedes-me aqui Rei vosso, e companheiro,
Que entre as lanças, e settas, e os arnezes
Dos inimigos côrro, e vou primeiro:
Pelejai verdadeiros Portuguezes.
Isto disse o magnanimo guerreiro,
E sopesando a lança quatro vezes,
Com força tira, e deste unico tiro
Muitos lançaram o ultimo suspiro:

XXXIX

Porque eis os seus accesos novamente
D'huma nobre vergonha, e honroso fogo,
Sobre qual mais com animo valente
Perigos vencerá do marcio jogo,
Porfiam: tinge o ferro o fogo ardente,
Rompem malhas primeiro, e peitos logo:
Assi recebem junto, e dão feridas,
Como a quem já não doe perder as vidas.

XL

A muitos mandam ver o Estygio lago,
Em cujo corpo a morte, e o ferro entrava:
O Mestre morre alli de Sanct-Iago,
Que fortissimamente pelejava;
Morre tambem, fazendo grande estrago,
Outro Mestre cruel de Calatrava:
Os Pereiras tambem arrenegados
Morrem, arrenegando o Ceo, e os fados.

XLI

Muitos tambem do vulgo vil sem nome
Vão, e tambem dos nobres, ao Profundo,
Onde o trifauce cão perpetua fome
Tem das almas, que passam deste mundo:
E porque mais aqui se amanse, e dome
A soberba do imigo furibundo,
A sublime bandeira Castelhana
Foi derribada aos pés da Lusitana,

XLII

Aqui a fera batalha se encruece
Com mortes, gritos, sangue, e cutiladas:
A multidão da gente, que perece,
Tem as flores da propria côr mudadas:
Já as costas dão, e as vidas: já fallece
O furor, e sobejam as lançadas:
Já de Castella o Rei desbaratado
Se vê, e de seu proposito mudado.

XLIII

O campo vai deixando ao vencedor,
Contente de lhe não deixar a vida:
Seguem-no os que ficaram, e o temor
Lhe dá, não pés, mas azas á fugida.
Encobrem no profundo peito a dor
Da morte, da fazenda despendida,
Da magoa, da deshonra, e triste nôjo
De ver outrem triumphar de seu despôjo.

XLIV

Alguns vão maldizendo, e blaspbemando
Do primeiro, que guerra fez no mundo:
Outros a sêde dura vão culpando
Do peito cobiçoso, e sitibundo,
Que, por tomar o alheio, o miserando
Povo aventura ás penas do Profundo;
Deixando tantas mãis, tantas esposas,
Sem filhos, sem maridos, desditosas.

Depois de muitas victorias alcançadas pelos Portuguezes em tão gloriosa lucta, Castella vê-se obrigada a respeitar a independencia da nossa patria

XLV

O vencedor Joanne esteve os dias
Costumados no campo, em grande gloria;
Com offertas despois, e romarias
As graças deo, a quem lhe deo victoria.
Mas Nuno, que não quer por outras vias
Entre as gentes deixar de si memoria,
Senão por armas sempre soberanas,
Para as terras se passa Transtaganas.

XLVI

Ajuda-o seu destino de maneira,
Que fez igual o effeito ao pensamento;
Porque a terra dos Vandalios fronteira
Lhe concede o despôjo, e o vencimento.
Já de Sevilha a Betica bandeira,
E de varios senhores n'hum momento
Se lhe derriba aos pés, sem ter defeza,
Obrigados da força Portugueza,

XLVII

Destas e outras victorias longamente
Eram os Castelhanos opprimidos,
Quando a paz, desejada já da gente,
Deram os vencedores aos vencidos,
Despois que quiz o Padre omnipotente
Dar os Reis inimigos por maridos
As duas illustrissimas Inglezas,
Gentis, formosas, inclytas Princezas.

Conquista de Ceuta pelos Portuguezes condusidos á victoria pelo rei heroe D. João I

XLVIII

Não soffre o peito forte, usado á guerra,
Não ter imigo já, a quem faça dano;
E assi, não tendo a quem vencer na terra,
Vai commetter as ondas do Oceano.
Este he o primeiro Rei, que se desterra
Da patria, por fazer que o Africano
Conheça pelas armas, quanto excede
A lei de Christo á lei de Mafamede.

XLIX

Eis mil nadantes aves pelo argento
Da furiosa Thetis inquieta
Abrindo as pandas azas vão ao vento,
Para onde Alcides pôz a extrema meta:
O monte Abyla, e o nobre fundamento
De Ceita toma, e o torpe Mahometa
Deita fóra, e segura toda Hespanha
Da Juliana, má, e desleal manha.

Curto e infeliz reinado de D. Duarte. Captiveiro do Infante D. Fernando seu irmão depois da mallograda expedição a Tanger

LI

Não foi do Rei Duarte tão ditoso
O tempo, que ficou na summa alteza;
Que assi vai alternando o tempo iroso
O bem co'o mal, o gosto co'a tristeza.
Quem vio sempre hum estado deleitoso?
Ou quem vio em fortuna haver firmeza?
Pois inda neste reino, e neste Rei,
Não usou ella tanto desta lei.

LII

Vio ser captivo o sancto irmão Fernando,
Que a tão altas emprezas aspirava,
Que, por salvar o povo miserando
Cercado, ao Sarraceno s'entregava:
Só por amor da patria está passando
A vida de senhora feita escrava,
Por não se dar por elle a forte Ceita:
Mais o publico bem, que o seu, respeita.

LIII

Codro, porque o inimigo não vencesse,
Deixou antes vencer da morte a vida:
Regulo, porque a patria não perdesse,
Quiz mais a liberdade ver perdida.
Este, porque se Hespanha não temesse,
A captiveiro eterno se convida:
Codro, nem Curcio, ouvido por espanto,
Nem os Decios leaes fizeram tanto.

Proezas de D. Affonso V na Africa, e mau exito dos seus esforços quando tentou fazer valer os direitos, que á corôa de Castella tinha a Princeza D. Joanna com quem se desposara

LIV

Mas Afonso, do Reino unico herdeiro,
Nome em armas ditoso em nossa Hesperia,
Que a soberba do barbaro fronteiro
Tornou em baixa e humillima miseria,
Fôra por certo invicto cavalleiro,
Se não quizera ir ver a terra Iberia:
Mas Africa dirá, ser impossibil,
Poder ninguem vencer o Rei terribil.

LV

Este pôde colher as maçãas de ouro,
Que somente o Tyrinthio colher pode:
Do jugo, que lhe pôz, o bravo Mouro
A cerviz inda agora não sacode:
Na fronte a palma leva, e o verde louro
Das victorias do barbaro, que acode
A defender Alcacer, forte villa,
Tangere populoso, e a dura Arzilla.

LVI

Porêm ellas em fim por força entradas,
Os muros abaixaram de diamante
Ás Portuguezas forças, costumadas
A derribarem, quanto acham diante:
Maravilhas em armas estremadas,
E de escriptura dignas elegante,
Fizeram cavalleiros nesta empreza,
Mas affinando a fama Portugueza.

LVII

Porêm despois tocado de ambição,
E gloria de mandar, amara e bella,
Vai commeter Fernando de Aragão,
Sobre o potente reino de Castella:
Ajunta-se a inimiga multidão
Das soberbas e varias gentes della,
Desde Cadiz ao alto Pyreneo:
Que tudo ao Rei Fernando obedeceo.

LVIII

Não quiz ficar nos reinos ocioso
O mancebo Joanne, e logo ordena
De ir ajudar o pai ambicioso,
Que então lhe foi ajuda não pequena:
Sahio-se em fim do trance perigoso,
Com fronte não torvada, mas serena,
Desbaratado o pai sanguinolento;
Mas ficou duvidoso o vencimento:

LIX

Porque o filho sublime e soberano,
Gentil, forte, animoso cavalleiro,
Nos contrarios fazendo immenso dano,
Todo hum dia ficou no campo inteiro.
Desta arte foi vencido Octaviano,
E Antonio vencedor, seu companheiro,
Quando daquelles, que Cesar mataram,
Nos Philippicos campos se vingaram.

El-rei D. João II, successor de D. Affonso V, desejando levar a cabo o descobrimento da India, manda dois individuos por terra áquella região, para colherem informações conducentes ao seu proposito.

LX

Porêm, despois que a escura noite eterna
Afonso aposentou no Ceo sereno,
O Principe, que o reino então governa,
Foi Joanne segundo, e Rei trezeno:
Este, por haver fama sempiterna,
Mais, do que tentar pode homem terreno,
Tentou; que foi buscar da rôxa Aurora
Os terminos, que eu vou buscando agora.

LXI

Manda seus mensageiros, que passaram
Hespanha, França, Italia celebrada,
E lá no illustre porto se embarcaram,
Onde já foi Parthénope enterrada,
Napoles, onde os fados se mostraram,
Fazendo-a a varias gentes sobjugada;
Pela illustrar no fim de tantos annos
Co'o senhorio de inclytos Hispanos.

LXII

Pelo mar alto Siculo navegavam;
Vão-se ás praias de Rhodes arenosas,
E dalli ás ribeiras altas chegam,
Que co'a morte de Magno são famosas:
Vão a Memphis, e ás terras, que se regam
Das enchentes Niloticas undosas:
Sobem á Ethiopia sobre Egypto,
Que de Christo lá guarda o sancto rito.

LXIII

Passam tambem as ondas Erythreas,
Que o povo de Israel sem não passou:
Ficam-lhe atraz as serras Nabatheas,
Que o filho de Ismael co'o nome ornou:
As costas odoriferas Sabeas,
Que a mãi do bello Adonis tanto honrou,
Cercam, com toda a Arabia descoberta
Feliz, deixando a Pétrea, e a Deserta.

LXIV

Entram no estreito Persico, onde dura
Da confusa Babel inda a memoria:
Alli co'o Tigre o Euphrates se mistura,
Que as fontes, onde nascem, tem por gloria.
Dalli vão em demanda da agua pura,
Que causa inda será de larga historia,
Do Indo, pelas ondas do Oceano,
Onde não se atrevêo passar Trajano.

LXV

Viram gentes incognitas e estranhas
Da India, da Carmania, e Gedrosia,
Vendo varios costumes, varias manhas,
Que cada região produze e cria.
Mas de vias tão asperas, tamanhas,
Tornar-se facilmente não podia:
Lá morreram em fim, e lá ficaram;
Que á desejada patria não tornaram.

El-Rei D. Manuel, assim que sobe ao throno determina realizar os designios do seu predecessor relativamente ao descobrimento da India. Sonho que, segundo a bella ficção do poeta, anima e apressa o glorioso commettimento

LXVI

Parece, que guardava o claro Ceo
A Manoel, e seus merecimentos,
Esta empreza tão ardua, que o moveo
A subidos, e illustres movimentos:
Manoel, que a Joanne succedeo
No reino, e nos altivos pensamentos,
Logo, como tomou do reino cargo,
Tomou mais a conquista do mar largo.

LXVII

O qual, como do nobre pensamento
D'aquella obrigação, que lhe ficara
De seus antepassados, (cujo intento
Foi sempre accrescentar a terra chara)
Não deixasse de ser hum só momento
Conquistado: No tempo, que a luz clara
Foge, e as estrellas nitidas, que sahem,
A repouso convidam, quando cahem;

LXVIII

Estando já deitado no aureo leito,
Onde imaginações mais certas são,
Revolvendo contino no conceito,
De seu officio, e sangue, a obrigação,
Os olhos lhe occupou o somno acceito,
Sem lhe desoccupar o coração;
Porque, tanto que lasso se adormece,
Morpheo em varias formas lhe apparece.

LXIX

Aqui se lhe apresenta, que subia
Tão alto, que tocava á prima esphera,
Donde diante varios mundos via,
Nações de muita gente estranha, e fera:
E lá bem junto, donde nasce o dia,
Despois que os olhos longos estendera,
Vio de antiguos, longinquos, e altos montes,
Nascerem duas claras e altas fontes.

LXX

Aves agrestes, feras, e alimarias
Pelo monte selvatico habitavam:
Mil arvores silvestres, e hervas varias
O passo, e o trato ás gentes atalhavam:
Estas duras montanhas, adversarias
De mais conversação, por si mostravam,
Que, desque Adão peccou aos nossos annos,
Não as romperam nunca pés humanos.

LXXI

Das aguas se lhe antolha, que sahiam,
Por elle os largos passos inclinando,
Dous homens, que mui velhos pareciam,
De aspeito, inda que agreste, venerando:
Das pontas dos cabellos lhe cahiam
Gottas, que o corpo todo vão banhando,
A côr da pelle baça e denegrida,
A barba hirsuta, intonsa, mas comprida.

LXXII

D'ambos de dous a fronte coroada
Ramos não conhecidos, e hervas tinha:
Hum delles a presença traz cansada,
Como quem de mais longe alli caminha;
E assi a agua, com impeto alterada,
Parecia, que d'outra parte vinha:
Bem como Alpheo de Arcadia em Syracusa
Vai buscar os abraços de Arethusa.

LXXIII

Este, que era o mais grave na pessoa,
Desta arte para o Rei de longe brada:
Ó tu, a cujos reinos, e coroa
Grande parte do mundo está guardada,
Nós outros, cuja fama tanto voa,
Cuja cerviz bem nunca foi domada,
Te avisâmos, que he tempo, que mandes
A receber de nós tributos grandes.

LXXIV

Eu sou o illustre Ganges, que na terra
Celeste tenho o berço verdadeiro:
Est'outro he o Indo, Rei, que nesta serra,
Que vês, seu nascimento tem primeiro.
Custar-te-hemos com tudo dura guerra:
Mas, insistindo tu; por derradeiro
Com não vistas victorias, sem receio,
A quantas gentes vês porás o freio.

LXXV

Não disse mais o rio illustre, e santo,
Mas ambos desparecem n'hum momento:
Acorda Manoel c'hum novo espanto,
E grande alteração de pensamento.
Estendeo nisto Phebo o claro manto
Pelo escuro Hemispherio somnolento,
Veio a manhãa no ceo pintando as côres
De pudibunda rosa, e rôxas flores.

D Manuel confia a Vasco da Gama o commando da pequena frota destinada ao descobrimento da India. Falla do Rei e resposta do Gama

LXXVI

Chama o Rei os senhores a conselho,
E propoem-lhe as figuras da visão,
As palvras lhe diz do sancto velho,
Que a todos foram grande admiração.
Determinam o nautico apparelho,
Para qne com sublime coração
Vá a gente, que mandar, cortando os mares,
A buscar novos climas, novos ares.

LXXVII

Eu, que bem mal cuidava, que em effeito
Se pozesse o, que o peito me pedia;
Que sempre grandes cousas deste geito
Presago o coração me promettia:
Não sei, por que razão, por que respeito,
Ou por que bom sinal, que em mi se via,
Me põe o inclyto Rei nas mãos a chave
Deste commettimento grande, e grave.

LXXVIII

E com rogo, e palavras amorosas;
Que he hum mando nos Reis, que a mais obriga,
Me disse: As cousas arduas e lustrosas
Se alcançam com trabalho, e com fadiga:
Faz as pessoas altas e famosas
A vida, que se perde, e que periga;
Que, quando ao medo infame não se rende,
Então, se menos dura, mais se estende.

LXXIX

Eu vos tenho entre todos escolhido
Para huma empreza, qual a vós se deve,
Trabalho illustre, duro, e esclarecido,
O que eu sei, que por mi vos será leve.
Não soffri mais; mas logo: O Rei subido,
Aventurar-me a ferro, a fogo, a neve,
He tão pouco por vós, que mais me pena
Ser esta vida cousa tão pequena.

LXXX

Imaginai tamanhas aventuras,
Quaes Eurystheo a Alcides inventava,
O leão Cleoneo, Harpyas duras,
O porco de Erymantho, a Hydra brava,
Descer em fim ás sombras vãas, e escuras,
Onde os campos de Dite a Estyge lava:
Porque a maior perigo, a mor affronta,
Por vós, ó Rei, o esprito e carne he pronta.

Preparam-se Vasco da Gama e os seus companheiros para tão aventurosa viagem

LXXXI

Com mercês sumptuosas me agradece,
E com razões me louva esta vontade;
Que a virtude louvada vive, e crece,
E o louvor altos casos persuade.
A acompanhar-me logo se offerece,
Obrigado d'amor, e d'amizade,
Não menos cobiçoso de honra, e fama,
O charo meu irmão, Paulo da Gama.

LXXXII

Mais se me ajunta Nicolao Coelho,
De trabalhos mui grande soffredor:
Ambos são de valia, e de conselho,
D'experiencia em armas, e furor.
Já de manceba gente me apparelho,
Em que cresce o desejo do valor,
Todos de grande esforço; e assi parece,
Quem a tamanhas cousas se offerece.

LXXXIII

Foram de Manoel remunerados;
Porque com mais amor se apercebessem,
E com palavras altas animados,
Para quantos trabalhos succedessem.
Assim foram os Minyas ajuntados,
Para que o véo dourado combatessem,
Na fatidica náo, que ousou primeira
Tentar o mar Euxino, aventureira.

LXXXIV

E já no porto da inclyta Ulyssea,
C'hum alvoroço nobre, e c'hum desejo
(Onde o licôr mistura, e branca area
Co'o salgado Neptuno o doce Tejo)
As náos prestes estão: e não refrea
Temor nenhum o juvenil despejo;
Porque a gente maritima, e a de Marte
Estão para seguir-me a toda parte.

LXXXV

Pelas praias vestidos os soldados
De varias cores vem, e varias artes,
E não menos de esforço apparelhados,
Para buscar do mundo novas partes.
Nas fortes náos os ventos socegados
Ondeam os aerios estandartes:
Ellas promettem, vendo os mares largos,
De ser no Olympo estrellas, como a de Argos.

LXXXVI

Despois de apparelhados desta sorte,
De quanto tal viagem pede, e manda,
Apparelhámos a alma para a morte,
Que sempre aos nautas ante os olhos anda:
Para o summo Poder, que a etherea côrte
Sustenta só co'a vista veneranda,
Implorámos favor, que nos guiasse,
E que nossos começos aspirasse.

Ternas despedidas dos novos Argonautas nas praias de Belem

LXXXVII

Partimos-nos assi do sancto templo,
Que nas praias do mar está assentado,
Que o nome tem da terrra, para exemplo,
Donde Deos foi em carne ao mundo dado,
Certifico-te, ó Rei, que se contemplo
Como fui destas praias apartado,
Cheio dentro de duvida, e receio,
Que apenas nos meus olhos ponho o freio.

LXXXVIII

A gente da cidade aquelle dia
(Huns por amigos, outros por parentes,
Outros por ver somente) concorria,
Saudosos na vista, e descontentes:
E nós co'a virtuosa companhia
De mil Religiosos diligentes,
Em procissão solemne a Deos orando,
Para os bateis viemos caminhando.

LXXXIX

Em tão longo caminho, e duvidoso
Por perdidos as gentes nos julgavam,
As mulheres c'hum chôro piedoso,
Os homens com suspiros, que arrancavam:
Mãis, esposas, irmãas, (que o temeroso
Amor mais desconfia) accrescentavam
A desesperação, e frio medo
De já nos não tornar a ver tão cedo.

XC

Qual vai dizendo: Ó filho, a quem eu tinha
Só para refrigerio, e doce amparo
Desta cansada já velhice minha,
Que em chôro acabará penoso, e amaro:
Porque me deixas misera, e mesquinha?
Porque de mi te vás, ó filho charo,
A fazer o funereo enterramento,
Onde sejas de peixes mantimento?

XCI

Qual em cabello: Ó doce e amado esposo,
Sem quem não quiz amor, que viver possa;
Porque is aventurar ao mar iroso
Essa vida, que he minha, e não he vossa?
Como por hum caminho duvidoso
Vos esquece a affeição tão dôce nossa?
Nosso amor, nosso vão contentamento,
Quereis, que com as velas leve o vento?

XCII

Nestas e outras palavras, que diziam,
De amor, e de piedosa humanidade,
Os velhos, e os meninos os seguiam,
Em quem menos esforço põe a idade.
Os montes de mais perto respondiam,
Quasi movidos de alta piedade:
A branca area as lagrimas banhavam,
Que em multidão com ellas se igualavam.

XCIII

Nós outros, sem a vista alevantarmos
Nem a mãi, nem a esposa, neste estado;
Por nos não magoarmos, ou mudarmos
Do proposito firme começado:
Determinei de assi nos embarcarmos
Sem o despedimento costumado,
Que, postoque he de amor usança bôa,
A quem se aparta, ou fica, mais magôa.

Discurso de hum velho que altamente desapprova a intentada empreza, suppondo-a effeito de uma ambição desregrada e talvez funesta

XCIV

Mas hum velho d'aspeito venerando,
Que ficava nas praias entre a gente,
Postos em nós os olhos, meneando
Tres vezes a cabeça, descontente,
A voz pesada hum pouco alevantando,
Que nós no mar ouvimos claramente,
C'hum saber só d'experiencias feito,
Taes palavras tirou do experto peito:

XCV

Oh gloria de mandar! Oh vãa cobiça
Desta vaidade, a quem chamâmos fama!
Oh fraudulento gosto, que se atiça
C'huma aura popular, que honra se chama:
Que castigo tamanho, e que justiça
Fazes no peito vão, que muito te ama!
Que mortes, que perigos, que tormentas,
Que crueldades nelles exprimentas!

XCVI

Dura inquietação d'alma, e da vida,
Fonte de desamparos, e adulterios,
Sagaz consumidora conhecida
De fazendas, de reinos, e de imperios:
Chamam-te illustre, chamam-te subida,
Sendo digna de infames vituperios:
Chamam-te fama, e gloria soberana,
Nomes, com quem se o povo nescio engana!

XCVII

A que novos desastres determinas
De levar estes reinos, e esta gente?
Que perigos, que mortes lhe destinas
Debaixo d'algum nome preeminente?
Que promessas de reinos, e de minas
D'ouro, que lhe farás tão facilmente?
Que famas lhe prometterás? Que historias?
Que triumphos? que palmas? que victorias?

XCVIII

Mas ó tu geração daquelle insano,
Cujo peccado, e desobediencia
Não somente do reino soberano
Te pôz neste desterro, e triste ausencia;
Mas inda d'outro estado, mais que humano,
Da quieta, e da simples innocencia,
Idade d'ouro, tanto te privou,
Que na de ferro, e d'armas te deitou:

XCIX

Já que nesta gostosa vaidade
Tanto enlevas a leve phantasia:
Já que á bruta crueza, e feridade
Pozeste nome, esforço, e valentia:
Já que prézas em tanta quantidade
O desprezo da vida, que devia
De ser sempre estimada; pois que já
Temeo tanto perde-la, quem a dá:

C

Não tens junto comtigo o Ismaelita,
Com quem sempre terás guerras sobejas?
Não segue elle do Arabio a lei maldita,
Se tu pela de Christão só pelejas?
Não tem cidades mil, terra infinita,
Se terras, e riqueza mais desejas?
Não he elle por armas esforçado,
Se queres por victorias ser louvado?

CI

Deixas criar ás portas o inimigo,
Por ires buscar outro de tão longe,
Por quem se despovôe o reino antigo,
Se enfraqueça, e se vá deitando a longe!
Buscas o incerto, e incognito perigo,
Porque a fama te exalte, e te lisonge,
Chamando-te senhor, com larga copia,
Da India, Persia, Arabia, e da Ethiopia!

CII

Oh maldito o primeiro, que no mundo
Nas ondas vela pôz em secco lenho!
Digno da eterna pena do Profundo,
Se he justa a justa lei, que sigo e tenho:
Nunca juizo algum alto e profundo,
Nem cithara sonora, ou vivo engenho,
Te dê por isso fama, nem memoria;
Mas comtigo se acabe o nome, e a gloria!

CIII

Trouxe o filho de Jápeto do céo
O fogo, que ajuntou ao peito humano,
Fogo, que o mundo em armas accendeo,
Em mortes, em deshonras: (grande engano!)
Quanto melhor nos fora, Prometheo,
E quanto para o mundo menos dano,
Que a tua estatua illustre não tivera
Fogo de altos desejos, que a movera!

CIV

Não commettêra o moço miserando
O carro alto do pai, nem o ar vazio
O grande architectôr, co'o filho, dando
Hum, nome ao mar, e o outro fama ao rio:
Nenhum commettimento alto, e nefando,
Por fogo, ferro, agua, calma, e frio,
Deixa intentado a humana geração.
Misera sorte! Estranha condição!

EXCERPTOS DO CANTO V

Conta o Gama o principio da sua navegação desde a sahida do porto de Lisboa até o golfo de Guiné

I

Estas sentenças taes o velho honrado
Vociferando estava, quando abrimos
As azas ao sereno e socegado
Vento, e do porto amado nos partimos:
E, como he já no mar costume usado,
A vela desfraldando, o ceo ferimos,
Dizendo: Boa viagem: logo o vento
Nos troncos fez o usado movimento.

II

Entrava neste tempo o eterno lume
No animal Nemeo truculento,
E o mundo, que com tempo se consume,
Na sexta idade andava enfermo, e lento:
Nella vê, como tinha por costume,
Cursos do Sol quatorze vezes cento,
Com mais noventa e sete, em que corria,
Quando no mar a armada se estendia.

III

Já a vista pouco e pouco se desterra
Daquelles patrios montes, que ficavam:
Ficava o charo Tejo, e a fresca serra
De Cintra, e nella os olhos se alongavam:
Ficava-nos tambem na amada terra
O coração, que as magoas lá deixavam:
E já, despois que toda se escondeo,
Não vimos mais em fim, que mar, e ceo.

IV

Assi fomos abrindo aquelles mares,
Que geração alguma não abrio,
As novas ilhas vendo, e os novos ares,
Que o generoso Henrique descobrio:
De Mauritania os montes, e lugares,
Terra, que Anthêo n'hum tempo possuio,
Deixando á mão esquerda; que á direita
Não ha certeza d'outra, mas suspeita.

V

Passámos a grande ilha da Madeira,
Que do muito arvoredo assi se chama,
Das que nós povoámos a primeira,
Mais celebre por nome, que por fama;
Mas nem, por ser do mundo a derradeira,
Se lhe avantajam, quantas Venus ama;
Antes, sendo esta sua, se esquecera
De Cypro, Gnido, Paphos, e Cythera.

VI

Deixámos de Massylia a esteril costa,
Onde seu gado os Azenegues pastam,
Gente, que as frescas aguas nunca gosta,
Nem as hervas do campo bem lhe abastam,
A terra a nenhum fructo em fim disposta,
Onde as aves no ventre o ferro gastam,
Padecendo de tudo extrema inopia,
Que aparta a Barbaria de Ethiopia.

VII

Passámos o limite, aonde chega
O Sol, que para o Norte os carros guia,
Onde jazem os povos, a quem nega
O filho de Clymene a côr do dia:
Aqui gentes estranhas lava, e rega
Do negro Sanagá a corrente fria,
Onde o cabo Arsinario o nome perde,
Chamando-se dos nossos Cabo-Verde.

VIII

Passadas tendo já as Canarias ilhas,
Que tiveram por nome Fortunadas,
Entrámos navegando pelas filhas
Do velho Hesperio, Hesperidas chamadas,
Terras, por onde novas maravilhas
Andaram vendo já nossas armadas:
Alli tomámos porto com bom vento,
Por tomarmos da terra mantimento.

IX

Áquella ilha aportámos, que tomou
O nome do guerreiro Sanct-Iago,
Sancto, que os Hespanhoes tanto ajudou
A fazerem nos Mouros bravo estrago.
Daqui, tanto que Boreas nos ventou,
Tornámos a cortar o immenso lago
Do salgado Oceano, e assi deixámos
A terra, onde o refresco doce achámos.

X

Por aqui rodeando a larga parte
De Africa, que ficava ao Oriente,
A Provincia Jalofo, que reparte
Por diversas nações a negra gente;
A mui grande Mandinga, (por cuja arte
Lográmos o metal rico e luzente)
Que do curvo Gambêa as aguas bebe,
Ás quaes o largo Atlantico recebe:

XI

As Dórcadas passámos, povoadas
Das irmãas, que outro tempo alli viviam,
Que, de vista total sendo privadas,
Todas tres d'hum só olho se serviam:
Tu só, tu cujas tranças encrespadas
Neptuno lá nas aguas acçendiam,
Tornada já de todas a mais fêa,
De viboras encheste a ardente arêa.

XII

Sempre em fim para o Austro a aguda proa,
No grandissimo golfam nos mettemos,
Deixando a serra asperrima Leoa,
Co'o cabo, a quem das Palmas nome demos:
O grande rio, onde batendo sôa
O mar nas praias notas, que alli temos,
Ficou, co'a ilha illustre, que tomou
O nome d'hum, que o lado a Deos tocou.

Refere Vasco da Gama, entre os meteoros por elle observados durante a sua viagem, o chamado Sant'Elmo, e descreve com muita miudeza e grande propriedade o curioso phenomeno de huma tromba maritima

XVI

Contar-te longamente as perigosas
Cousas do mar, que os homens não entendem,
Subitas trovoadas, temerosas,
Relampagos, que o ar em fogo accendem,
Negros chuveiros, noites tenebrosas,
Bramidos de trovões, que o mundo fendem;
Não menos he trabalho, que grande erro,
Aindaque tivesse a voz de ferro.

XVII

Os casos vi, que os rudos marinheiros,
Que tem por mestra a longa experiencia,
Contam por certos sempre, e verdadeiros,
Julgando as cousas só pela apparencia:
E que os, que tem juizos mais inteiros,
Que só por puro engenho, e por sciencia
Vêm do mundo os segredos escondidos,
Julgam por falsos, ou mal entendidos.

XVIII

Vi claramente visto o lume vivo,
Que a maritima gente tem por santo
Em tempo de tormenta, e vento esquivo,
De tempestade escura, e triste pranto.
Não menos foi a todos excessivo
Milagre, e cousa certo de alto espanto,
Ver as nuvens do mar com largo cano
Sorver as altas aguas do Oceano.

XIX

Eu o vi certamente (e não presumo,
Que a vista me enganava) levantar-se
No ar hum vaporzinho, e subtil fumo,
E, do vento trazido, rodear-se:
De aqui levado hum cano ao polo summo
Se via, tão delgado, que enxergar-se
Dos olhos facilmente não podia:
Da materia das nuvens parecia.

XX

Hia-se pouco e pouco accrescentando,
E mais, que hum largo mastro, se engrossava:
Aqui se estreita, aqui se alarga, quando
Os golpes grandes de agua em si chupava:
Estava-se co'as ondas ondeando,
Em cima delle hũa nuvem se espessava,
Fazendo-se maior, mais carregada
Co'o cargo grande d'agua em si tomada.

XXI

Qual rôxa sanguesuga se veria
Nos beiços da alimaria (que, imprudente,
Bebendo a recolheo na fonte fria)
Fartar co'o sangue alheio a sêde ardente:
Chupando, mais e mais se engrossa, e cria,
Alli se enche, e se alarga grandemente:
Tal a grande columna, enchendo, augmenta
A si, a nuvem negra, que sustenta.

XXII

Mas, despois que de todo se fartou,
O pé, que tem no mar, a si recolhe,
E pelo ceo chovendo em fim voou;
Porque co'a agua a jacente agua molhe:
Ás ondas torna as ondas, que tomou;
Mas o sabor do sal lhe tira, e tolhe.
Vejam agora os sabios na escriptura,
Que segredos são estes de natura.

XXIII

Se os antiguos philosophos, que andaram
Tantas terras, por ver segredos dellas,
As maravilhas, que eu passei, passaram,
A tão diversos ventos dando as velas:
Que grandes escripturas que deixaram!
Que influição de signos, e de estrellas!
Que estranhezas, que grandes qualidades!
E tudo, sem mentir, puras verdades.

Chegam os argonautas portuguezes á Angra de Santa Helena, em cuja praia desembarcam e onde o mancebo Vellozo corre hum grande perigo em consequencia da sua temeraria confiança.

XXIV

Mas já o planeta, que no ceo primeiro
Habita, cinco vezes apressada,
Agora meio rosto, agora inteiro,
Mostrára, em quanto o mar cortava a armada:
Quando da etherea gavea hum marinheiro,
Prompto co'a vista, Terra, Terra, brada:
Salta no bordo alvoroçada a gente
Co'os olhos no horizonte do Oriente.

XXV

Á maneira de nuvens se começam
A descobrir os montes, que enxergamos:
As ancoras pezadas se adereçam,
As velas já chegados amainamos:
E para que mais certas se conheçam
As partes tão remótas, onde estamos,
Pelo novo instrumento do Astrolabio,
Invenção de subtil juizo, e sabio:

XXVI

Desembarcámos logo na espaçosa
Parte, por onde a gente se espalhou,
De ver cousas estranhas desejosa,
Da terra, que outro povo não pizou:
Porêm eu co'os pilotos na arenosa
Praia; por vermos, em que parte estou,
Me detenho em tomar do sol a altura,
E compassar a universal pintura.

XXVII

Achámos ter de todo já passado
Do Semicapro peixe a grande meta,
Estando entre elle, e o circulo gelado
Austral, parte do mundo mais secreta.
Eis de meus companheiros rodeado,
Vejo hum estranho vir de pelle preta,
Que tomaram por força, em quanto apanha
De mel os doces favos na montanha.

XXVIII

Torvado vem na vista, como aquelle,
Que não se vira nunca em tal extremo,
Nem elle entende a nós, nem nós a elle,
Selvagem mais, que o bruto Polyphemo:
Começo-lhe a mostrar da rica pelle
De Colchos o gentil metal supremo,
A prata fina, a quente especiaria:
A nada disto o bruto se movia.

XXIX

Mando mostrar-lhe peças mais somenos,
Contas de crystallino transparente,
Alguns soantes cascaveis pequenos,
Hum barrete vermelho, côr contente.
Vi logo por sinaes e por acenos,
Que com isto se alegra grandemente:
Mando-o soltar com tudo, e assi caminha
Para a povoação, que perto tinha.

XXX

Mas logo ao outro dia seus parceiros,
Todos nus, e da côr da escura treva,
Descendo pelos asperos outeiros,
As peças vem buscar, que est'outro leva:
Domesticos já tanto, e companheiros
Se nos mostram, que fazem, que se atreva
Fernão Velloso a ir vêr da terra o trato,
E partir-se com elles pelo mato.

XXXI

He Velloso no braço confiado,
E de arrogante crê, que vai seguro;
Mas, sendo hum grande espaço já passado,
Em que algum bom sinal saber procuro,
Estando, a vista alçada, co'o cuidado
No aventureiro, eis pelo monte duro
Apparece; e, segundo ao mar caminha,
Mais apressado, do que fôra, vinha.

XXXII

O batel de Coelho foi depressa
Pelo tomar; mas, antes que chegasse,
Hum Ethiope ousado se arremessa
A elle; porque não se lhe escapasse:
Outro e outro lhe sahem, vê-se em pressa
Velloso, sem que alguem lhe alli ajudasse:
Acudo eu logo; e, em quanto o remo aperto,
Se mostra hum bando negro descoberto.

XXXIII

Da espessa nuvem settas, e pedradas
Chovem sobre nós outros sem medida,
E não foram ao vento em vão deitadas;
Que esta perna trouxe eu dalli ferida:
Mas nós, como pessoas magoadas,
A resposta lhe demos tão tecida,
Que, em mais que nos barretes, se suspeita,
Que a côr vermelha levam desta feita.

XXXIV

E, sendo já Velloso em salvamento,
Logo nos recolhemos para a armada,
Vendo a malicia fêa, e rudo intento
Da gente bestial, bruta, e malvada,
De quem nenhum melhor conhecimento
Pudémos ter da India desejada,
Que estarmos inda muito longe della:
E assi tornei a dar ao vento a vela.

XXXV

Disse então a Velloso hum companheiro,
(Começando-se todos a sorrir)
Oulá, Velloso amigo, aquelle outeiro
He melhor de descer, que de subir.
Si he, responde o ousado aventureiro:
Mas, quando eu para ca vi tantos vir
Daquelles cães, depressa hum pouco vim;
Por me lembrar, que estaveis cá sem mim.

XXXVI

Contou então que, tanto que passaram
Aquelle monte os negros, de quem fallo,
Avante mais passar o não deixaram,
Querendo, se não torna, alli matal-o:
E tornando-se, logo se emboscaram;
Porque, sahindo nós para tomal-o,
Nos podessem mandar ao reino escuro.
Por nos roubarem mais a seu seguro.

Sublime episodio do poema. O gigante Adamastor, personificação do Cabo Tormentoso, apparece a Vasco da Gama, e pretende intimida-lo, annunciando-lhe grandes desastres

XXXVII

Porêm já cinco soes eram passados,
Que dalli nos partiramos, cortando
Os mares nunca d'outrem navegados,
Prosperamente os ventos assoprando:
Quando huma noite estando descuidados
Na cortadora proa vigiando,
Huma nuvem, que os ares escurece,
Sobre nossas cabeças apparece.

XXXVIII

Tão temerosa vinha, e carregada,
Que pôz nos corações hum grande medo:
Bramindo o negro mar de longe brada,
Como se desse em vão n'algum rochedo.
Ó Potestade, disse, sublimada!
Que ameaço divino, ou que segredo
Este clima, e este mar nos apresenta,
Que mór cousa parece, que tormenta?

XXXIX

Não acabava, quando huma figura
Se nos mostra no ar, robusta e válida,
De disforme e grandissima estatura,
O rosto carregado, a barba esqualida,
Os olhos encovados, e a postura
Medonha e má, e a côr terrena e pallida,
Cheios de terra, e crespos os cabellos,
A bôca negra, os dentes amarellos.

XL

Tão grande era de membros, que bem posso
Certificar-te, que este era o segundo
De Rhodes estranhissimo colosso,
Que hum dos sete milagres foi do mundo:
C'hum tom de voz nos falla horrendo e grosso
Que pareceo sahir do mar profundo:
Arrepiam-se as carnes e o cabello
A mi, e a todos, só de ouvil-o e vel-o.

XLI

E disse: Ó gente ousada mais, que quantas
No mundo commetteram grandes cousas,
Tu, que por guerras cruas, taes e tantas,
E por trabalhos vãos nunca repousas:
Pois os vedados terminos quebrantas,
E navegar meus longos mares ousas,
Que eu tanto tempo ha já que guardo, e tenho,
Nunca arados d'estranho, ou proprio lenho:

XLII

Pois vens ver os segredos escondidos
Da natureza, e do humido elemento,
A nenhum grande humano concedidos
De nobre ou de immortal merecimento;
Ouve os damnos de mi, que apercebidos
Estão a teu sobejo atrevimento
Por todo o largo mar, e pela terra,
Que inda has de sobjugar com dura guerra.

XLIII

Sabe, que, quantas náos esta viagem,
Que tu fazes, fizerem de atrevidas,
Inimiga terão esta paragem,
Com ventos, e tormentas desmedidas:
E da primeira armada, que passagem
Fizer por estas ondas insoffridas,
Eu farei d'improviso tal castigo,
Que seja mór o damno, que o perigo.

XLIV

Aqui espero tomar, se não me engano,
De quem me descobrio, summa vingança:
E não se acabará só nisto o dano
De vossa pertinace confiança;
Antes em vossas náos vereis cada anno
(Se he verdade o, que meu juizo alcança)
Naufragios, perdições de toda sorte,
Que o menor mal de todos seja a morte.

XLV

E do primeiro illustre, que a ventura
Com fama alta fizer tocar os ceos,
Serei eterna, e nova sepultura,
Por juizos incognitos de Deos:
Aqui porá da Turca armada dura
Os soberbos e prosperos tropheos,
Comigo de seus damnos o ameaça
A destruida Quiloa com Mombaça.

O gigante Adamastor depois de haver predito os infortunios que naquella paragem haviam de padecer, Pedro Alvares Cabral, e D. Francisco de Almeida, annuncia mais detidamente o nanfragio de Manuel de Souza de Sepulveda e de sua esposa D. Leonôr de Sá, que vieram a perecer com seus filhos no deserto da Cafraria

XLVI

Outro tambem virá de honrada fama,
Liberal, cavalleiro, e namorado,
E comsigo trará a formosa dama,
Que Amor por grão mercê lhe terá dado:
Triste ventura, e negro fado os chama
Neste terreno meu, que duro e irado
Os deixará d'hum cru naufragio vivos,
Para verem trabalhos excessivos.

XLVII

Verão morrer com fome os filhos charos,
Em tanto amor gerados e nascidos:
Verão os cafres asperos e avaros
Tirar á linda dama seus vestidos:
Os crystallinos membros, e preclaros
Á calma, ao frio, ao ar verão despidos,
Despois de ter pizada longamente
Co'os delicados pés a arêa ardente.

XLVIII

E verão mais os olhos, que escaparem
De tanto mal, de tanta desventura,
Os dous amantes miseros ficarem
Na fervida e implacabil espessura:
Alli, despois que as pedras abrandarem
Com lagrimas de dôr, de magoa pura,
Abraçados as almas soltarão
Da formosa e miserrima prisão.

Vasco da Gama, sem se mostrar atemorisado, pergunta ao gigante quem he elle? Adamastor, respondendo, a seu pezar, narra o castigo que lhe foi infligido por haver tentado huma empreza criminosa de que se sahira mal e vergonhosamente)

XLIX

Mais hia por diante o monstro horrendo
Dizendo nossos fados, quando alçado
Lhe disse eu: Quem es tu? que esse estupendo
Corpo certo me tem maravilhado.
A bôca, e os olhos negros retorcendo,
E dando hum espantoso e grande brado,
Me respondeo com voz pezada e amara,
Como quem da pergunta lhe pezara:

L

Eu sou aquelle occulto, e grande Cabo,
A quem chamais vós outros Tormentorio,
Que nunca a Ptolomeo, Pomponio, Estrabo,
Plinio, e quantos passaram, foi notorio:
Aqui toda a Africana costa acabo
Neste meu nunca visto promontorio,
Que para o polo Antarctico se estende,
A quem vossa ousadia tanto offende.

LI

Fui dos filhos asperrimos da terra,
Qual Encèlado, Egeo, e o Centimano:
Chamei-me Admastor, e fui na guerra
Contra o, que vibra os raios de Vulcano:
Não que puzêsse serra sobre serra;
Mas, conquistando as ondas do Occeano,
Fui capitão do mar, por onde andava
A armada de Neptuno, que eu buscava.

. . . . . .

LVIII

Eram já neste tempo meus irmãos
Vencidos, e em miseria extrema postos;
E, por mais segurar-se os deoses vãos,
Alguns a varios montes sotopostos:
E como contra o ceo não valem mãos,
Eu, que chorando andava meus desgostos,
Comecei a sentir do fado imigo
Por meus atrevimentos o castigo.

LIX

Converte-se-me a carne em terra dura,
Em penedos os ossos se fizeram,
Estes membros, que vês, e esta figura
Por estas longas aguas se estenderam:
Em fim, minha grandissima estatura
Neste remoto cabo converteram
Os deoses; e, por mais dobradas magoas,
Me anda Thetis cercando destas agoas.

LX

Assi contava, e c'hum medonho chôro
Subito d'ante os olhos se apartou:
Desfez-se a nuvem negra, e c'hum sonoro
Bramido muito longe o mar sôou.
Eu, levantando as mãos ao sancto côro
Dos Anjos, que tão longe nos guiou,
A Deus pedi, que removesse os duros
Casos, que Adamastor contou futuros.

EXCERPTOS DO CANTO VI

Os argonautas Portuguezes, amigavelmente recebidos, e muito festejados pelo Rei de Melinde, despedem-se do seu magnanimo hospedeiro, e proseguem na aventurosa navegação

I

Não sabia, em que modo festejasse
O Rei pagão os fortes navegantes;
Para que as amizades alcançasse
Do Rei Christão, das gentes tão possantes:
Pêza-lhe, que tão longe o aposentasse
Das Europeas terras abundantes
A ventura, que não no fez visinho .
Donde Hercules ao mar abrio o caminho.

II

Com jogos, danças; e outras alegrias,
A segundo a policia Melindana,
Com usadas e lêdas pescarias,
Com que a Lageia Antonio alegra, e engana,
Este famoso Rei todos os dias
Festeja a companhia Lusitana,
Com banquetes, manjares desusados,
Com fructas, aves, carnes, e pescados.

III

Mas vendo o Capitão, que se detinha
Já mais, do que devia, e o fresco vento
O convida, que parta, e tome asinha
Os pilotos da terra, e mantimento;
Não se quer mais detêr; que ainda tinha
Muito para cortar do salso argento:
Já do Pagão benigno se despede,
Que a todos amizade longa pede.

IV

Pede-lhe mais, que aquelle porto seja
Sempre com suas frotas visitado;
Que nenhum outro bem maior deseja,
Que dar a taes barões seu reino e estado;
E que, em quanto seu corpo o esprito reja,
Estará de contino apparelhado
A pôr a vida, e reino totalmente,
Por tão bom Rei, por tão sublime gente.

V

Outras palavras taes lhe respondia
O Capitão, e logo, as velas dando,
Para as terras da Aurora se partia,
Que tanto tempo ha já, que vai buscando.
No piloto, que leva, não havia
Falsidade, mas antes vai mostrando
A navegação certa; e assi caminha
Já mais seguro, do que d'antes vinha.

Baccho, querendo oppor-se ao feliz exito do heroico commettimento dos navegadores Portuguezes, desce do Olympo, e vai-se à corte de Neptuno deos dos mares

VI

As ondas navegavam do Oriente
Já nos mares da India, e enxergavam
Os thalamos do Sol, que nasce ardente:
Já quasi seus desejos se acabavam.
Mas o mao de Thyoneo, que na alma sente
As venturas, que então se apparelhavam
Á gente Lusitana, dellas dina,
Arde, morre, blasphema, e desatina.

VII

Vai estar todo o Ceo determinado
De fazer de Lisboa nova Roma:
Não no pode estorvar; que destinado
Está d'outro poder, que tudo doma.
Do Olympo desce em fim desesperado,
Novo remedio em terra busca, e toma:
Entra no humido reino, e vai-se á côrte
Daquelle, a quem o mar cahio em sorte.

Descripção do palacio de Neptuno

VIII

No mais interno fundo das profundas
Cavernas altas, onde o mar se esconde,
Lá donde as ondas sahem furibundas,
Quando ás iras do vento o mar responde.
Neptuno mora, e moram as jucundas
Nereidas, e outros deoses do mar, onde
As aguas campo deixam ás cidades,
Que habitam estas humidas deidades.

IX

Descobre o fundo nunca descoberto
As arêas alli de prata fina,
Torres altas se vêm no campo aberto
Da transparente massa crystallina:
Quanto se chegam mais os olhos perto,
Tanto menos a vista determina,
Se he crystal o, que vê, se diamante;
Que assi se mostra claro e radiante.

X

As portas d'ouro fino, e marchetadas
Do rico aljofar, que nas conchas nace,
De esculptura formosa estão lavradas,
Na qual do irado Baccho a vista pace:
E vê primeiro em côres variadas
Do velho chaos a tão confusa face:
Vêm-se os quatro elementos trasladados,
Em diversos officios occupados.

XI

Alli sublime o Fogo estava em cima,
Que em nenhuma materia se sostinha,
Daqui as cousas vivas sempre anima,
Despois que Prometheo furtado o tinha.
Logo após elle leve se sublima
O invisibil Ar, que mais asinha
Tomou lugar, e nem por quente, ou frio
Algum deixa no mundo estar vazio.

XII

Estava a Terra em montes revestida
De verdes hervas, e arvores floridas,
Dando pasto diverso, e dando vida
Ás alimarias nella produzidas:
A clara forma alli estava esculpida
Das Aguas entre a terra desparzidas,
De pescados criando varios modos,
Com seu humor mantendo os corpos todos:

XIII

N'outra parte esculpida estava a guerra,
Que tiveram os deoses co'os gigantes,
Está Typheo debaixo da alta serra
De Ethna, que as flammas lança crepitantes;
Esculpido se vê ferindo a terra
Neptuno, quando as gentes ignorantes,
Delle o cavallo houveram, e a primeira
De minerva pacifica oliveira.

Baccho he recebido por Neptuno ás portas do seu palacio, e pede a esta divindade que chame aos seus paços todos os deoses maritimos, para lhes serem communicadas cousas de altissima importancia

XIV

Pouca tardança faz Lyeo irado
Na vista destas cousas; mas, entrando
Nos paços de Neptuno, que, avisado
Da vinda sua, o estava já aguardando,
Ás portas o recebe, acompanhado
Das nymphas, que se estão maravilhando
De ver- que, commettendo tal caminho,
Entre no reino d'agua o rei do vinho:

XV

O Neptuno, lhe disse, não te espantes
De Baccho nos teus reinos receberes;
Porque tambem co'os grandes e possantes
Mostra a fortuna injusta seus poderes:
Manda chamar os deoses do mar, antes
Que falle mais, se ouvir-me o mais quizeres;
Verão da desventura grandes modos,
Ouçam todos o mal, que toca a todos.

Neptuno manda convocar os deoses do mar pelo seu correio Tritão. — Retrato deste personagem. — Enumeração das divindades que acudiram ao chamamento

XVI

Julgando já Neptuno, que seria
Estranho caso aquelle, logo manda
Tritão, que chame os deoses da agua fria,
Que o mar habitam d'huma e d'outra banda:
Tritão, que de ser filho se gloria
Do Rei, e de Salacia veneranda,
Era mancebo grande, negro e feio,
Trombeta de seu pai, e seu correio.

XVII

Os cabellos da barba, e os que decem
Da cabeça nos hombros, todos eram
Huns limos prenhes d'agua, e bem parecem,
Que nunca brando pentem conheceram:
Nas pontas pendurados não fallecem
Os negros misilhões, que alli se geram:
Na cabeça por gôrra tinha posta
Huma mui grande casca de lagosta.

XVIII

O corpo nu, e os membros genitais,
Por não ter ao nadar impedimento;
Mas porêm de pequenos animais
Do mar todos cobertos cento e cento:
Camarões, e cangrejos, e outros mais
Que recebem de Phebo crescimento:
Ostras, e breguigões do musgo sujos,
Ás costas com a casca os caramujos.

XIX

Na mão a grande concha retorcida,
Que trazia, com força já tocava:
A voz grande canora foi ouvida
Por todo o mar, que longe retumbava.
Já toda a companhia apercebida
Dos deoses para os paços caminhava
Do deos, que fez os muros de Dardania,
Destruidos despois da Grega insania.

XX

Vinha o padre Oceano acompanhado
Dos filhos, e das filhas, que gerara:
Vem Nereo, que com Doris foi casado,
Que todo o mar de nymphas povoara:
O propheta Protêo, deixando o gado
Maritimo pascer pela agua amara,
Alli veio tambem; mas já sabia
O, que o padre Lyeo no mar queria.

XXI

Vinha por outra parte a linda esposa
De Neptuno, de Cælo, e Vesta filha,
Grave, e lêda no gesto, e tão formosa,
Que se amansava o mar de maravilha:
. . . . . .

XXII

Amphitrite, formosa como as flores,
Neste caso não quiz que fallecesse,
O Delphim traz comsigo, que aos amores
Do Rei lhe aconselhou que obedecesse:
Co'os olhos, que de tudo são senhores,
Qualquer parecerá que o Sol vencesse:
Ambas vem pela mão, igual partido;
Pois ambas são esposas d'hum marido.

XXIII

Aquella, que das furias de Athamante
Fugindo, veio a ter divino estado,
Comsigo traz o filho, bello infante,
No numero dos deoses relatado:
Pela praia brincando vem diante
Com as lindas conchinhas, que o salgado
Mar sempre cria, e ás vezes pela arêa.
No collo o toma a bella Panopêa.

XXIV

E o deos, que foi n'hum tempo corpo humano,
E por virtude da herva poderosa
Foi convertido em peixe, e deste dano
Lhe resultou deidade gloriosa,
Inda vinha chorando o fêo engano,
Que Circe tinha usado co'a formosa
Scylla, que elle ama, desta sendo amado;
Que a mais obriga amor mal empregado,

Reunem-se os deoses do mar no palacio de Neptuno

XXV

Já finalmente todos assentados
Na grande sala, nobre e divinal,
As deosas em riquissimos estrados,
Os deoses em cadeiras de crystal;
Foram todos do Padre agasalhados,
Que co'o Thebano tinha assento igual:
De fumos enche a casa a rica massa
Que no mar nasce, e Arabia em cheiro passa.

XXVI

Estando socegado já o tumulto
Dos deoses, e de seus recebimentos,
Começa a descobrir do peito occulto
A causa o Thyoneo de seus tormentos:
Hum pouco carregando se no vulto,
Dando mostra de grandes sentimentos,
Só por dar aos de Luso triste morte
Co'o ferro alheio, falla desta sorte:

Discurso de Baccho para excitar a ira de Neptuno e de todas as divindades do mar contra os Portuguezes

XXVII

Principe, que de juro senhorêas
D'hum polo ao outro polo o mar irado,
Tu, que as gentes da terra toda enfrêas;
Que não passem o termo limitado:
E tu, padre Oceano, que rodêas
O mundo universal, e o tens cercado,
E com justo decreto assi permites,
Que dentro vivam só de seus limites:

XXVIII

E vós, deoses do mar, que não soffreis
Injuria alguma em vosso reino grande,
Que com castigo igual vos não vingueis
De quem quer, que por elle côrra, e ande:
Que descuido foi este, em que viveis?
Quem pode ser, que tanto vos abrande
Os peitos, com razão endurecidos
Contra os humanos fracos, e atrevidos?

XXIX

Vistes, que com grandissima ousadia
Foram já commetter o ceo supremo:
Vistes aquella insana phantasia
De tentarem o mar com vela, e remo:
Vistes, e ainda vemos cada dia
Soberbas, e insolencias taes, que temo,
Que do mar e do ceo em poucos annos
Venham deoses a ser, e nós humanos.

XXX

Vêdes agora a fraca geração,
Que d'hum vassallo meu o nome toma,
Com soberbo, e altivo coração
A vós e a mi, e o mundo todo doma:
Vêdes, o vosso mar cortando vão,
Mais do que fez a gente alta de Roma:
Vêdes, o vosso reino devassando,
Os vossos estatutos vão quebrando.

XXXI

Eu vi, que contra os Minyas, que primeiro
No vosso reino este caminho abriram,
Boreas injuriado, e o companheiro
Áquilo, e os outros todos resistiram:
Pois se do ajuntamento aventureiro
Os ventos esta injuria assi sentiram,
Vós, a quem mais compete esta vingança,
Que esperais? Porque a pondes em tardança?

XXXII

E não consinto, deoses, que cuideis,
Que por amor de vós do ceo desci,
Nem da magoa, da injuria, que soffreis,
Mas da que se me faz tambem a mi;
Que aquellas grandes honras, que sabeis,
Que no mundo ganhei, quando venci
As terras Indianas do Oriente,
Todas vejo abatidas desta gente:

XXXIII

Que o grão Senhor, e fados, que destinam,
Como lhe bem parece, o baixo mundo,
Famas mores, que nunca, determinam
De dar a estes Barões no mar profundo:
Aqui vereis, ó deoses, como ensinam
O mal tambem a deoses: que, a segundo
Se vê, ninguem já tem menos valia,
Que quem com mais razão valer devia.

XXXIV

E por isso do Olympo já fugi,
Buscando algum remedio a meus pezares;
Por vêr o preço, que no ceo perdi,
Se por dita acharei nos vossos mares.
Mais quiz dizer, e não passou daqui;
Porque as lagrimas já correndo a pares
Lhe saltaram dos olhos, com que logo
Se accendem as deidades d'agua em fogo.

Effeito produzido pelo discurso de Baccho

XXXV

A ira, com que subito alterado
O coração dos deoses foi n'hum ponto,
Não soffreo mais conselho bem cuidado,
Nem dilação, nem outro algum desconto:
Ao grande Eolo mandam já recado
Da parte de Neptuno, que sem conto
Solte as furias dos ventos repugnantes;
Que não haja no mar mais navegantes.

XXXVI

Bemquizera primeiro alli Proteo
Dizer neste negocio o, que sentia,
E, segundo o que a todos pareceo,
Era alguma profunda prophecia:
Porêm tanto o tumulto se moveo
Subito na divina companhia,
Que Thetys indignada lhe bradou:
« Neptuno sabe bem o que mandou. »

XXXVII

Já lá o soberbo Hippótades soltava
Do carcere fechado os furiosos
Ventos, que com palavras animava
Contra os Barões audaces, e animosos.
Subito o ceo sereno se obumbrava;
Que os ventos mais, que nunca, impetuosos
Começam novas forças a ir tomando,
Torres, montes, e casas derribando.

Em quanto se fazia o conselho dos deoses do mar no palacio de Neptuno, conta Velloso a seus companheiros, em hum dos navios da frota Portugueza, a aventura dos doze Portuguezes que em Londres venceram em hum torneio doze cavalleiros Inglezes

XLIV

Entre as damas gentis da côrte Inglesa,
E nobres cortezãos acaso hum dia
Se levantou Discordia em ira accesa,
Ou foi opinião, ou foi porfia:
Os cortezãos, a quem tão pouco pesa
Soltar palavras graves de ousadia,
Dizem, que provarão, que honras e famas
Em taes damas não ha para ser damas.

XLV

E que, se houver alguem, com lança e espada
Que queira sustentar a parte sua,
Que elles em campo razo, ou estacada
Lhe darão fea infamia, ou morte crua.
A feminil fraqueza pouco usada,
Ou nunca a opprobrios taes, vendo-se nua
De forças naturaes convenientes;
Soccorro pede a amigos, e parentes.

XLVI

Mas, como fossem grandes, e possantes,
No reino os inimigos; não se atrevem
Nem parentes, nem férvidos amantes,
A sustentar as damas, como devem:
Com lagrimas formosas, e bastantes
A fazer, que em soccorro os deoses levem
De todo o Ceo, por rostos de alabastro;
Se vão todas ao Duque de Alencastro.

XLVII

Era este Inglez potente, e militara
Co'os Portuguezes já contra Castella,
Onde as forças magnanimas provara
Dos companheiros, e benigna estrella:
Não menos nesta terra exprimentara
Namorados affeitos, quando nella
A filha vio, que tanto o peito doma,
Do forte Rei, que por mulher a toma.

*

XLVIII

Este, que soccorrer-lhe não queria,
Por não causar discordias intestinas,
Lhe diz: Quando o direito pretendia
Do reino lá das terras Iberinas,
Nos Lusitanos vi tanta ousadia,
Tanto primor, e partes tão divinas,
Que elles sós poderiam, se não erro,
Sustentar vossa parte a fogo e ferro.

XLIX

E se, aggravadas damas, sois servidas,
Por vós lhe mandarei embaixadores,
Que por cartas discretas, e polidas
Do vosso aggravo os façam sabedores:
Tambem por vossa parte encarecidas
Com palavras d'affagos, e d'amores
Lhe sejam vossas lagrimas; que eu creio,
Que alli tereis soccorro, e forte esteio.

L

Desta arte as aconselha o Duque experto,
E logo lhe nomêa dôze fortes:
E, porque cada dama hum tenha certo,
Lhe manda, que sobre elles lancem sortes;
Que ellas só dôze são: e descoberto
Qual a qual tem cahido das consortes,
Cada huma escreve ao seu por varios modos,
E todas a seu Rei, e o Duque a todos.

LI

Já chega a Portugal o mensageiro.
Toda a côrte alvoroça a novidade:
Quizera o Rei sublime ser primeiro,
Mas não lho soffre a Regia magestade:
Qualquer dos cortezãos aventureiro
Deseja ser com férvida vontade,
E só fica por bemaventurado,
Quem já vem pelo Duque nomeado.

LII

Lá na leal cidade, donde teve
Origem (como he fama) o nome eterno
De Portugal, armar madeiro leve
Manda o, que tem o leme do governo.
Apercebem se os dôze em tempo breve
D'armas, e roupas de uso mais moderno,
De elmos, cimeiras, letras, e primores,
Cavallos, e concertos de mil cores.

LIII

Já do seu Rei tomado tem licença,
Para partir do Douro celebrado,
Aquelles, que escolhidos por sentença
Foram do Duque Inglez exprimentado.
Não ha na companhia differença
De cavalleiro, destro, ou esforçado;
Mas hum só, que Magriço se dizia,
Desta arte falla á forte companhia:

LIV

Fortissimos consocios, eu desejo
Ha muito já de andar terras estranhas;
Por ver mais aguas, que as do Douro, e Tejo,
Varias gentes, e leis, e varias manhas:
Agora, que apparelho certo vejo,
(Pois que do mundo as cousas são tamanhas)
Quero, se me deixais, ir só por terra;
Porque eu serei comvosco em Inglaterra.

LV

E quando caso for, que eu, impedido
Por quem das cousas he ultima linha,
Não for comvosco ao prazo instituido,
Pouca falta voz faz a falta minha;
Todos por mi fareis o que he devido:
Mas, se a verdade o espirito me adivinha,
Rios, montes, fortuna, ou sua inveja
Não farão, que eu comvosco lá não seja.

LVI

Assi diz; e, abraçados os amigos,
E tomada licença, em fim se parte:
Passa Leão, Castella, vendo antigos
Lugares, que ganhára o patrio Marte,
Navarra, co'os altissimos perigos
Do Pyreneo, que Hespanha, e Gallia parte:
Vistas em fim de França as cousas grandes,
No grande emporio foi parar de Frandes.

LVII

Alli chegado, ou fosse caso, ou manha,
Sem passar se deteve muitos dias:
Mas dos onze a illustrissima companha
Cortam o mar do Norte as ondas frias.
Chegados de Inglaterra á costa estranha,
Para Londres já fazem todos vias:
Do Duque são com festa agasalhados,
E das damas servidos, e amimados.

LVIII

Chega-se o prazo, e dia assinalado
De entrar em campo já co'os dôze Inglezes,
Que pelo Rei já tinham segurado:
Armam-se d'elmos, grevas, e de arnezes:
Já as damas tem por si fulgente, e armado,
O Mavorte feroz dos Portuguezes:
Vestem-se ellas de côres, e de sedas,
De ouro, e de joias mil, ricas, e ledas.

LIX

Mas aquella, a quem fôra em sorte dado
Magriço, que não vinha, com tristeza
Se veste; por não ter quem nomeado
Seja seu cavalleiro nesta empreza:
Bem que os onze apregoam, que acabado
Será o negocio assi na côrte Ingleza,
Que as damas vencedoras se conheçam,
Postoque dous e tres dos seus falleçam.

LX

Já n'hum sublime, e publico theatro
Se assenta o Rei Inglez com toda a côrte:
Estavam tres e tres, e quatro e quatro,
Bem como a cada qual coubera em sorte.
Não são vistos do Sol, do Tejo ao Bactro,
De força, esforço, e d'animo mais forte
Outros dôze sahir, como os Inglezes,
No campo contra os onze Portuguezes.

LXI

Mastigam os cavallos escumando
Os aureos freos com feroz sembrante:
Estava o Sol nas armas rutilando,
Como em crystal, ou rigido diamante:
Mas enxerga-se n'hum e n'outro bando
Partido desigual, e dissonante
Dos onze contra os dôze: quando a gente
Começa a alvoroçar-se geralmente.

LXII

Viram todos o rosto, aonde havia
A causa principal do reboliço:
Eis entra hum cavalleiro, que trazia
Armas, cavallo, ao bellico serviço:
Ao Rei, e ás damas falla, e logo se hia
Para os onze; que este era o grão Magriço:
Abraça os companheiros, como amigos,
A quem não falta certo nos perigos.

LXIII

A dama, como ouvio, que este era aquelle,
Que vinha a defender seu nome, e fama,
Se alegra, e veste alli do animal de Helle,
Que a gente bruta mais, que virtude, ama.
Já dão sinal, e o som da tuba impelle
Os bellicosos animos, que inflamma:
Picam d'esporas, largam redeas logo,
Abaixam lanças, fere a terra fogo.

LXIV

Dos cavallos o estrepito parece,
Que faz, que o chão debaixo todo treme:
O coração no peito, que estremece,
De quem os olha, se alvoroça, e teme:
Qual do cavallo voa; que não dece:
Qual, co'o cavallo em terra dando, geme:
Qual vermelhas as armas faz de brancas;
Qual co'os pennachos do elmo açouta as ancas.

LXV

Algum dalli tomou perpetuo sono,
E fez da vida ao fim breve intervallo:
Correndo algum cavallo vai sem dono,
E n'outra parte o dono sem cavallo:
Cahe a soberba Ingleza do seu throno;
Que dous, ou tres já fóra vão do vallo:
Os, que de espada vem fazer batalha,
Mais acham já, que arnez, escudo, e malha.

LXVI

Gastar palavras em contar extremos
De golpes feros, cruas estocadas,
He desses gastadores, que sabemos,
Maos do tempo, com fabulas sonhadas:
Basta por fim do caso, que entendemos,
Que com finezas altas e afamadas
Co'os nossos fica a palma da victoria,
E as damas vencedoras, e com gloria.

Tendo Velloso concluido a narração da victoria dos doze Portuguezes, sobrevem huma horrenda tempestade, descripta pelo poeta com maravilhosa propriedade

LXX

Mas neste passo assi promptos estando,
Eis o mestre, que olhando os ares anda,
O apito toca; acordam despertando
Os marinheiros d'huma e d'outra banda:
E, porque o vento vinha refrescando,
Os traquetes das gaveas tomar manda:
Alerta, disse, estai; que o vento crece
Daquella nuvem negra, que apparece.

LXXI

Não eram os traquetes bem tomados,
Quando dá a grande, e subita procella:
Amaina, disse o mestre a grandes brados,
Amaina, disse, amaina a grande vela.
Não esperam os ventos indignados,
Que amainassem; mas, juntos dando nella,
Em pedaços a fazem c'hum ruido,
Quo o mundo pareceo ser destruido.

LXXII

O ceo fere com gritos nisto a gente,
Com subito temor, e desacordo;
Que, no romper da vela, a náo pendente
Toma grão somma d'agua pelo bordo:
Alija, disse o mestre rijamente,
Alija tudo ao mar, não falte acordo,
Vão outros dar á bomba não cessando:
Á bomba; que nos imos alagando.

LXXIII

Correm logo os soldados animosos
A dar á bomba: e tanto que chegaram,
Os balanços, que os mares temerosos
Deram á náo, n'hum bordo os derribaram:
Tres marinheiros duros, e forçosos
A mancar o leme não bastaram,
Talhas lhe punham d'huma e d'outra parte,
Sem aproveitar dos homens força, e arte.

LXXIV

Os ventos eram taes, que não puderam
Mostrar mais força d'impeto cruel,
Se para derribar então vieram
A fortissima torre de Babel:
Nos altissimos mares, que cresceram,
A pequena grandura d'hum batel
Mostra a possante náo, que move espanto,
Vendo que se sostem nas ondas tanto.

LXXV

A náo grande, em que vai Paulo da Gama,
Quebrado leva o mastro pelo meio,
Quasi toda alagada: a gente chama
Aquelle, que a salvar o mundo veio.
Não menos gritos vãos ao ar derrama
Toda a náo de Coelho com receio;
Com quanto teve o mestre tanto tento,
Que primeiro amainou, que désse o vento.

LXXVI

Agora sobre as nuvens os subiam
As ondas de Neptuno furibundo:
Agora a vêr, parece, que desciam
As intimas entranhas do profundo.
Noto, Austro, Boreas, Aquilo queriam
Arruinar a machina do mundo:
A noite negra, e fea se allumia
Co'os raios, em que o polo todo ardia.

LXXVII

As Halcyoneas aves triste canto
Junto da costa brava levantaram,
Lembrando-se de seu passado pranto,
Que as furiosas aguas lhe causaram:
Os delphins namorados entretanto
Lá nas covas maritimas entraram,
Fugindo a tempestade, e ventos duros,
Que nem no fundo os deixa estar seguros.

LXXVIII

Nunca tão vivos raios fabricou
Contra a fera soberba dos gigantes
O grão ferreiro sordido, que obrou
Do enteado as armas radiantes:
Nem tanto o grão Tonante arremessou
Relampagos ao mundo fulminantes,
No grão diluvio, donde sós viveram
Os dous, que em gente as pedras converteram.

LXXIX

Quantos montes então que derribaram
As ondas, que batiam denodadas!
Quantas arvores velhas arrancaram
Do vento bravo as furias indignadas!
As forçosas raizes não cuidaram,
Que nunca para o ceo fossem viradas,
Nem as fundas areas, que podessem
Tanto os mares, que em cima as revolvessem.

Vasco da Gama, em tão imminente perigo, implora o favor divino

LXXX

Vendo Vasco da Gama, que tão perto
Do fim de seu desejo se perdia:
Vendo ora o mar até o inferno aberto,
Ora com nova furia ao ceo subia:
Confuso de temor, da vida incerto,
Onde nenhum remedio lhe valia,
Chama aquelle remedio sancto, e forte,
Que o impossibil pode, desta sorte:

LXXXI

Divina Guarda, angelica, celeste,
Que os ceos, o mar, e terra senhoreas,
Tu, que a todo Israel refugio déste
Por metade das aguas Erythreas:
Tu, que livraste Paulo, e defendeste
Das syrtes arenosas, e ondas fêas,
E guardaste co'os filhos o segundo
Povoador do alagado e vacuo mundo:

LXXXII

Se tenho novos medos perigosos
D'outro Scylla, e Charybdis já passados,
Outras syrtes, e baixos arenosos,
Outros Acroceraunios infamados:
No fim de tantos casos trabalhosos
Porque somos de ti desamparados,
Se este nosso trabalho não te offende,
Mas antes teu serviço só pretende?

LXXXIII

Oh ditosos aquelles, que poderam
Entre as agudas lanças Africanas
Morrer, em quanto fortes sostiveram
A sancta Fé nas terras Mauritanas:
De quem feitos illustres se souberam,
De quem ficam memorias soberanas,
De quem se ganha a vida, com perde-la,
Doce fazendo a morte as honras della!

Serenada a tempestade, o piloto Melindano que se achava a bordo da náo almirante, declara avistar a terra de Calecut. O Gama, alvoroçado por tão fausta nova, ajoelhando dá graças a Deus

XCII

Já a manhãa clara dava nos outeiros,
Por onde o Ganges murmurando soa,
Quando da celsa gavea os marinheiros
Enxergaram terra alta pela proa:
Já fóra de tormenta, e dos primeiros
Mares, o temor vão do peito voa:
Disse alegre o Piloto Melindano,
«Terra he de Calecut,» se não me engano.

XCIII

Esta he por certo a terra, que buscais,
Da verdadeira India, que apparece;
E, se do mundo mais não desejais,
Vosso trabalho longo aqui fenece.
Soffrer aqui não pode o Gama mais,
De ledo em vêr, que a terra se conhece,
Os giolhos no chão, as mãos ao ceo,
A mercê grande a Deos agradeceo:

XCIII

As graças a Deos dava, e razão tinha;
Que não somente a terra lhe mostrava,
Que com tanto temor buscando vinha,
Por quem tanto trabalho exprimentava;
Mas via-se livrado tão asinha
Da morte, que no mar lhe apparelhava
O vento duro, férvido, e medonho,
Como quem despertou de horrendo sonho.

Remata o poeta o sexto canto do seu poema fazendo excellentes reflexões moraes sobre a necessidade que tem de supportar com fortaleza quaesquer trabalhos, e de arrostar valerosamente os maiores perigos, aquelles que aspiram a immortalizar-se por gloriosas façanhas

XCV

Por meio destes horridos perigos,
Destes trabalhos graves, e temores,
Alcançam os, que são de fama amigos,
As honras immortaes, e gráos maiores:
Não encostados sempre nos antigos
Troncos nobres de seus antecessores,
Não nos leitos dourados entre os finos
Animaes de Moscovia zebellinos.

XCVI

Não co'os manjares novos e exquisitos,
Não co'os passeios molles e ociosos,
Não co'os varios deleites e infinitos,
Que afeminam os peitos generosos:
Não co'os nunca vencidos appetitos,
Que a fortuna tem sempre tão mimosos,
Que não soffre a nenhum, que o passo mude
Para alguma obra heroica de virtude:

XCVII

Mas com buscar co'o seu forçoso braço
As honras, que elle chame proprias suas,
Vigiando, e vestindo o forjado aço,
Soffrendo tempestades, e ondas cruas,
Vencendo os torpes frios no regaço
Do Sul, e regiões de abrigo nuas,
Engolindo o corrupto mantimento,
Temperado c'hum arduo soffrimento:

XCVIII

E com forçar o rosto, que se enfia,
A parecer seguro, lêdo, inteiro
Para o pelouro ardente, que assovia,
E leva a perna ou braço ao companheiro.
Desta arte, o peito hum callo honroso cria,
Desprezador das honras, e dinheiro,
Das honras, e dinheiro, que a ventura
Forjou, e não virtude justa, e dura.

XCIX

Desta arte se esclarce o entendimento,
Que experiencias fazem repousado;
E fica vendo, como de alto assento,
O baixo trato humano embaraçado:
Este, onde tiver força o regimento
Direito, e não de affeitos occupado,
Subirá (como deve) a illustre mando,
Contra vontade sua, e não rogando.

EXCERPTOS DO CANTO VII

O poeta, depois de contar a chegada de Vasco da Gama a Calecut, e de ter deplorado as discordias e desregrada ambição dos varios potentados da Europa, tece hum magnifico elogio ao zelo religioso, e aos patrioticos commettimentos dos Portuguezes

III

Vós, Portuguezes poucos, quanto fortes,
Que o fraco poder vosso não pezais;
Vós, que á custa de vossas varias mortes
A Lei da vida eterna dilatais:
Assi do Ceo deitadas são as sortes,
Qe vós, por muito poucos que sejais,
Muito façais na sancta Christandade:
Que tanto, ó Christo, exaltas a humildade!

IV

Vede-los Alemães, soberbo gado,
Que por tão largos campos se apascenta,
Do successor de Pedro rebellado,
Novo pastor, e nova seita inventa:
Vede-lo em feas guerras occupado
(Que inda co'o cego errôr se não contenta!)
Não contra o superbissimo Othomano,
Mas por sahir do jugo soberano.

V

Vede-lo duro Inglez, que se nomea
Rei da velha e sanctissima Cidade,
Que o torpe Ismaelita senhorea,
(Quem vio honra tão longe da verdade!)
Entre as Boreaes neves se recrea,
Nova maneira faz de Christandade:
Para os de Christo tem a espada nua,
Não por tomar a terra, que era sua.

VI

Guarda-lhe por entanto hum falso Rei
A cidade Hierosolyma terreste,
Em quanto elle não guarda a sancta lei
Da cidade Hierosolyma celeste.
Pois de ti, Gallo indigno, que direi?
Que o nome Christianissimo quizeste,
Não para defende-lo, nem guarda-lo,
Mas para ser contra elle, e derriba-lo!

VII

Achas, que tens direito em senhorios
De Christãos, sendo o teu tão largo e tanto,
E não contra o Cinypho e Nilo, rios
Inimigos do antiguo nome sancto?
Alli se hão de provar da espada os fios,
Em quem quer reprovar da Igreja o canto:
De Carlos, de Luis, o nome e a terra
Herdaste, e as causas não da justa guerra?

VIII

Pois que direi daquelles, que em delicias,
Que o vil ocio no mundo traz comsigo,
Gastão as vidas, logram as divicias,
Esquecidos de seu valor antigo?
Nascem da tyrannia inimicicias,
Que o povo forte tem, de si inimigo:
Comtigo, Italia, fallo, já submersa
Em vicios mil, e de ti mesma adversa.

IX

Ó miseros Christãos, pela ventura
Sôis os dentes de Cadmo desparzidos
Que huns aos outros se dão a morte dura,
Sendo todos de hum ventre produzidos?
Não vedes a divina sepultura
Possuida de cães, que sempre unidos
Vos vem tomar a vossa antigua terra,
Fazendo-se famosos pela guerra?

X

Vedes, que tem por uso, e por decreto,
Do qual são tão inteiros observantes,
Ajuntarem o exercito inquieto
Contra os povos, que são de Christo amantes:
Entre vós nunca deixa a fera Aleto
De semear cizanias repugnantes:
Olhai, se estais seguros de perigos;
Que elles e vós sois vossos inimigos.

XI

Se cobiça de grandes senhorios
Vos faz ir conquistar terras alheas,
Não vedes, que Pactolo e Hermo rios,
Ambos volvem auriferas areas?
Em Lydia, Assyria, lavram de ouro os fios,
Africa esconde em si luzentes veas:
Mova-vos já se quer riqueza tanta;
Pois mover-vos não pode a Casa santa.

XII

Aquellas invenções feras, e novas
De instrumentos mortaes da artilharia
Já devem de fazer as duras provas
Nos muros de Byzancio, e de Turquia:
Fazei, que torne lá ás sylvestres covas
Dos Caspios montes, e da Scythia fria
A Turca geração, que multiplica
Na policia da vossa Europa rica.

XIII

Gregos, Thraces, Armenios, Georgianos
Bradando-vos estão, que o povo bruto
Lhe obriga os charos filhos aos profanos
Preceitos do Alcorão (duro tributo!):
Em castigar os feitos inhumanos
Vos gloriai de peito forte, e astuto,
E não queirais louvores arrogantes
De serdes contra os vossos mui possantes.

XIV

Mas em tanto que cegos, e sedentos
Andais de vosso sangue, ó gente insana
Não faltarão Christãos atrevimentos
Nesta pequena casa Lusitana:
De Africa tem maritimos assentos,
He na Asia mais, que todas, soberana,
Na quarta parte nova os campos ara,
E, se mais mundo houvera, lá chegara.

O Gama, logo depois de fundeada a frota no porto de Calecut, manda á terra hum mensageiro, o qual encontra hum mouro da Barberia, chamado, Monçaide, que o hospeda muito amigavelmente, em cuja companhia volta para bordo da capitanea

XXIII

Chegada a frota ao rico senhorio,
Hum Portrguez mandado logo parte,
A fazer sabedor o Rei gentio
Da vinda sua a tão remota parte.
Entrando o mensageiro pelo rio,
Que alli nas ondas entra, a não vista arte,
A côr, o gesto estranho, o trajo novo
Fez concorer a vê-lo todo o povo.

XXIV

Entre a gente, que a vê-lo concorria,
Se chega hum Mahometa, que nascido
Fôra na região da Berberia,
Lá onde fôra Anteo obedecido;
Ou pela visinhança já teria
O reino Lusitano conhecido,
Ou foi já assinalado de seu ferro,
Fortuna o trouxe a tão longo desterro.

XXV

Em vendo o mensageiro, com jocundo
Rosto, como quem sabe a lingua Hispana,
Lhe disse: Quem te trouxe a est'outro mundo,
Tão longe da tua patria Lusitana?
Abrindo, lhe responde, o mar profundo,
Por onde nunca veio gente humana,
Vimos buscar do Indo a grão corrente,
Por onde a Lei divina se accrescente.

XXVI

Espantado ficou da grão viagem
O Mouro, que Monçaide se chamava,
Ouvindo as oppressões, que na passagem
Do mar o Lusitano lhe contava:
Mas vendo em fim, que a força da mensagem
Só para o Rei da terra relevava,
Lhe diz, que estava fóra da cidade,
Mas de caminho pouca quantidade:

XXVII

E que, em tanto que a nova lhe chegasse
De sua estranha vinda, se queria,
Na sua pobre casa ropousasse,
E do manjar da terra comeria:
E, despois que se hum pouco recreasse,
Com elle para a armada tornaria;
Que alegria não pode ser tamanha,
Que achar gente visinha em terra estranha.

XXVIII

O Portuguez acceita de vontade
O, que o ledo Monçaide lhe offerece:
Como se longa fôra já a amizade,
Com elle come e bebe, e lhe obedece;
Ambos se tornam logo da cidade
Para a frota, que o Mouro bem conhece,
Sobem á capitaina, e toda a gente
Monçaide recebeo benignamente.

Monçaide, recebido benevolamente pelo Gama, dá importantes informações ácerca da terra a que havia aportado, da familia nella reinante, e de varias usanças Indianas

XXIX

O Capitão o abraça em cabo ledo,
Ouvindo clara a lingua de Castella,
Junto de si o assenta, e prompto e quedo,
Pela terra pergunta, e cousas della.
Qual se ajuntava em Rhódope o arvoredo,
Só por ouvir o amante da donzella
Eurydice, tocando a lyra de ouro,
Tal a gente se ajunta a ouvir o Mouro.

XXX

Elle começa: Ó gente, que a natura
Visinha fez de meu paterno ninho,
Que destino tão grande, ou que ventura,
Vos trouxe a commetterdes tal caminho?
Não he sem causa, não, occulta e escura,
Vir do longiquo Tejo, e ignoto Minho,
Por mares nunca d'outro lenho arados
A reinos tão remotos e apartados.

XXXI

Deos por certo vos traz; porque pretende
Algum serviço seu por vós obrado:
Por isso só vos guia, e vos defende
Dos imigos, do mar, do vento irado.
Sabei, que estais na India, onde se estende
Diverso povo, rico, e prosperado
De ouro luzente, e fina pedraria
Cheiro suave, ardente especiaria.

XXXII

Esta provincia, cujo porto agora
Tomado tendes, Malabar se chama:
Do culto antiguo os idolos adora,
Que cá por estas partes se derrama:
De diversos Reis he, mas d'hum só fôra
N'outro tempo, segundo a antigua fama:
Saramá Perimal foi derradeiro
Rei, que este reino teve unido, e inteiro:

XXXIII

Porêm, como a esta terra então viessem
De lá do seio Arabico outras gentes,
Que o culto Mahometico trouxessem,
No qual me instituiram meus parentes;
Succedeo, que prégando convertessem
O Perimal, de sabias, e eloquentes;
Fazem-lhe a lei tomar com fervor tanto,
Que presuppôz de nella morrer santo.

XXXIV

Náos arma, e nellas mette curioso
Mercadoria, que offereça, rica;
Para ir nellas a ser religioso,
Onde o propheta jaz, que a lei publica:
Antes que parta, o reino poderoso
Co'os seus reparte; porque não lhe fica
Herdeiro proprio: faz os mais acceitos
Ricos de pobres, livres de sujeitos.

XXXV

A hum Cochim, e a outro Cananor
A qual Chalé, a qual a ilha da Pimenta,
A qual Coulão, a qual dá Cranganor,
E os mais, a quem o mais serve, e contenta.
Hum só moço, a quem tinha muito amor,
Despois que tudo dêo, se lhe apresenta:
Para este Calecut somente fica,
Cidade já por trato nobre, e rica:

XXXVI

Esta lhe dá co'o titulo excellente
De Imperador, que sôbre os outros mande.
Isto feito, se parte diligente
Para onde em sancta vida acabe, e ande:
E daqui fica o nome de potente
Samorim mais, que todos, digno e grande,
Ao moço, e descendentes, donde vem
Este, que agora o imperio manda, e tem.

XXXVII

A lei da gente toda, rica e pobre,
De fabulas composta se imagina:
Andam nus, e somente hum panno cobre
As partes, que a cobrir natura ensina:
Dous modos ha de gente; porque a nobre
Naires chamados são, e a menos dina
Poleás tem por nome, a quem obriga
A lei não misturar a casta antiga:

XXXVIII

Porque os, que usaram sempre hum mesmo officio,
D'outro não podem receber consorte,
Nem os filhos terão outro exercicio,
Senão o de seus passados, até morte.
Para os Naires he certo grande vicio
De-tes serem tocados, de tal sorte,
Que, quando algum se toca por ventura,
Com ceremonias mil se alimpa, e apura.

XXXIX

Desta sorte o Judaico povo antigo
Não tocava na gente de Samária:
Mais estranhezas inda das, que digo,
Nesta terra vereis de usança varia:
Os Naires sós são dados ao perigo
Das armas, sós defendem da contraria
Banda o seu Rei, trazendo sempre usada
Na esquerda a adarga, e na direita a espada.

XL

Brahmenes são os seus religiosos,
Nome antiguo, e de grande preeminencia:
Observam os preceitos tão famosos
D'hum, que primeiro pôz nome á sciencia:
Não matam cousa viva, e temerosos,
Das carnes tem grandissima abstinencia:
Somente no venereo ajuntamento
Tem mais licença, e menos regimento.

XLI

.....
Estes, e outros costumes variamente
São pelos Malabares admittidos:
A terra he grossa em trato em tudo aquillo,
Que as ondas podem dar da China ao Nilo.

Vasco da Gama, obtida do Samorim, isto he, do soberano de Calecut, licença de desembarcar, acompanhado dos Portuguezes da frota, e bem assim de hum regedor do paiz, e de huma comitiva de Naires, ou nobres do reino, se dirige aos paços reaes

XLIII

Mas elle, que do Rei já tem licença
Para desembarcar, acompanhado
Dos nobres Portuguezes, sem detença
Parte de ricos pannos adornado:
Das côres a formosa differença
A vista alegra ao povo alvoroçado:
O remo compassado fere frio
Agora o mar, despois o fresco rio.

XLIV

Na praia hum regedor do reino estava,
Que na sua lingua Catual se chama,
Rodeado de Naires, que esperava
Com desusada festa o nobre Gama:
Já na terra nos braços o levava,
E n'hum portatil leito hũa rica cama
Lhe offerece, em que vá (costume usado);
Que nos hombros dos homens he levado.

XLV

Desta arte o Malabar, dest'arte o Luso,
Caminham lá, para onde o Rei o espera:
Os outros Portuguezes vão ao uso,
Que infantaria segue, esquadra fera:
O povo, que concorre, vai confuso
De vêr a gente estranha, e bem quizera
Perguntar; mas no tempo já passado
Na torre de Babel lhe foi vedado.

Chegam os Portuguezes ao palacio do Samorím, em cujos portaes se vêem varias pinturas historicas

L

Já chegam perto, e não com passos lentos,
Dos jardins odoriferos, formosos,
Que em si escondem os regios aposentos,
Altos de torres não; mas sumptuosos:
Edificam-se os nobres seus assentos
Por entre os arvoredos deleitosos:
Assi vivem os Reis daquella gente
No campo, e na cidade juntamente.....

LI

Pelos portaes da cêrca a subtileza
Se enxérga da Dedálea faculdade,
Em figuras mostrando por nobreza
Da India a mais remota antiguidade:
Affiguradas vão com tal viveza
As historias daquella antigua idade,
Que, quem dellas tiver noticia inteira,
Pela sombra conhece a verdadeira.

LII

Estava hum grande exercito, que pisa
A terra Oriental, que o Hydaspe lava,
Rege-o hum capitão de fronte lisa,
Que com frondentes thyrsos pelejava:
Por elle edificada estava Nysa
Nas ribeiras do rio, que manava,
Tão proprio, que, se alli estiver Semele,
Dirá por certo, que he seu filho aquelle.

LIII

Mais avante, bebendo, sécca o rio
Mui grande multidão da Assyria gente,
Sujeita a feminino senhorio
De huma tão bella, como incontinente:
. . . . . .

LIV

Daqui mais apartadas tremolavam
As bandeiras de Grecia gloriosas,
Terceira monarchia, e sobjugavam
Até as aguas Gangeticas undosas:
D'hum capitão mancebo se guiavam,
De palmas rodeado valerosas,
Que já, não de Philippo, mas sem falta
De progenie de Jupiter se exalta.

LV

Os Portuguezes vendo estas memorias,
Dizia o Catual ao Capitão:
Tempo cedo virá, que outras victorias
Estas, que agora olhais, abaterão:
Aqui se escreverão novas historias
Por gentes estrangeiras, que virão;
Que os nossos sabios magos o alcançaram,
Quando o tempo futuro especularam.

LVI

E diz-lhe mais a magica sciencia,
Que, para se evitar força tamanha,
Não valerá dos homens resistencia;
Que contra o Ceo não val da gente manha:
Mas tambem diz, que a bellica excellencia
Nas armas, e na paz, da gente estranha
Será tal, que será no mundo ouvido
O vencedor, por gloria do vencido.

Entra o Gama na sala em que o Samorim o recebe em solemne audiencia

LVII

Assi fallando entravam já na sala,
Onde aquelle potente Imperador
N'huma camilha jaz, que não se iguala
De outra alguma no preço, e no lavor:
No recostado gesto se assinala
Hum venerando e prospero senhor:
Hum panno de ouro cinge, e na cabeça
De preciosas gemmas se adereça.

LVIII

Bem junto delle hum velho reverente,
Co'os giolhos no chão, de quando em quando
Lhe dava a verde folha da herva ardente,
Que a seu costume estava ruminando:
Hum Brahmene, pessoa preeminente,
Para o Gama vem com passo brando;
Para que ao grande Principe o apresente,
Que diante lhe acena, que se assente.

LIX

Sentado o Gama junto ao rico leito,
Os seus mais affastados, prompto em vista
Estava o Samorim no trajo, e geito
Da gente, nunca de antes delle vista:
Lançando a grave voz do sabio peito,
Que grande auctoridade logo aquista
Na opinião do Rei, e do povo todo,
O Capitão lhe falla deste modo:

Falla de Vasco da Gama ao Samorim, dando-lhe conta da sua missão

LX

Hum grande Rei de lá das partes, onde
O ceo volubil com perpetua roda
Da terra a luz solar co'a terra esconde,
Tingindo a, que deixou, de escura noda,
Ouvindo do rumor, que lá responde
O ecco, como em ti da India toda
O principado está, e a magestade;
Vinculo quer comtigo de amizade:

LXI

E por longos rodeios a ti manda,
Por te fazer saber, que tudo aquillo,
Que sôbre o mar, que sôbre as terras anda,
De riquezas, de lá do Tejo ao Nilo,
E desde a fria plaga de Zelanda,
Até bem donde o Sol não muda o estylo
Nos dias, sobre a gente de Ethiopia,
Tudo tem no seu reino em grande copia.

LXII

E, se queres com pactos, e lianças
De paz, e de amizade sacra e nua,
Commercio consentir das abondanças
Das fazendas da terra sua, e tua;
Porque cresçam as rendas, e abastanças
(Por quem a gente mais trabalha e sua)
De vossos reinos; será certamente
De ti proveito, e delle gloria ingente.

LXIII

E sendo assi, que o nó desta amizade
Entre vós firmemente permaneça,
Estará prompto a toda adversidade
Que por guerra a teu reino se offereça,
Com gente, armas, e náos; de qualidade,
Que por irmão te tenha, e te conheça:
E da vontade em ti sôbre isto posta
Me dês a mi certissima resposta.

Tendo o Samorim respondido em termos amigaveis, se bem que dilatorios, o Catual, depois de haver agasalhado em sua casa o Gama e os outros Portuguezes, manda chamar Monçaide para haver delle informações ácerca da gente recem-chegada. Ministra-lh'as o mouro

LXIV

Tal embaixada dava o Capitão,
A quem o Rei gentio respondia,
Que em vêr embaixadores de nação
Tão remota grão gloria recebia:
Mas neste caso a ultima tenção
Com os de seu conselho tomaria,
Informando-se certo, de quem era
O Rei, e a gente, e terra, que dissera:

LXV

E que em tanto podia do trabalho
Passado ir repousar, e em tempo breve
Daria a seu despacho hum justo talho,
Com que a seu Rei resposta alegre leve.
Já nisto punha a noite o usado atalho
Ás humanas canseiras: porque ceve
De doce somno os membros trabalhados,
Os olhos occupando ao ocio dados.

LXVI

Agasalhados fôram juntamente
O Gama e Portugezes no aposento
Do nobre regedor da Indica gente,
Com festas, e geral contentamento.
O Catual, no cargo diligente
De seu Rei, tinha já por regimento
Saber da gente estranha, donde vinha,
Que costumes, que lei, que terra tinha.

LXVII

Tanto que os igneos carros do formoso
Mancebo Délio vio, que a luz renova,
Manda chamar Monçaide, desejoso
De poder-se informar da gente nova:
Já lhe pergunta prompto e curioso,
Se tem noticia inteira, e certa prova
Dos estranhos, quem são; que ouvido tinha,
Que he gente de sua patria mui visinha:

LXVIII

Que particularmente alli lhe désse
Informação mui larga, pois fazia
Nisso serviço ao Rei; porque soubesse
O que neste negocio se faria.
Monçaide torna: Postoque eu quizesse
Dizer-te disto mais, não saberia:
Somente sei, que he gente lá de Hespanha,
Onde o meu ninho, e o Sol no mar se banha.

LXIX

Tem a lei d'hum Propheta, que gerado
Foi sem fazer na carne detrimento
Da Mãi; tal que por baõ está approvado
Do Deos, que tem do mundo o regimento.
O, que entre meus antiguos he vulgado
Delles, he que o valor sanguinolento
Das armas no seu braço resplandece,
O que em nossos passados se parece;

LXX

Porque elles com virtude sobrehumana
Os deitaram dos campos abundosos
Do rico Tejo, e fresca Guadiana
Com feitos memoraveis, e famosos:
E, não contentes inda, na Africana
Parte, cortando os mares procellosos,
Nos não querem deixar viver seguros,
Tomando-nos cidades, e altos muros.

LXXI

Não menos tem mostrado esforço, e manha
Em quaesquer outras guerras, que aconteçam,
Ou das gentes belligeras de Hespanha,
Ou lá d'alguns, que do Pyrene deçam:
Assi que, nunca em fim com lança estranha,
Se tem, que por vencidos se conheçam:
Nem se sabe inda, não, te affirmo e assello,
Para estes Annibáes nenhum Marcello.

LXXII

E, se esta informação não fôr inteira
Tanto, quanto convem, delles pretende
Informar-te; que he gente verdadeira,
A quem mais falsidade enoja, e offende:
Vai vêr-lhe a frota, as armas, e a maneira
Do fundido metal, que tudo rende;
E folgarás de veres a policia
Portugueza na paz, e na milicia.

O Catual vai visitar a frota Portugueza: he recebido a bordo da náo commandada por Paulo da Gama e em cujas bandeiras se achavam representados muitos factos importantes da historia de Portugal.

LXXIII

Já com desejos o Idolatra ardia
De vêr isto, que o Mouro lhe contava:
Manda esquipar bateis: que ir vêr queria
Os lenhos, em que o Gama navegava:
Ambos partem da praia, a quem seguia
A Naira geração, que o mar coalhava:
Á capitaina sobem forte e bella,
Onde Paulo os recebe a bordo della.

LXXIV

Purpureos são os toldos, e as bandeiras
Do rico fio são, que o bicho gera,
Nellas estão pintadas as guerreiras
Obras, que o forte braço já fizera:
Batalhas tem campaes, aventureiras,
Desafios crueis, pintura fera,
Que, tanto que ao Gentio se apresenta,
Attento nella os olhos apascenta.

LXXV

Pelo que vê pergunta: mas o Gama
Lhe pedia primeiro, que se assente,
E que aquelle deleite, que tanto ama
A seita Epicurêa, experimente.
Dos espumantes vasos se derrama
O licôr, que Noé mostrara á gente:
Mas comer o Gentio não pretende;
Que a seita, que seguia, lho defende.

LXXVI

A trombeta, que em paz no pensamento
Imagem faz de guerra, rompe os ares:
Co'o fogo o diabolico instrumento
Se faz ouvir no fundo lá dos mares.
Tudo o Gentio nota; mas o intento
Mostrava sempre ter nos singulares
Feitos dos homens, que em retrato breve
A muda poesia alli descreve.

O Cátual, tendo pedido que lhe fosse explicada a significação daquellas pinturas, fita os olhos sobre huma dellas. Neste ponto interrompe o poeta a sua narração. lastimando a sua sorte, queixando se da ingratidão dos seus compatriotas e protestando que só havia de celebrar o verdadeiro merecimento

LXXVIII

Hum ramo na mão tinha... Mas ó cego
Eu, que commetto insano, e temerario,
Sem vós, Nymphas do Tejo, e do Mondego,
Por caminho tão arduo, longo, e vario!
Vosso favor invoco, que navego
Por alto mar, com vento tão contrario;
Que, se não me ajudais, hei grande medo,
Que o meu fraco batel se alague cedo.

LXXIX

Olhai, que ha tanto tempo, que, cantando
O vosso Tejo e os vossos Lusitanos,
A fortuna me traz peregrinando,
Novos trabalhos vendo, e novos danos:
Agora o mar, agora exprimentando
Os perigos Mavorcios inhumanos:
Qual Canace, que á morte se condena,
N'huma mão sempre a espada, e n'outra a penna:

LXXX

Agora com pobreza aborrecida
Por hospicios alheios degradado:
Agora da esperança já adquirida
De novo, mais que nunca, derribado:
Agora ás costas escapando a vida,
Que d'hum fio pendia tão delgado;
Que não menos milagre foi salvar-se,
Que para o Rei Judaico accrescentar-se.

LXXXI

E ainda, Nymphas minhas, não bastava,
Que tamanhas miserias me cercassem;
Senão que aquelles, que eu cantando andava,
Tal premio de meus versos me tornassem:
A trôco dos descansos, que esperava,
Das capellas de louro, que me honrassem,
Trabalhos nunca usados me inventaram,
Com que em tão duro estado me deitaram.

LXXXII

Vêde, Nymphas, que engenhos de senhores
O vosso Tejo cria valerosos,
Que assim sabem prezar com taes favores,
A quem os faz, cantando, gloriosos!
Que exemplos a futuros escriptores,
Para espertar engenhos curiosos,
Para pôrem as cousas em memoria,
Que merecerem ter eterna gloria!

LXXXIII

Pois, logo em tantos males he forçado,
Que só vosso favor me não falleça,
Principalmente aqui, que sou chegado,
Onde feitos diversos engrandeça:
Dai-mo vós sós; que eu tenho já jurado,
Que não no empregue em quem o não mereça,
Nem por lisonja louve algum subido,
Sob pena de não ser agradecido.

LXXXIV

Nem creais, Nymphas, não, que fama désse
A quem ao bem commum, e do seu Rei
Antepuzer seu proprio interesse,
Imigo da divina e humana lei:
Nenhum ambicioso, que quizesse
Subir a grandes cargos, cantarei,
Só por poder com torpes exercicios
Usar mais largamente de seus vicios.

LXXXV

Nenhum, que use de seu poder bastante
Para servir a seu desejo feio,
E que, por comprazer ao vulgo errante,
Se muda em mais figuras, que Proteio:
Nem, Camenas, tambem cuideis, que cante
Quem com habito honesto e grave veio,
Por contentar ao Rei no officio novo.
A despir, e roubar o pobre povo.

LXXXVI

Nem quem acha, que he justo, e que he direito
Guardar-se a lei do Rei severamente,
E não acha, que he justo, e bom respeito,
Que se pague o suor da servil gente:
Nem quem sempre com pouco experto peito
Razões apprende, e cuida que he prudente;
Para taixar com mão rapace, e escassa,
Os trabalhos alheios, que não passa.

LXXXVII

Aquelles sós direi, que aventuraram
Por seu Deos, por seu Rei, a amada vida,
Onde, perdendo-a, em fama a dilataram
Tão bem de suas obras merecida:
Apollo e as Musas, que me acompanharam,
Me dobrarão a furia concedida,
Em quanto eu tómo alento descansado,
Por tornar ao trabalho, mais folgado.

EXCERPTOS DO CANTO VIII

Paulo da Gama explica ao Catual quaes eram as personagens representadas nas primeiras pinturas, que attrahiram a sua attenção ao contemplar o variado lavor das bandeiras. A saber: Luso e Ulysses

I

Na primeira figura se detinha
O Catual, que vira estar pintada,
Que por divisa hum ramo na mão tinha,
A barba branca, longa, e penteada:
« Quem era, e por que causa lhe convinha
« A divisa, que tem na mão tomada? »
Paulo responde, cuja voz discreta
O Mauritano sabio lhe interpreta.

II

Estas figuras todas, que apparecem,
Bravos em vista, e feros nos aspeitos;
Mais bravos e mais feros se conhecem
Pela fama nas obras e nos feitos:
Antiguos são, mais inda resplandecem
Co'o nome entre os engenhos mais perfeitos:
Este, que vês, he Luso, donde a fama
O nosso reino Lusitania chama.

III

Foi filho, ou companheiro do Thebano,
Que tão diversas partes conquistou:
Parece vindo ter ao ninho Hispano,
Seguindo as armas, que contino usou:
Do Douro, e Guadiana o campo ufano,
Já dito Elysio, tanto o contentou,
Que alli quiz dar aos já cansados ossos
Eterna sepultura, e nome aos nossos.

IV

O ramo, que lhe vês para divisa,
O verde thyrso foi de Baccho usado,
O qual á nossa idade amostra, e avisa,
Que foi seu companheiro, ou filho amado.
Vês outro, que do Tejo a terra pisa,
Despois de ter tão longo mar arado,
Onde muros perpetuos edifica,
E templo a Pallas, que em memoria fica?

V

Ulysses he, o que faz a sancta casa
Á deosa, que lhe dá lingua facunda:
Que, se lá na Asia Troia insigne abrasa,
Cá na Europa Lisboa ingente funda.

O gama respondendo ao Catual, declara quem era o heroe representado em terceiro logar nas bandeiras, isto é, Viriato. Depois mostra-lhe a figura de Sertorio, e depois successivamente as de muitos dos mais illustres personagens portuguezes que se immortalisaram pelas suas proesas

V

Quem será est'outro cá, que o campo arrasa
De mortos com presença furibunda?
Grandes batalhas tem desbaratadas,
Que as aguias nas bandeiras tem pintadas.

VI

Assi o Gentio diz: responde o Gama:
Este, que vês, pastor já foi de gado,
Viriato sabemos que se chama,
Destro na lança mais, que no cajado:
Injuriada tem de Roma a fama,
Vencedor invencibil, afamado;
Não tem com elle, não, nem ter puderam
O primôr, que com Pyrrho já tiveram:

VII

Com força não, com manha vergonhosa
A vida lhe tiraram, que os espanta;
Que o grande aperto em gente, inda que honrosa,
As vezes leis magnanimas quebranta.
Outro está aqui, que contra a patria irosa
Degradado comnosco se alevanta:
Escolheo bem, com quem se alevantasse,
Para que eternamente se illustrasse:

VIII

Vês, comnosco tambem vence as bandeiras
Dessas aves de Jupiter validas;
Que já naquelle tempo as mais guerreiras
Gentes de nós souberam ser vencidas:
Olha tão subtis artes, e maneiras,
Para adquirir os povos, tão fingidas,
A fatidica Cerva, que o avisa:
Elle he Sertorio, e ella a sua divisa.

IX

Olha est'outra bandeira, e vê pintado
O grão progenitor dos Reis primeiros:
Nós Hungaro o fazemos, porém nado
Crem ser em Lotharingia os estrangeiros:
Despois de ter, co'os Mouros, superado
Gallegos e Leonezes cavalleiros,
Á Casa sancta passa o sancto Henrique;
Porque o tronco dos Reis se sanctifique.

X

Quem he, me dize, est'outro, que me espanta,
(Pergunta o Malabar maravilhado)
Que tantos esquadrões, que gente tanta
Com tão pouca tem roto e destroçado?
Tantos muros asperrimos quebranta,
Tantas batalhas dá, nunca cansado,
Tantas coroas tem por tantas partes
A seus pés derribadas, e estandartes?

XI

Este he o primeiro Afonso, disse o Gama,
Que todo Portugal aos Mouros toma,
Por quem no Estygio lago jura a Fama
De mais não celebrar nenhum de Roma:
Este he aquelle zeloso, a quem Deos ama,
Com cujo braço o Mouro imigo doma,
Para quem de seu reino abaixa os muros,
Nada deixando já para os futuros.

XII

Se Cesar, se Alexandre Rei tiveram
Tão pequeno poder, tão pouca gente,
Contra tantos imigos, quantos eram
Os, que desbaratava este excellente;
Não creas, que seus nomes se estenderam
Com glorias immortaes tão largamente:
Mas deixa os feitos seus inexplicaveis,
Vê, que os de seus vassallos são notaveis.

XIII

Este que vês olhar com gesto irado
Para o rompido alumno mal soffrido,
Dizendo-lhe, que o exercito espalhado
Recolha, e torne ao campo defendido:
Torna o moço do velho acompanhado,
Que vencedor o torna de vencido:
Egas Moniz se chama o forte velho,
Para leaes vassallos claro espelho.

XIV

Vê-lo cá vai co'os filhos a entregar-se,
A corda ao collo, nu de seda e panno;
Porque não quiz o moço sujeitar-se,
Como elle promettera, ao Castelhano:
Fêz com siso e promessas levantar-se
O cêrco, que já estava soberano:
Os filhos, e mulher obriga á pena:
Para que o senhor salve, a si condena.

XV

Não fez o consul tanto, que cercado
Foi nas forcas Caudinas de ignorante,
Quando a passar por baixo foi forçado
Do Samnitico jugo triumphante:
Este pelo seu povo injuriado,
A si se entrega só firme e constante;
Est'outro a si e os filhos naturais,
E a consorte sem culpa, que doe mais,

XVI

Vês este, que, sahindo da cilada,
Dá sobre o Rei, que cérca a villa forte,
Já o Rei tem preso, e a villa descercada?
Illustre feito, digno de Mavorte!
Ve-lo cá vai pintado nesta armada,
No mar tambem aos Mouros dando a morte,
Tomando-lhe as galés, levando a gloria
Da primeira maritima victoria:

XVII

He Dom Fuas Roupinho, que na terra
E no mar resplandece juntamente
Co'o fogo, que accendeo junto da serra
De Abyla nas galés da Maura gente:
Olha como em tão justa e sancta guerra,
De acabar pelejando está contente:
Das mãos dos Mouros entra a felice alma
Triumphando nos Ceos com justa palma.

XVIII

Não vês hum ajuntamento de estrangeiro
Trajo sahir da grande armada nova,
Que ajuda a combater o Rei primeiro
Lisboa, de si dando sancta prova?
Olha Henrique, famoso cavalleiro,
A palma, que lhe nasce junto á cova:
Por elles mostra Deos milagre visto:
Germanos são os martyres de Christo.

XIX

Hum Sacerdote vê brandindo a espada
Contra Arronches, que toma por vingança
De Leiria, que de antes foi tomada
Por quem por Mafamede enresta a lança:
He Theotonio, Prior. Mas vê cercada
Santarem, e verás a segurança
Da figura nos muros, que primeira
Subindo ergueo das quinas a bandeira:

XX

Vê-lo cá, onde Sancho desbarata
Os Mouros de Vandalia em fera guerra,
Os imigos rompendo, o alferes mata,
E Hispalico pendão derriba em terra?
Mem Moniz he, que em si o valor retrata,
Que o sepulchro do pai co'os ossos cerra,
Digno destas bandeiras; pois sem falta
A contraria derriba, e a sua exalta.

XXI

Olha aquelle, que desce pela lança
Com as duas cabeças dos vigias,
Onde a cilada esconde, com que alcança
A cidade por manhas, e ousadias:
Ella por armas toma a semelhança
Do cavalleiro, que as cabeças frias
Na mão levava: feito nunca feito!
Giraldo Sem-pavôr he o forte peito.

XXII

Não vês hum Castelhano, que aggravado
De Afonso nono Rei, pelo odio antigo
Dos de Lara co'os Mouros he deitado,
De Portugal fazendo-se inimigo?
Abrantes villa toma, acompanhado
Dos duros infieis, que traz comsigo:
Mas vê, que hum Portuguez com pouca gente
O desbarata, e o prende ousadamente:

XXIII

Martim Lopes se chama o cavalleiro,
Que destes levar pode a palma, e o louro.
Mas olha hum Ecclesiastico guerreiro,
Que em lança de aço torna o bago de ouro:
Vê-lo entre os duvidosos tão inteiro
Em não negar batalha ao bravo Mouro?
Olha o sinal no ceo, que lhe apparece,
Com que nos poucos seus o esforço crece:

XXIV

Vês, vão os Reis de Cordova, e Sevilha
Rotos, co'os outros dous, e não de espaço:
Rotos? mas antes mortos. Maravilha
Feita de Deos; que não de humano braço!
Vês, já a villa de Alcácere se humilha,
Sem lhe valer defeza, ou muro de aço,
A Dom Mattheus, o Bispo de Lisboa,
Que a coroa de palma alli coroa?

XXV

Olha hum Mestre, que desce de Castella,
Portuguez de nação, como conquista
A terra dos Algarves, e já nella
Não acha, quem por armas lhe resista:
Com manha, esforço, e com benigna estrella
Villas, castellos toma á escala vista:
Vês Tavila tomada aos moradores,
Em vingança dos sete caçadores?

XXVI

Vês, com bellica astucia ao Mouro ganha
Sylves, que elle ganhou com força ingente?
He Dom Paio Corrêa, cuja manha,
E grande esforço faz inveja á gente.
Mas não passes os tres, que em França, e Hespanha
Se fazem conhecer perpetuamente
Em desafios, justas e torneos,
Nellas deixando publicos tropheos:

XXVII

Vê-los, co'o nome vem de aventureiros
A Castella, onde o preço sós levaram
Dos jogos de Bellona verdadeiros,
Que com damno de alguns se exercitaram?
Vê mortos os soberbos cavalleiros,
Que o principal dos tres desafiaram,
Que Gonçalo Ribeiro se nomea,
Que póde não temer a lei Lethea.

XXVIII

Attenta n'hum, que a fama tanto estende,
Que de nenhum passado se contenta,
Que a patria, que de hum fraco fio pende,
Sobre seus duros hombros a sustenta:
Não no vês tinto de ira, que reprende
A vil desconfiança inerte e lenta
Do povo, e faz que tome o doce freio
De Rei seu natural, e não de alheio?

*

XXIX

Olha, por seu conselho, e ousadia,
De Deos guiada só, e de sancta estrella,
Só pode o, que impossibil parecia,
Vencer o povo ingente de Castella:
Vês por industria, esforço, e valentia
Outro estrago, e victoria clara e bella,
Na gente assi feroz, como infinita,
Que entre o Tartesso, e o Guadiana habita?

XXX

Mas não vês quasi já desbaratado
O poder Lusitano, pela ausencia
Do capitão devoto, que apartado
Orando invoca a summa e trina Essencia?
Vê-lo com pressa já dos seus achado,
Que lhe dizem, que falta resistencia
Contra poder tamanho, e que viesse;
Porque comsigo esforço aos fracos désse?

XXXI

Mas olha, com que sancta confiança,
Que inda não era tempo, respondia;
Como quem tinha em Deos a segurança
Da victoria, que logo lhe daria:
Assi Pompilio, ouvindo que a possança
Dos imigos a terra lhe corria,
A quem lhe a dura nova estava dando,
Pois eu, responde, estou sacrificando:

XXXII

Se, quem com tanto esforço em Deos se atreve,
Ouvir quizeres, como se nomea,
Portuguez Scipião chamar-se deve,
Mais mais de Dom Nuno Alvares se arrea:
Ditosa patria, que tal filho teve,
Mas antes pai; que, em quanto o Sol rodea
Este globo de Ceres, e Neptuno,
Sempre suspirará por tal alumno.

XXXIII

Na mesma guerra vê, que presas ganha
Est'outro capitão de pouca gente,
Commendadores vence, e o gado apanha,
Que levavam roubado ousadamente:
Outra vez vê, que a lança em sangue banha
Destes, só por livrar co'amor ardente
O preso amigo, preso por leal:
Pero Rodrigues he do Landroal.

XXXIV

Olha este desleal o como paga
O perjurio, que fez, e vil engano:
Gil Fernandes he de Elvas, quem o estraga,
E faz vir a passar o ultimo dano:
De Xerez rouba o campo, e quasi alaga
Co'o sangue de seus donos Castelhano.
Mas olha Rui Pereira, que co'o rosto
Faz escudo ás galés, diante posto.

XXXV

Olha, que dezesete Lusitanos
Neste outeiro subidos se defendem
Fortes de quatro centos Castelhanos,
Que em derredor pelos tomar se estendem:
Porém logo sentiram com seus danos,
Que não só se defendem, mas offendem:
Digno feito de ser no mundo eterno,
Grande no tempo antiguo, e no moderno.

XXXVI

Sabe-se antiguamente, que trezentos
Já contra mil Romanos pelejaram.
No tempo, que os virís atrevimentos
De Viriato tanto se illustraram:
E. delles alcançando vencimentos
Memoraveis, de herança nos deixaram,
Que os muitos, por ser poucos, não temamos,
O que despois mil vezes amostramos,

XXXVII

Olha cá dous Infantes, Pedro, e Henrique,
Progenie generosa de Joanne:
Aquelle faz que fama illustre fique
Delle em Germania, com que a morte engane:
Este, que ella nos mares o publique,
Por seu descobridor, e desengane
De Ceita a Maura tumida vaidade,
Primeiro entrando as portas da cidade.

XXXVIII

Vês o Conde Dom Pedro, que sustenta
Dous cercos contra toda a Berberia?
Vês outro Conde está, que representa
Em terra Marte em forças, e ousadia?
De poder defender se não contenta
Alcacere da ingente companhia:
Mas do seu Rei defende a clara vida,
Pondo por muro a sua, alli perdida.

Paulo da Gama conclue a explicação das figuras pintadas nas bandeiras, fazendo judiciosas reflexões moraes inspiradas pelo assumpto

XXXIX

Outros muitos verias, que os pintores
Aqui tambem por certo pintariam;
Mas falta-lhe pincel, faltam-lhe côres,
Honra, premio, favor, que as artes criam:
Culpa dos viciosos successores,
Que degeneram certo, e se desviam
Do lustre, e do valor dos seus passados,
Em gostos e vaidades atolados.

XL

Aquelles pais illustres, que já deram
Principio á geração, que delles pende,
Pela virtude muito então fizeram,
E por deixar a casa, que descende:
Cegos! Que dos trabalhos, que tiveram,
Se alta fama, e rumôr delles se estende,
Escuros deixam sempre seus menores,
Com lhe deixar descansos corruptores.

XLI

Outros tambem ha grandes e abastados,
Sem nenhum tronco illustre, donde venham;
Culpa de Reis, que ás vezes a privados
Dão mais, que a mil, que esforço, e saber tenham:
Estes os seus não querem vêr pintados,
Crendo, que côres vãas lhe não convenham,
E, como a seu contrario natural,
Á pintura, que falla, querem mal.

XLII

Não nego, que ha com tudo descendentes
De generoso tronco, e casa rica,
Que com costumes altos e excellentes
Sustentam a nobreza, que lhe fica:
E se a luz dos antiguos seus parentes
Nelles mais o valor não clarifica,
Não falta ao menos, nem se faz escura;
Mas destes acha poucos a pintura.

Tendo-se o Catual retirado para terra, os Mahometanos, movidos de seu odio contra os Portuguezes, e alem disso instigados por Baccho, excitam contra elles os principaes moradores de Calecut. Excellente trecho moral a respeito dos conselheiros dos Reis

LIV

Oh quanto deve o Rei, que bem governa,
De olhar, que os conselheiros, ou privados
De consciencia, e de virtude interna,
E de sincero amor sejam dotados!
Porque, como estê posto na superna
Cadeira, pode mal dos apartados
Negocios ter noticia mais inteira,
Do que lhe der a lingua conselheira.

LV

Nem tam pouco direi, que tome tanto
Em grosso a consciencia limpa e certa,
Que se enleve n'hum pobre e humilde manto,
Onde ambição acaso ande encoberta:
E quando hum bom em tudo he justo, e santo,
Em negocios do mundo pouco acerta;
Que mal com elles poderá ter conta
A quieta innocencia, em só Deos pronta.

Vasco da Gama, sabedor dos enredos e tramas dos Mouros, determina fallar ao Samorim. Este o manda chamar, e lhe significa a sua desconfiança e procura justifica-la.

LVIII

Fallar ao Rei gentio determina,
Porque com seu despacho se tornasse;
Que já sentia em tudo da malina
Gente impedir-se, quanto desejasse.
O Rei, que da noticia falsa e indina
Não era d'espantar se s'espantasse,
Que tão credulo era em seus agouros,
E mais sendo affirmados pelos Mouros:

LIX

Este temor lhe esfria o baixo peito:
Por outra parte a força da cobiça,
A quem por natureza está sujeito,
Hum desejo immortal lhe accende, e átiça;
Que bem vê, que grandissimo proveito
Fará, se com verdade, e com justiça
O contrato fizer por longos annos,
Que lhe commette o Rei dos Lusitanos,

LX

Sobre isto nos conselhos, que tomava,
Achava mui contrarios pareceres;
Que naquelles, com quem se aconselhava,
Executa o dinheiro seus poderes:
O grande Capitão chamar mandava,
A quem, chegado, disse: Se quizeres
Confessar-me a verdade limpa e nua,
Perdão alcançarás da culpa tua:

LXI

Eu sou bem informado, que a embaixada,
Que de teu Rei me déste, que he fingida;
Porque nem tu tens Rei, nem patria amada,
Mas vagabundo vás passando a vida;
Que quem da Hesperia ultima alongada.
Rei, ou senhor, de insania desmedida,
Ha de vir commetter com náos e frotas
Tão incertas viagens, e remotas?

LXII

E, se de grandes reinos poderosos
O teu Rei tem a regia magestade,
Que presentes me trazes valerosos,
Sinaes de tua incognita verdade?
Com peças, e dons altos sumptuosos
Se lia dos Reis altos a amizade;
Que sinal, nem penhôr não são bastante
As palavras d'hum vago navegante.

LXIII

Se por ventura vindes desterrados,
Como já foram homens d'alta sorte,
Em meu reino sereis agasalhados;
Que toda a terra he patria para o forte:
Ou se piratas sois ao mar usados,
Dizei-mo sem temor de infamia, ou morte;
Que, por se sustentar em toda idade,
Tudo faz a vital necessidade.

O Gama, respondendo ao Samorim, repulsa as suas suspeitas, e exige delle prompto despacho

LXIV

Isto assi dito, o Gama, que já tinha
Suspeitas das insidias, que ordenava
O Mahometico odio, donde vinha
Aquillo, que tão mal o Rei cuidava:
C'huma alta confiança, que convinha,
Com que seguro credito alcançava,
Que Venus Acidalia lhe influia,
Taes palavras do sabio peito abria:

LXV

Se os antiguos delictos, que a malicia
Humana commetteo na prisca idade,
Não causaram, que o vaso da nequicia,
Açoute tão cruel da Christandade,
Viera pôr perpetua inimicicia
Na geração de Adão co'a falsidade,
(Ó poderoso Rei) da torpe seita;
Não conceberas tu tão má suspeita:

LXVI

Mas, porque nenhum grande bem se alcança
Sem grandes oppressões, e em todo o feito
Segue o temor os passos da esperança,
Que em suor vive sempre de seu peito;
Me mostras tu tão pouca confiança
Desta minha verdade, sem respeito
Das razões em contrario, que acharias,
Se não cresses, a quem não crer devias:

LXVII

Porque, se eu de rapinas só vivesse,
Undivago, ou da patria desterrado;
Como crês, que tão longe me viesse
Buscar assento incognito e apartado?
Por que esperanças, ou por que interesse,
Viria exprimentando o mar irado,
Os Antarcticos frios, e os ardores,
Que soffrem do Carneiro os moradores!

LXVIII

Se com grandes presentes d'alta estima
O credito me pedes do, que digo;
Eu não vim mais, que a achar o estranho clima,
Onde a natura pôz teu reino antigo:
Mas, se a fortuna tanto me sublima,
Que eu torne á minha patria, e reino amigo;
Então verás o dom soberbo e rico,
Com que minha tornada certifico.

LXIX

Se te parece inopinado feito,
Que Rei da ultima Hesperia a ti me mande;
O coração sublime, o regio peito
Nenhum caso possibil tem por grande:
Bem parece, que o nobre, e grão conceito
Do Lusitano espirito demande
Maior credito, e fé de mais alteza,
Que crêa delle tanta fortaleza.

LXX

Sabe, que ha muitos annos, que os antigos
Reis nossos firmemente propozeram
De vencer os trabalhos, e perigos,
Que sempre ás grandes cousas se oppozeram:
E, descobrindo os mares inimigos
Do quieto descanso, pretenderam
De saber, que fim tinham, e onde estavam
As derradeiras praias, que lavavam.

LXXI

Conceito digno foi do ramo claro
Do venturoso Rei, que arou primeiro
O mar, por ir deitar do ninho charo
O morador de Abyla derradeiro:
Este por sua industria, e engenho raro,
N'hum madeiro ajuntando outro madeiro,
Descobrir pôde a parte, que faz clara
De Argus, da Hydra a luz, da Lebre, e da Ara.

LXXII

Crescendo co'os successos bons primeiros
No peito as ousadias, descobriram
Pouco e pouco caminhos estrangeiros,
Que huns, succedendo aos outros, proseguiram:
De Africa os moradores derradeiros
Austraes, que nunca as sete flammas viram,
Foram vistos de nós, atraz deixando
Quantos estão os Trópicos queimando.

LXXIII

Assi com firme peito, e com tamanho
Proposito vencemos a Fortuna;
Até que nós no teu terreno estranho
Viemos pôr a ultima coluna:
Rompendo a força do liquido estanho,
Da tempestade horrifica, e importuna,
A ti chegamos, de quem só queremos
Sinal, que ao nosso Rei de ti levemos.

LXXIV

Esta he a verdade, Rei: que não faria
Por tão incerto bem, tão fraco premio,
Qual, não sendo isto assi, esperar podia,
Tão longo, tão fingido, e vão proemio:
Mas antes descansar me deixaria
No nunca descansado e fero gremio
Da madre Thetis, qual pirata inico,
Dos trabalhos alheios feito rico.

LXXV

Assi que, ó Rei, se minha grão verdade
Tens por, qual he, sincera e não dobrada;
Ajunta-me ao despacho brevidade,
Não me impidas o gosto da tornada:
E, se inda te parece falsidade;
Cuida bem na razão, que está provada,
Que com claro juizo pode vêr-se;
Que facil he a verdade d'entender-se.

Os regedores de Calecut retem por algum tempo em terra a Vasco da Gama, e ainda depois de o deixarem regressar á frota, peitados pelos Mahometanos, demoram-lhe o despacho tão constantemente solicitado. O poeta conclue a narração de taes tramas com o seguinte bello trecho moral acerca dos effeitos da cubiça e e da venalidade

XCVI

. . . . . .
Veja agora o juizo curioso
Quanto no rico, assi como no pobre,
Pode o vil interesse, e sêde imiga
Do dinheiro, que a tudo nos obriga,

XCVII

A Polydoro mata o Rei Threício,
Só por ficar senhor do grão thesouro:
Entra pelo fortissimo edificio
Com a filha de Acrisio a chuva d'ouro:
Pode tanto em Tarpeia avaro vicio,
Que a trôco do metal luzente, e louro,
Entrega aos inimigos a alta torre,
Do qual quasi affogada em pago morre.

XCVIII

Este rende munidas fortalezas,
Faz traidores, e falsos os amigos:
Este a mais nobres faz fazer vilezas,
E entrega capitães aos inimigos:
Este corrompe virginaes purezas,
Sem temer de honra ou fama alguns perigos:
Este deprava ás vezes as sciencias,
Os juizos cegando, e as consciencias.

XCIX

Este interpreta mais que subtilmente
Os textos: este faz, e desfaz leis:
Este causa os perjurios entre a gente:
E mil vezes tyrannos torna os Reis.
Até os, que só a Deos Omnipotente
Se dedicam, mil vezes ouvireis,
Que corrompe este encantador, e illude;
Mas não sem côr com tudo de virtude.

EXCERPTOS DO CANTO IX

Monçaide avisa os Portuguezes da trama dos Mouros, que aguardando a proxima chegada das náos de seus correligionarios do porto de Gidá pelas quaes seria destruida a frota Portugueza, detinham fraudulentamente em terra os feitores mandados pelo Gama para a venda e troca de mercadorias em Calecut.

I

Tiveram longamente na cidade,
Sem vender-se, a fazenda os dous feitores;
Que os infieis por manha, e falsidade
Fazem, que não lha comprem mercadores;
Que todo seu proposito, e vontade,
Era deter alli os descobridores
Da India tanto tempo, que viessem
De Meca as náos, que as suas desfizessem.

II

Lá no seio Erythrêo, onde fundada
Arsinoe foi do Egypcio Ptolomeo,
Do nome da irmãa sua assi chamada,
Que despois em Suez se converteo,
Não longe o porto jaz da nomeada
Cidade Meca, que se engrandeceo
Com a superstição falsa, e profana
Da religiosa agua Mahometana.

III

Gidá se chama o porto, aonde o trato
De todo o Roxo mar mais florecia,
De que tinha proveito grande e grato
O Soldão, que esse reino possuia.
Daqui aos Malabares, por contrato
Dos infieis, formosa companhia
De grandes náos pelo Indico Oceano
Especiaria vem buscar cada anno.

IV

Por estas náos os Mouros esperavam,
Que, como fossem grandes e possantes,
Aquellas, que o commercio lhe tomavam,
Com flammas abrazassem crepitantes:
Neste soccorro tanto confiavam,
Que já não querem mais dos navegantes,
Senão que tanto tempo alli tardassem,
Que da famosa Meca as náos chegassem.

V

Mas o Governador dos ceos, e gentes,
Que, para quanto tem determinado,
De longe os meios dá convenientes,
Por onde vem a effeito o fim fadado;
Influio piedósos accidentes
De affeição em Monçaide, que guardado
Estava para dar ao Gama aviso,
E merecer por isso o Paraiso.

VI

Este, de quem se os Mouros não guardavam,
Por ser Mouro, como elles, antes era
Participante em quanto machinavam;
A tenção lhes descobre torpe e fera:
Muitas vezes as náos, que longe estavam,
Visita, e com piedade considera
O damno, sem razão, que se lhe ordena
Pela maligna gente Sarracena:

VII

Informa o cauto Gama das armadas,
Que de Arabica Meca vem cada anno,
Que agora são dos seus tão desejadas,
Para ser instrumento deste dano:
Diz-lhe, que vem de gente carregadas,
E dos trovões horrendos de Vulcano,
E que pode ser dellas opprimido,
Segundo estava mal apercebido.

O Gama manda recolher ás náos os feitores. Sabendo que elles ficavam presos em terra usa de represalias. Os Mouros para resgate dos seus põe os feitores em liberdade. Os Portuguezes fazem-se á vela do porto de Calecut.

VIII

O Gama, que tambem considerava
O tempo, que para a partida o chama,
E que despacho já não esperava
Melhor do Rei, que os Mahometanos ama:
Aos feitores, que em terra estão, mandava
Que se tornem ás naos: e, porque a fama
Desta subita vinda os não impida,
Lhe manda, que a fizessem escondida.

IX

Porêm não tardou muito, que voando
Hum rumor não soasse com verdade,
Que fôram presos os feitores, quando
Foram sentidos vir-se da cidade,
Esta fama as orelhas penetrando
Do sabio Capitão, com brevidade,
Faz represalia n'huns, que ás náos vieram
A vender pedraria, que trouxeram.

X

Eram estes, antiguos mercadores,
Ricos em Calecut, e conhecidos:
Da falta delles, logo entre os melhores
Sentido foi, que estão no mar retidos.
Mas já nas náos os bons trabalhadores
Volvem o cabrestante, e, repartidos
Pelo trabalho, huns puxam pela amarra,
Outros quebram co'o peito duro a barra:

XI

Outros pendem da verga, e já desatam
A vela, que com grita se soltava;
Quando com maior grita ao Rei relatam
A préssa, com que a armada se levava:
As mulheres, e filhos, que se matam,
Daquelles, que vão presos, onde estava
O Samorim, se aqueixam, que perdidos
Huns tem os pais, as outras os maridos.

XII

Manda logo os feitores Lusitanos
Com toda sua fazenda livremente,
A pezar dos imigos Mahometanos;
Porque lhe torne a sua presa gente:
Desculpas manda o Rei de seus enganos.
Recebe o Capitão de melhor mente
Os presos, que as desculpas; e, tornando
Alguns negros, se parte as velas dando.

XIII

Parte-se costa abaixo; porque entende,
Que em vão co'o Rei gentio trabalhava
Em querer delle paz, a qual pretende,
Por firmar o commercio, que tratava:
Mas como aquella terra, que se estende
Pela Aurora, sabida já deixava;
Com estas novas torna á patria chara,
Certos sinaes levando do que achara.

XIV

Leva alguns Malabares, que tomou
Por força, dos que o Samorim mandara,
Quando os presos feitores lhe tornou:
Leva pimenta ardente, que comprara:
A sêcca flor de Banda não ficou,
A noz, e o negro cravo, que faz clara
A nova ilha Maluco, co'a canella,
Com que Ceilão he rica, illustre, e bella.

XV

Isto tudo lhe houvera a diligencia
De Monçaide fiel, que tambem leva;
Que, inspirado de angelica influencia,
Quer no livro de Christo, que se escreva.
Oh ditoso Africano, que a clemencia
Divina assi tirou d'escura treva,
E tão longe da patria achou maneira
Para subir á patria verdadeira!

XVI

Apartadas assi da ardente costa
As venturosas náos, levando a prôa
Para onde a natureza tinha posta
A meta Austrina da esperança boa,
Levando alegres novas, e resposta
Da parte Oriental para Lisboa,
Outra vez commettendo os duros medos
Do mar incerto, timidos e ledos:

XVII

O prazer de chegar á patria chara,
A seus penates charos, e parentes,
Para contar a peregrina, e rara
Navegação, os varios ceos, e gentes:
Vir a lograr o premio, que ganhara
Por tão longos trabalhos, e accidentes,
Cada hum tem por gosto tão perfeito,
Que o coração para elle he vaso estreito.

A Deosa Venus, affeiçoada aos Portuguezes, determina offerecer aos esforçados navegadores, depois de tantas fadigas e perigos, algum deleite, algum descanço, fazendo-os aportar a huma ilha deliciosa situada no meio do Oceano

XVIII

Porêm a deosa Cypria, que ordenada
Era para favor dos Lusitanos,
Do Padre eterno, e por bom genio dada,
Que sempre os guia já de longos annos;
A gloria por trabalhos alcançada,
Satisfação de bem soffridos danos,
Lhe andava já ordenando, e pretendia
Dar-lhe nos mares tristes alegria.

XIX

Despois de ter hum pouco revolvido
Na mente o largo mar, que navegaram:
Os trabalhos, que pelo Deos, nascido
Nas Amphionêas Thebas, se causaram:
Já trazia de longe no sentido,
Para premio de quanto mal passaram,
Buscar-lhe algum deleite, algum descanso
No reino de crystal liquido, e manso:

XX

Algum repouso em fim, com que podesse
Refociliar a lassa humanidade
Dos navegantes seus, como interesse
Do trabalho, que encurta a breve idade.
. . . . . .

XXI

Isto bem revolvido, determina
De ter-lhe aparelhada lá no meio
Das aguas alguma insula divina,
Ornada d'esmaltado e verde arreio;
Que muitas tem no reino, que confina
Da mãe primeira co'o terreno seio,
Afora as que possue soberanas
Para dentro das portas Herculanas.

Os Portuguezes avistam de longe a ilha encantada. Bellissima pintura daquella deliciosa paragem.

LI

Cortando vão as náos a larga via
Do mar ingente para a patria amada,
Desejando prover-se de agua fria
Para a grande viagem prolongada:
Quando juntas, como subita alegria
Houveram vista da ilha namorada,
Rompendo pelo ceo a mãi formosa
De Memnónio, suave e deleitosa.

LII

De longe a ilha viram fresca e bella;
Que Venus pelas ondas lha levava,
(Bem como o vento leva branca vela)
Para onde a forte armada se enxergava;
Que, porque não passassem, sem que nella
Tomassem porto, como desejava,
Para onde as náos navegam a movia
A Acidália, que tudo em fim podia.

LIII

Mas firme a fêz e immobil, como vio,
Que era dos nautas vista, e demandada;
Qual ficou Delos, tanto que pario
Latôna Phebo, e a deosa á caça usada.
Para lá logo a prôa o mar abrio,
Onde a costa fazia huma enseada
Curva e quieta, cuja branca arêa
Pintou de ruivas conchas Cytherea.

LIV

Tres formosos outeiros se mostravam
Erguidos com soberba graciosa,
Que de gramíneo esmalte se adornavam,
Na formosa ilha alegre, e deleitosa:
Claras fontes, e limpidas manavam
Do cume, que a verdura tem viçosa:
Por entre pedras alvas se deriva
A sonorosa lympha fugitiva.

LV

N'hum valle ameno, que os outeiros fende,
Vinham as claras aguas ajuntar-se,
Onde huma meza fazem, que se estende
Tão bella, quanto pode imaginar-se:
Arvoredo gentil sôbre ella pende,
Como que prompto está para affeitar-se,
Vendo-se no crystal resplandecente,
Que em si o está pintando propriamente.

LVI

Mil arvores estão ao ceo subindo
Com pomos odoriferos e bellos:
A larangeira tem no fruito lindo
A côr, que tinha Daphne nos cabellos:
Encosta-se no chão; que está cahindo,
A cidreira co'os pezos amarellos:
. . . . . .

LVII

As arvores agrestes, que os outeiros
Tem com frondente côma ennobrecidos,
Álemos são de Alcides, e os loureiros
Do louro deos amados, e queridos:
Myrtos de Cytherêa, co'os pinheiros
De Cybele, por outro amor vencidos:
Está apontando o agudo cypariso
Para onde he posto o ethereo paraiso.

LVIII

Os dons, que dá Pomôna, alli natura
Produze differentes nos sabores,
Sem ter necessidade de cultura;
Que sem ella se dão muito melhores:
As cerejas purpureas na pintura:
As amoras, que o nome tem de amores:
O pomo, que da patria Persia veio,
Melhor tornado no terreno alheio.

LIX

Abre a romãa, mostrando a rubicunda
Côr, com que tu, rubi, teu preço perdes:
Entre os braços do ulmeiro está a jucunda
Vide, c'huns cachos roxos, e outros verdes:
E vós se na vossa arvore fecunda,
Peras pyramidaes, viver quizerdes,
Entregai-vos ao damno, que co'os bicos
Em vós fazem os passaros inicos.

LX

Pois a tapeçaria bella e fina,
Com que se cobre o rustico terreno,
Faz ser a de Acheménia menos dina,
Mas o sombrio valle mais ameno:
Alli a cabeça a flor Cephisia inclina
Sôbolo tanque lucido e sereno:
Florece o filho e neto de Cinyras,
Por quem tu, deosa Páphia, inda suspiras.

LXI

Para julgar difficil cousa fôra,
No ceo vendo, e na terra as mesmas côres,
Se dava ás flores côr a bella Aurora,
Ou se lha dão a ella as bellas flores.
Pintando estava alli Zephyro, e Flora
As violas da côr dos amadores:
O lirio roxo, a fresca rosa bella,
Qual reluze nas faces da donzella:

LXII

A candida cecêm, das matutinas
Lagrimas rociada, e a mangerona:
Vem-se as letras nas flores Hyacinthinas,
Tão queridas do filho de Latona:
Bem se enxérga nos pomos, e boninas,
Que competia Chloris com Pomôna.
Pois se as aves no ar cantando vôam
Alegres animaes o chão povoam:

LXIII

A longo da agua o niveo cysne canta,
Responde-lhe do ramo philomela:
Da sombra de seus cornos não se espanta
Acteon n'agua crystallina e bella:
Aqui a fugace lebre se levanta
Da espessa mata, ou timida gazella:
Alli no bico traz ao charo ninho
O mantimento o leve passarinho.

Tendo os Portuguezes desembarcado na deleitosa ilha que Venus lhes prepara, são nella acolhidos e festejados pela deosa Thetis e pelas Nereidas, com as quaes celebram festivas bôdas, que não eram, outra coisa mais do que hum symbolo das honras que acompanham perpetua e indivisivelmente os varões que se assignalam por grandes façanhas. Dada esta explicação deste periodo do poema, o grande poeta remata o seu nono canto com huma calorosa exhortação aos seus compatriotas desejosos de fama immortal

LXXXIV

Desta arte em fim conformes já as formosas
Nymphas co'os seus amados navegantes,
Os ornam de capellas deleitosas.
De louro, e de ouro, e flores abundantes:
As mãos alvas lhe davam como esposas:
Com palavras formaes, e estipulantes
Se promettem eterna companhia
Em vida e morte. de honra e alegria.

LXXXV

Huma dellas maior, a quem se humilha
Todo o coro das nymphas, e obedece,
Que, dizem, ser de Cælo e Vesta filha,
O que no gesto bello se parece;
Enchendo a terra, e o mar de maravilha,
O Capitão illustre, que o merece,
Recebe alli com pompa honesta e regia,
Mostrando-se senhora grande e egregia;

LXXXVI

Que, despois de lhe ter dito, quem era,
C'hum alto exordio de alta graça ornado,
Dando-lhe a entender, que alli viera
Por alta influição do immobil fado;
Para lhe descobrir da unida esphera,
Da terra immensa, e mar não navegado
Os segredos por alta prophecia,
O que esta sua nação só merecia:

LXXXVII

Tomando-o pela mão, o leva, e guia
Para o cume d'hum monte alto e divino,
No qual hũa rica fabrica se erguia
De crystal toda, e de ouro puro, e fino.
A maior parte aqui passam do dia
Em doces jogos, e em prazer contino:
.....

LXXXVIII

Assi a formosa, e a forte companhia
O dia quasi todo estão passando,
N'huma alma, doce, incognita alegria,
Os trabalhos tão longos compensando:
Porque dos feitos grandes, da ousadia
Forte e famosa o mundo está guardando
O premio lá no fim bem merecido
Com fama grande, e nome alto e subido:

LXXXIX

Que as nymphas do Oceano tão formosas,
Tethys, e a ilha angelica pintada,
Outra cousa não he, que as deleitosas
Honras, que a vida fazem sublimada:
Aquellas preeminencias gloriosas,
Os triumphos, a fronte coroada
De palma e louro, a gloria e maravilha,
Estes são os deleites desta ilha;

XC

Que as immortalidades, que fingia
A antiguidade, que os illustres ama,
Lá no estellante Olympo, a quem subia
Sôbre as azas inclytas da fama.
Por obras valerosas, que fazia,
Pelo trabalho immenso, que se chama
Caminho da virtude alto e fragoso,
Mas no fim doce, alegre, e deleitoso:

XCI

Não eram senão premios, que reparte
Por feitos immortaes e soberanos
O mundo co'os barões, que esforço e arte
Divinos os fizeram, sendo humanos:
Que Jupiter, Mercurio, Phebo, e Marte,
Eneas, e Quirino, e os dous Thebanos,
Ceres, Pallas, e Juno, com Diana,
Todos fôram de fraca carne humana.

XCII

Mas a fama, trombeta de obras tais,
Lhe deo no mundo nomes tão estranhos,
De Deoses, Semideoses immortais,
Indigetes, Heroicos, e de Magnos,
Por isso, ó vós, que as famas estimais,
Se quizerdes no mundo ser tamanhos,
Despertai já do somno do ocio ignavo,
Que o animo de livre faz escravo.

XCIII

E ponde na cobiça hum freio duro,
E na ambição tambem, que indignamente
Tomais mil vezes, e no torpe e escuro
Vicio da tyrannia infame, e urgente;
Porque essas honras vãas, esse ouro puro
Verdadeiro valor não dão á gente:
Melhor he merece-los, sem os ter,
Que possui-los, sem os merecer.

XCIV

Ou dai na paz as leis iguaes, constantes,
Que aos grandes não dem o dos pequenos,
Ou vos vesti nas armas rutilantes
Contra a lei dos imigos Sarracenos:
Fareis os reinos grandes e possantes,
E todos tereis mais, e nenhum menos,
Possuireis riquezas merecidas,
Com as honras, que illustram tanto as vidas.

XCV

E fareis claro o Rei, que tanto amais,
Agora co'os conselhos bem cuidados,
Agora co'as espadas, que immortais
Vos farão, como os vossos já passados:
Impossibilidades não façais;
Que, quem quiz, sempre pôde: e numerados
Sereis entre os Heroes esclarecidos,
E nesta ilha de Venus recebidos.

EXCERPTOS DO CANTO X

Os portuguezes com as Nymphas, suas esposas, se encaminham para os paços de Thetis onde esta deosa lhes dá hum sumptuoso banquete

I

Mas já o claro amador da Larissea
Adúltera inclinava os animaes
Lá para o grande lago, que rodea
Temistitão nos fins Occidentaes:
O grande ardor do Sol Favonio enfrea
Co'o sôpro, que nos tanques naturaes
Encrespa a agua serena, e despertava
Os lirios e jasmins, que a calma aggrava.

II

Quando as formosas nymphas, co'os amantes
Pela mão já conformes e contentes,
Subiam para os paços radiantes,
E de metaes ornados reluzentes,
Mandados da Rainha, que abundantes
Mesas d'altos manjares excellentes,
Lhe tinha apparelhadas, que a fraqueza
Restaurem da cansada natureza.

III

Alli em cadeiras ricas, crystallinas,
Se assentam dous e dous, amante, e dama:
N'outras á cabeceira, d'ouro finas,
Está co'a bella deosa o claro Gama.
De iguarias suaves e divinas,
A quem não chega a Egypcia antigua fama,
Se accumulam os pratos de fulvo ouro,
Trazidos lá do Atlantico thesouro.

IV

Os vinhos odoriferos, que acima
Estão, não só do Italico Falerno,
Mas da Ambrósia, que Jove tanto estima,
Com todo o ajuntamento sempiterno,
Nos vasos, onde em vão trabalha a lima,
Crespas escumas erguem, que no interno
Coração movem subita alegria,
Saltando co'a mistura d'agua fria.

V

Mil praticas alegres se tocavam,
Risos doces, subtis, e argútos ditos,
Que entre hum, e outro manjar se alevantavam,
Despertando os alegres appetitos:
Musicos instrumentos não faltavam,
Quaes no profundo reino os nus espritos
Fizeram descansar da eterna pena,
C'huma voz d'huma angelica Sirena.

Para mais solemnidade do banquete offerecido aos Lusos argonautas, huma Sirena, animada de espirito prophetico, canta ao som de instrumentos musicos as principaes façanhas dos Vice-Reis, Governadores e capitães Portuguezes na India.

VI

Cantava a bella nympha, e co'os accentos,
Que pelos altos paços vão soando,
Em consonancia igual os instrumentos
Suaves vem a hum tempo conformando:
Hum subito silencio enfrea os ventos,
E faz ir docemente murmurando
As aguas, e nas casas naturaes
Adormecer os brutos animaes.

VII

Com doce voz está subindo ao ceo
Altos barões, que estão por vir ao mundo,
Cujas claras ideas vio Proteo
N'hum globo vão, diáphano, rotundo;
Que Jupiter em dom lho concedeo
Em sonhos, e despois no reino fundo
Vaticinando o disse, e na memoria
Recolheo logo a nympha a clara historia.

VIII

Materia he de cothurno, e não de socco,
A, que a nympha aprendeo no immenso lago,
Qual Iopas não soube, ou Demodoco,
Entre os Pheaces hum, outro em Carthago.
. . . . . .

O vate estando proximo a concluir o seu poema, invoca pela ultima vez a Musa dos versos heroicos e maviosamente se lastima de seus desgostos

VIII

Aqui, minha Calliope, te invoco
Neste trabalho extremo; porque em pago
Me tornes, do que escrevo, e em vão pretendo
O gosto de escrever, que vou perdendo.

IX

Vão os annos descendo, e já do estio
Ha pouco que passar até o outono:
A fortuna me faz o engenho frio,
Do qual já não me jacto, nem me abono:
Os desgostos me vão levando ao rio
Do negro esquecimento, e eterno sono:
Mas, tu me dá, que cumpra, ó grão Rainha
Das Musas, co'o que quero á nação minha!

Começa a Sirena a sua canção prophetica, celebrando as maravilhosas proezas de Fernão Pacheco Pereira, cognominado o Achilles Lusitano

X

Cantava a bella deosa, que viriam
Do Tejo pelo mar, que o Gama abrira,
Armadas, que as ribeiras venceriam,
Por onde o Oceano Indico suspira:
E que os gentios Reis, que não dariam
A cerviz sua ao jugo, o ferro e ira
Provariam do braço duro e forte,
Até render-se a elle, ou logo á morte:

XI

Cantava d'hum, que tem nos Malabres
Do summo sacerdocio a dignidade,
Que, só por não quebrar co'os singulares
Barões os nós, que dera, d'amizade,
Soffrerá suas cidades, e lugares,
Com ferro, incendios, ira, e crueldade,
Vêr destruir do Samorim potente,
Que taes odios terá co'a nova gente.

XII

E canta, como lá se embarcaria
Em Belem o remedio deste dano,
Sem saber o que em si ao mar traria,
O grão Pacheco, Achilles Lusitano:
O pezo sentirão, quando entraria,
O curvo lenho, e o férvido Oceano,
Quando mais n'agua os troncos, que gemerem,
Contra sua natureza se metterem.

XIII

Mas já chegado aos fins Orientaes,
E deixado em ajuda do gentio
Rei de Cochim com poucos naturaes,
Nos braços do salgado e curvo rio,
Desbaratará os Naires infernaes
No passo Cambalão, tornando frio
De espanto o ardor immenso do Oriente.
Que verá tanto obrar tão pouca gente.

XIV

Chamará o Samorim mais gente nova:
Virão Reis de Bipur, e de Tanor,
Das serras de Narsinga, que alta prova
Estarão promettendo a seu senhor:
Fará, que todo o Naire em fim se mova,
Que entre Calecut jaz, e Cananor,
D'ambas as leis imigas, para a guerra,
Mouros por mar, Gentios pela terra.

XV

E todos outra vêz desbaratando,
Por terra e mar, o grão Pacheco ousado,
A grande multidão, que irá matando,
A todo o Malabar terá admirado:
Commetterá outra vêz, não dilatando,
O Gentio os combates apressado,
Injuriando os seus, fazendo votos
Em vão aos deoses vãos, surdos, e immotos.

XVI

Já não defenderá somente os passos,
Mas queimar-lhe-ha lugares, templos, casas:
Acceso de ira o cão, não vendo lassos
Aquelles, que as cidades fazem rasas,
Fará, que os seus, de vida pouco escassos,
Commettam o Pacheco, que tem asas,
Por dous passos n'hum tempo: mas voando
D'hum n'outro, tudo irá desbaratando.

XVII

Virá alli o Samorim; porque em pessoa
Veja a batalha, e os seus esforce, e anime:
Mas hum tiro, que com zonido voa,
De sangue o tingirá no andar sublime.
Já não verá remedio, ou manha boa,
Nem força, que o Pacheco muito estime:
Inventará traições, e vãos venenos;
Mas sempre (o Céo querendo) fará menos.

XVIII

Que tornará a vêz septima, cantava,
Pelejar com o invicto e forte Luso,
A quem nenhum trabalho peza, e aggrava;
Mas com tudo este só o fará confuso:
Trará para a batalha horrenda e brava
Machinas de madeiros fóra de uso,
Para lhe abalroar as caravelas;
Que atelli vão lhe fôra commette-las.

XIX

Pela a agua levará serras de fogo,
Para abrazar-lhe quanta armada tenha:
Mas a militar arte, e engenho, logo
Fará ser vãa a braveza, com que venha.
Nenhum claro barão no marcio jogo,
Que nas azas da fama se sostenha,
Chega a este, que a palma a todos toma,
E perdoe-me a illustre Grecia, ou Roma;

XX

Porque tantas batalhas, sustentadas
Com muito pouco mais de cem soldados,
Com tantas manhas, e artes inventadas,
Tantos eães não imbelles profligados,
Ou parecerão fabulas sonhadas,
Ou que os celestes córos invocados
Descerão a ajuda-lo, e lhe darão
Esforço, força, ardil, e coração.

XXI

Aquelle, que nos campos Marathonios
O grão poder de Dário estrue, e rende;
Ou quem com quatro mil Lacedemonios
O passo de Thermopylas defende,
Nem o mancebo Cocles dos Ausonios,
Que com todo o poder Tusco contende
Em defesa da ponte, ou Quinto Fabio;
Foi como este na guerra forte e sabio.

A nympha rompe em huma invectiva contra a ingratidão de alguns soberanos e nomeadamente contra a El-Rei D. Manuel, que deixou sem recompensa alguã, o prodigioso valor e extraordinarios serviços de Duarte Pacheco Pereira

XXII

Mas neste passo a nympha o som canoro
Abaixando, fez ronco, e entristecido,
Cantando em baixa voz, envolta em chôro,
O grande esforço mal agradecido,
O Belizario, disse, que no côro
Das Musas serás sempre engrandecido,
Se em ti viste abatido o bravo Marte,
Aqui tens com quem podes consolar-te!

XXIII

Aqui tens companheiro, assi nos feitos,
Como no galardão injusto e duro:
Em ti, e nelle veremos altos peitos
A baixo estado vir, humilde e escuro:
Morrer nos hospitaes, em pobres leitos
Os, que ao Rei, e á lei servem de muro!
Isto fazem os Reis, cuja vontade
Manda mais, que a justiça, e que a verdade:

Façanhas e morte dos dois heroes Almeidas, D. Francisco, primeiro Vice-Rei da India e D. Lourenço seu filho.

XXVI

Mas eis outro, cantava, intitulado
Vem com nome Real, e traz comsigo
O filho, que no mar será illustrado,
Tanto, como qualquer Romano antigo:
Ambos darão com braço forte, armado,
A Quiloa fertil aspero castigo,
Fazendo nella Rei leal e humano,
Deitado fóra o perfido Tyranno.

XXVII

Tambem farão Mombaça, que se arrea
De casas sumptuosas e edificios,
Co'o ferro e fogo seu queimada e fea,
Em pago dos passados maleficios.
Despois na costa da India, andando chea
De lenhos inimigos, e artificios,
Contra os Lusos, com velas e com remos,
O mancebo Lourenço fará extremos.

XXVIII

Das grandes náos do Samorim potente,
Que encherão todo o mar, co'a ferrea pella,
Que sahe com trovão do cobre ardente,
Fará pedaços leme, mastro, vela:
Despois, lançando arpéos ousadamente
Na capitaina imiga, dentro nella
Saltando, a fará só com lança e espada
De quatro centos Mouros despejada.

XXIX

Mas de Deos a escondida providencia;
Que ella só sabe o bem, de que se serve,
O porá, onde esforço, nem prudencia,
Poderá haver, que a vida lhe reserve:
Em Chaul, onde em sangue, e resistencia
O mar todo com fogo e ferro ferve,
Lhe farão, que com vida se não saia,
As armadas de Egypto, e de Cambaia.

XXX

Alli o poder de muitos inimigos,
Que o grande esforço só com força rende,
Os ventos, que faltaram, e os perigos
Do mar, que sobejaram, tudo o offende.
Aqui resurjam todos os antigos,
A vêr o nobre ardor, que aqui se aprende:
Outro Sceva verão, que espedaçado
Não sabe ser rendido, nem domado.

XXXI

Com toda hũa côxa fóra, que em pedaços
Lhe leva hum cego tiro, que passara,
Se serve inda dos animosos braços,
E do grão coração, que lhe ficara:
Até que outro pelouro quebra os laços,
Com que co'a alma o corpo se liara:
Ella sôlta voou da prisão fóra,
Onde subito se acha vencedora.

XXXII

Vai-te, alma, em paz da guerra turbulenta,
Na qual tu mereceste paz serena!
Que o corpo, que em pedaços se apresenta,
Quem o gerou, vingança já lhe ordena;
Que eu ouço retumbar a grão tormenta,
Que vem já dar a dura e eterna pena,
De esperas, basiliscos, e trabucos,
A Cambaicos crueis, e a Mamelucos.

XXXIII

Eis vem o pai com animo estupendo,
Trazendo furia, e magoa por antolhos,
Com que o paterno amor lhe está movendo
Fogo no coração, agua nos olhos:
A nobre ira lhe vinha pormettendo,
Que o sangue fará dar pelos giolhos
Nas inimigas náos: senti-lo-ha o Nilo,
Pode-lo-ha o Indo vêr, e o Gange ouvi-lo.

XXXIV

Qual o touro cioso, que se ensaia
Para a crua peleja, os cornos tenta
No tronco d'hum carvalho, ou alta faia,
E o ar ferindo, as forças exprimenta:
Tal, antes que no seio de Cambaia
Entre Francisco irado, na opulenta
Cidade de Dabul a espada afia,
Abaixando-lhe a tumida ousadia.

XXXV

E logo, entrando fero na enseada
De Dio, illustre em cercos e batalhas.
Fará espalhar a fraca e grande armada
De Calecut, que remos tem por malhas:
Á de Melique Yaz acautelada,
Co'os pelouros, que tu, Vulcano, espalhas,
Fará ir vêr o frio e fundo assento,
Secreto leito do humido elemento.

XXXVI

Mas a de Mir-Hocêm, que, abalroando,
A furia esperará dos vingadores,
Verá braços, e pernas ir nadando,
Sem corpos, pelo mar, de seus senhores:
Raios de fogo irão representando
No cego ardor os bravos domadores:
Quanto alli sentirão olhos, e ouvidos,
He fumo, ferro, flammas, e alaridos.

XXXVII

Mas ha, que desta prospera victoria,
Com que despois virá ao patrio Tejo,
Quasi lhe roubará a famosa gloria
Hum successo, que triste, e negro vejo!
O cabo Tormentorio, que a memoria
Co'os ossos guardará, não terá pejo
De tirar deste mundo aquelle esprito,
Que não tiraram toda a India, e Egyto.

XXXVIII

Alli Cafres selvagens poderão
O, que destros imigos não puderam,
E rudos páos tostados sós farão
O, que arcos, e pelouros não fizeram.
Occultos os juizos de Deus são!
As gentes vãas. que não os entenderam,
Chamam-lhe fado máo, fortuna escura,
Sendo só providencia de Deos pura.

Menção das façanhas de Tristão da Cunha

XXXIX

Mas oh que luz tamanha, que abrir sinto,
Dizia a nympha, e a voz alevantava,
Lá no mar de Melinde em sangue tinto
Das cidades de Lamo, de Oja, e Brava,
Pelo Cunha tambem; que nunca extinto
Será seu nome em todo o mar, que lava
As ilhas do Austro, e praias, que se chamam
De São-Lourenço, e em todo o Sul se afamam!

Victorias e conquistas do grande heróe Affonso de Albuquerque Governador da India

XL

Esta luz he do fôgo, e das luzentes
Armas, com que Albuquerque irá amansando
De Ormuz os Pârseos, por seu mal valentes,
Que refusam o jugo honroso, e brando:
Alli verão as settas estridentes
Reciprocar-se, a ponta no ar virando
Contra quem as tirou; que Deos peleja
Por quem estende a fé da madre Igreja.

XLI

Alli de sal os montes não defendem
De corrupção os corpos, no combate,
Que, mortos, pela praia e mar se estendem
De Gerum, de Mascate, e Calayate:
Até que á força só de braço aprendem
A abaixar a cerviz, onde se lhe ate
Obrigação de dar o reino inico
Das perlas de Barem tributo rico.

XLII

Que gloriosas palmas tecer vejo,
Com que victoria a fronte lhe corôa,
Quando sem sombra vãa de medo, eu pejo
Toma a ilha illustrissima de Goa!
Despois, obedecendo ao duro ensejo,
A deixa, e occasião espera boa,
Com que a torne a tomar; que esforço, e arte,
Vencerão a fortuna, e o proprio Marte.

XLIII

Eis já sobre ella torna, e vai rompendo
Por muros, fogo, lanças, e pelouros,
Abrindo com a espada o espesso, e horrendo
Esquadrão de Gentios, e de Mouros:
Irão soldados ínclytos fazendo
Mais, que leões famèlicos, e touros,
Na luz, que sempre celebrada, e dina,
Será da Egypcia Sancta Catharina.

XLIV

Nem tu menos fugir poderás deste,
Postoque rica, e postoque assentada
Lá no gremio da Aurora, onde nasceste,
Opulenta Malaca nomeada!
As settas venenosas, que fizeste,
Os crises, com que já te vejo armada,
Malaios namorados, Jáos valentes,
Todos farás ao Luso obedientes.

Proeza de Lopo Soares de Albergaria, Governador da India

L

Mas proseguindo a nympha o longo canto,
De Soares cantava, que as bandeiras
Faria tremofar, e pôr espanto
Pelas rôxas Arabicas ribeiras:
Medina abominabil teme tanto,
Quanto Meca, e Gidá, co'as derradeiras
Praias de Abassia: Barborá se teme
Do mal, de que o emporio Zeila geme.

LI

A nobre ilha tambem de Taprobana,
Já pelo nome antiguo tam famosa,
Quanto agora soberba e soberana
Pela cortiça calida, cheirosa,
Della dará tributo á Lusitana
Bandeira, quando excelsa, e gloriosa,
Vencendo, se erguerá na torre erguida
Em Columbo, dos proprios tão temida.

Façanhas de Diogo Lopes de Sequeira, Governador da India

LII

Tambem Sequeira, as ondas Erythreas
Dividindo, abrirá novo caminho
Para ti, grande imperio, que te arreas
De seres de Candace e Sabá ninho;
Maçuá, com cisternas de agua cheas,
Verá, e o porto Arquico alli visinho,
E fará descobrir remotas ilhas,
Que dão ao mundo novas maravilhas.

Governo e façanhas de D. Duarte de Menezes, de D. Vasco da Gama já Conde da Vidigueira, então Vice-Rei da India, e de D. Henrique de Menezes

LIII

Virá despois Menezes, cujo ferro
Mais na Africa, que cá terá provado:
Castigará de Ormuz soberba o erro,
Com lhe fazer tributo dar dobrado.
Tambem tu, Gama, em pago do desterro,
Em que estás, e serás inda tornado,
Co'os titulos de Conde, e d'honras nobres
Virás mandar a terra, que descobres:

LIV

Mas aquella fatal necessidade,
De quem ninguem se exime dos humanos,
Illustrado co'a Regia dignidade,
Te tirará do mundo, e seus enganos.
Outro Menezes logo, cuja idade
He maior na prudencia, que nos annos,
Governará, e fará o ditoso Henrique,
Que perpetua memoria delle fique:

LV

Não vencerá somente os Malabares,
Destruindo Panane, com Coulete,
Commettendo as bombardas, que nos ares
Se vingam só do peito, que as commette:
Mas com virtudes certo singulares,
Vence os imigos d'alma todos sete:
De cubiça triumpha, e incontinencia,
Que em tal idade he summa de excellencia.

Proezas de D. Pedro Mascarenhas e Lopo Vaz de Sampaio ambos successivamente Governadores da India, e façanhas do esforçado Heitor da Silveira.

LVI

Mas despois que as estrellas o chamarem,
Succederás, ó forte Mascarenhas,
E, se injustos o mando te tomarem,
Prometto-te, que fama eterna tenhas!
Para teus inimigos confessarem
Teu valor alto, o fado quer, que venhas
A mandar mais de palmas coroado,
Que de fortuna justa acompanhado:

LVII

No reino de Bintão, que tantos danos
Terá a Malaca muito tempo feitos,
N'hum só dia as injurias de mil annos
Vingarás co'o valor de illustres peitos:
Trabalhos e perigos inhumanos,
Abrolhos ferreos mil, passos estreitos,
Tranqueiras, baluartes, lanças, settas,
Tudo fico, que rompas, e sobmettas:

LVIII

Mas na India cubiça e ambição,
Que claramente põem aberto o rosto
Contra Deos e justiça, te farão
Vituperio nenhum, mas só desgosto:
Quem faz injuria vil, e sem razão,
Com forças e poder, em que está posto,
Não vence; que a victoria verdadeira
He saber ter justiça nua e inteira.

LIX

Mas com tudo não nego, que Sampaio
Será no esforço illustre e assinalado,
Mostrando-se no mar hum fero raio,
Que de inimigos mil verá coalhado:
Em Bacaôr fará cruel ensaio
No Malabar; para que amedrontado
Despois a ser vencido delle venha
Cutiale, com quanta armada tenha:

LX

E não menos de Dio a fera frota,
Que Chaul temerá, de grande e ousada,
Fará co'a vista só perdida e rota
Por Heitor da Sylveira, e destroçada:
Por Heitor Portuguez, de quem se nota,
Que na costa Cambaica sempre armada
Será aos Guzarates tanto dano,
Quanto já foi aos Gregos o Troiano.

Façanhas de Nuno da Cunha, Governador da India

LXI

A Sampaio feroz succederá
Cunha, que longo tempo tem o leme:
De Chale as torres altas erguerá,
Em quanto Dio illustre delle treme:
O forte Baçaim se lhe dará,
Não sem sangue porém; que nelle geme
Melique, porque á força só de espada
A tranqueira soberba vê tomada.

Proezas dos Governadores da India D. Garcia de Noronha, D. Estevam da Gama o primeiro dos quaes teve o titulo de Vice Rei

LXII

Traz este vem Noronha cujo auspicio
De Dio os Rumes féros afugenta,
Dio, que o peito e bellico exercicio
De Antonio da Sylveira bem sustenta:
Fará em Noronha a morte o usado officio,
Quando hum teu ramo, ó Gama, se exprimenta
No governo do imperio, cujo zelo
Com medo o roxo mar fará amarello.

Inclytas façanhas de D. Martim Affonso de Souza e de D. João de Castro Vice-Rei da India, e bem assim as de D. Fernando e D. Alvaro filho d'este ultimo

LXIII

Das mãos do teu Estevam vem tomar
As redeas hum, que já será illustrado
No Brasil, com vencer e castigar
O pirata Francez, ao mar usado:
Despois Capitão mór do Indico mar,
O muro de Damão soberbo, e armado
Escala, e primeiro entra a porta aberta,
Que fogo e frechas mil terão coberta.

LXIV

A este o Rei Cambaico soberbissimo
Fortaleza dará na rica Dio;
Porque contra o Mogôr poderosissimo
Lhe ajude a defender o senhorio:
Despois irá com peito esforçadissimo
A tolher, que não passe o Rei gentio
De Calecut, que assi com quantos veio
O fará retirar de sangue cheio:

LXV

Destruirá a cidade Repelim,
Pondo o seu Rei com muitos em fugida:
E despois junto ao cabo Comorim
Huma façanha faz esclarecida,
A frota principal do Samorim,
Que destruir o mundo não duvida,
Vencerá co'o furor do ferro e fogo,
Em si verá Beadála o marcio jogo:

LXVI

Tendo assi limpa a India dos imigos,
Virá despois com sceptro a governa-la,
Sem que ache resistencia, nem perigos;
Que todos tremem delle, e nenhum falla:
Só quiz provar os asperos castigos
Baticalá, que vira já Beadála:
De sangue e corpos mortos ficou chea,
E de fogo e trovões desfeita, e fea.

LXVII

Este será Martinho, que de Marte
O nome tem co'as obras derivado:
Tanto em armas illustre em toda parte,
Quanto em conselho sabio, e bem cuidado.
Succeder-lhe-ha alli Castro, que o estandarte
Portuguez terá sempre levantado,
Conforme succesor ao succedido;
Que hum ergue Dio, outro o defende erguido:

LXVIII

Persas feroces, Abassís, e Rumes,
Que trazido de Roma o nome tem,
Varios de gestos, varios de costumes;
Que mil nações ao cerco feras vem,
Farão dos ceos ao mundo vãos queixumes,
Porque huns poucos a terra lhe detem:
Em sangue Portuguez juram descridos
De banhar os bigodes retorçidos:

LXIX

Basiliscos medonhos, e leões,
Trabucos feros, minas encobertas
Sustenta Mascarenhas co'os barões,
Que tão ledos as mortes tem por certas:
Até que nas maiores oppressões
Castro libertador, fazendo offertas
Das vidas de seus filhos, quer, que fiquem
Com fama eterna, e a Deos se sacrifiquem:

LXX

Fernando hum delles, ramo da alta planta,
Onde o violento fogo com ruido
Em pedaços os muros no ar levanta,
Será alli arrebatado, e ao Ceo subido:
Alvaro, quando o inverno o mundo espanta,
E tem o caminho humido impedido,
Abrindo-o, vence as ondas, e os perigos,
Os ventos, e despois os inimigos:

LXXI

Eis vem despois o pai, que as ondas corta
Co'o restante da gente Lusitana,
E com força, e saber, que mais importa,
Batalha dá felice, e soberana:
Huns, paredes subindo, escusam porta,
Outros a abrem na fera esquadra insana:
Feitos forão tão dignos de memoria,
Que não caibam em verso, ou larga historia:

LXXII

Este despois em campo se apresenta,
Vencedor forte e intrepido, ao possante
Rei de Cambaia, e a vista lhe amedrenta
Da fera multidão quadrupedante:
Não menos suas terras mal sustenta
O Hydalcham do braço triumphante,
Que castigando vai Dabul na costa:
Nem lhe escapou Pondá, no sertão posta.

Conclue a Nympha o seu canto prophetico, e findo o banquete, Thetis guia o Gama, por hum mato difficil de atravessar, a hum elevado campo onde lhe mostra no ar hum globo diaphano, que representava a maquina do mundo, e começa a dar-lhe a este respeito as convenientes explicações

LXXIII

Estes e outros Barões, por varias partes,
Dignos todos de fama e maravilha,
Fazendo-se na terra bravos Martes,
Virão lograr os gostos desta ilha,
Varrendo triumphantes estandartes,
Pelas ondas, que corta a aguda quilha;
E acharão estas nymphas, e estas mesas,
Que glorias e honras são de arduas empresas.

LXXIV

Assi cantava a nympha, e as outras todas
Com sonoroso applauso vozes davam,
Com que festejam as alegres vodas,
Que com tanto prazer se celebravam.
«Por mais que da fortuna andem as rodas,»
N'huma cônsona voz todas soavam,
«Não vos hão de faltar, gente famosa,
«Honra, valor, e fama gloriosa!»

LXXV

Despois que a corporal necessidade
Se satisfêz do mantimento nobre,
E na harmónica, e doce suavidade,
Viram os altos feitos, que descobre:
Tethys, de graça ornada, e gravidade;
Para que com mais alta gloria dobre
As festas deste alegre e claro dia,
Para o felice Gama assi dizia:

LXXVI

Faz-te mercê, Barão, a Sapiencia
Suprema, de co'os olhos corporais
Vêres o, que não pode a vã sciencia
Dos errados, e miseros mortais!
Sigue-me firme e forte, com prudencia,
Por este monte espesso, tu, co'os mais,
Assi lhe diz: e o guia por hum mato
Arduo, difficil, duro a humano trato.

LXXVII

Não andam muito, que no erguido cume
Se acharam, onde hum campo se esmaltava
De esmeraldas, rubis taes, que presume
A vista, que divino chão pizava:
Aqui hum globo vêm no ar: que o lume
Clarissimo por elle penetrava.
De modo, que o seu centro está evidente,
Como a sua superficie claramente.

LXXVIII

Qual a materia seja, não se enxerga,
Mas enxerga-se bem, que está composto
De varios orbes, que a divina verga
Compôz, e hum centro a todos só tem posto:
Volvendo, ora se abaixe, agora se erga,
Nunca s'ergue, ou se abaixa, e hum mesmo rosto
Por toda a parte tem, e em toda a parte
Começa, e acaba em fim por divina arte:

LXXIX

Uniforme, perfeito, em si sostido,
Qual em fim o Archetipo, que o creou.
Vendo o Gama este globo, commovido
De espanto e de desejo alli ficou.
Diz-lhe a deosa: O transumpto reduzido
Em pequeno volume aqui te dou
Do mundo aos olhos teus; para que vejas,
Por onde vás, e irás, e o que desejas.

LXXX

Vês aqui a grande machina do mundo,
Ethérea, e elemental, que fabricada
Assi foi do saber alto, e profundo,
Que he sempre principio, e meta limitada.
Quem cérca em derredor este rotundo
Globo, e sua superficie tão limada,
He Deos: mas o que he Deos, ninguem o entende;
Que a tanto o engenho humano não se estende.

Thetis, depois de dar ao Gama, á vista do globo exposto aos seus olhos, huma explicação conforme com o errado systema astronomico de Ptolomeu, então geralmente admittido, aponta-lhe differentes reinos, paizes e ilhas principalmente da Africa e da Asia

XCI

Neste centro, pousada dos humanos,
Que não somente ousados se contentam
De soffrerem da terra firme os danos,
Mas inda o mar instabil exprimentam;
Verás as varias partes. que os insanos
Mares dividem, onde se apresentam
Varias nações, que mandam varios Reis,
Varios costumes seus, e varias leis.

XCII

Vês Europa christã, mais alta e clara,
Que as outras em policia e fortaleza:
Vês Africa, dos bens do mundo avara,
Inculta, e toda chea de bruteza,
Co'o cabo, que atéqui se vos negara,
Que assentou para o Austro a natureza:
Olha essa terra toda, que se habita
Dessa gente sem lei, quasi infinita.

XCIII

Vê do Benomotápa o grande imperio,
De selvatica gente, negra e nua,
Onde Gonçalo morte e vituperio
Padecerá pela Fé sancta sua:
Nasce por este incognito hemispherio
O metal, por que mais a gente sua:
Vê que do lago, donde se derrama
O Nilo, tambem vindo está Cuama:

XCIV

Olha as casas dos negros, como estão
Sem portas, confiados em seus ninhos,
Na justiça Real, e defensão,
E na fidelidade dos visinhos:
Olha, delles a bruta multidão,
Qual bando espesso e negro de estorninhos,
Combaterá em Sofala a fortaleza,
Que defenderá Nhaia com destreza:

XCV

Olha lá as alagoas, donde o Nilo
Nasce, que não souberam os antigos:
Ve-lo rega, gerando o crocodilo,
Os povos Abassís, de Christo amigos:
Olha como sem muros (novo estilo)
Se defendem melhor dos inimigos:
Vê Méroe, que ilha foi de antigua fama,
Que ora dos naturaes Nobá se chama:

XCVI

Nesta remota terra, hum filho teu
Nas armas contra os Turcos será claro,
Ha de ser Dom Christovam o nome seu;
Mas contra o fim fatal não ha reparo:
Vê cá a costa do mar, onde te deu
Melinde hospicio gazalhoso, e charo;
O Rapto rio nota, que o romance
Da terra chama Obi, entra em Quilmance.

XCVII

O cabo vê já Arômata chamado,
E agora Guardafú, dos moradores,
Onde começa a boca do afamado
Mar Roxo, que do fundo toma as côres:
Este como limite está lançado,
Que divide Asia de Africa: e as melhores
Povoações, que a parte Africa tem,
Maçuá são, Arquíco, e Suanquem.

XCVIII

Vês o extremo Suéz, que antiguamente,
Dizem, que foi dos Héroas a cidade,
Outras dizem que Arsinoe, e ao presente
Tem das frotas do Egypto a potestade:
Olha as aguas, nas quaes abrio patente
Estrada o grão Moysés na antigua idade:
Asia começa aqui, que se apresenta
Em terras grande, em reinos opulenta.

XCIX

Olha o monte Sinái, que se ennobrece
Co'o sepulchro de Sancta Catharina:
Olha Toro, e Gidá, que lhe fallece
Agua das fontes doce, e crystallina:
Olha as portas do estreito, que fenece
No reino da sêcca Ádem, que confina
Com a serra de Arzira, pedra viva,
Onde chuva dos ceos se não deriva.

C

Olha as Arabias três, que tanta terra
Tomam, todas da gente vaga e baça,
Donde vem os cavallos para a guerra,
Ligeiros, e feroces, de alta raça.
Olha a costa, que corre até que cerra
Outro estreito de Persia, e faz a traça
O cabo, que co'o nome se appellida
Da cidade Fártáque alli sabida.

CI

Olha Dofar insigne, porque manda
O mais cheiroso incenso para as aras:
Mas attenta, já cá de est'outra banda
De Roçalgate, e praias sempre avaras,
Começa o reino Ormuz, que todo se anda
Pelas ribeiras, que inda serão claras,
Quando as galés do Turco, e fera armada,
Virem de Castel-Branco nua a espada.

CII

Olha o cabo Asabóro, que chamado
Agora he Moçandão dos navegantes:
Por aqui entra o lago, que he fechado
De Arabia, e Persias terras abundantes.
Attenta a ilha Barêm, que o fundo ornado
Tem das suas perlas ricas, e imitantes
Á cor da Aurora, e vê na agua salgada
Ter o Tygris e Euphrates huma entrada.

CIII

Olha da grande Persia o imperio nobre,
Sempre posto no campo, e nos cavallos,
Que se injuria de usar fundido cobre,
E de não ter das armas sempre os callos.
Mas vê a ilha Gerùm, como descobre
O, que fazem do tempo os intervallos;
Que da cidade Armuza, que alli esteve,
Ella o nome despois, e a gloria teve.

CIV

Aqui de Dom Philippe de Menezes
Se mostrará a virtude em armas clara,
Quando com muito poucos Portuguezes
Os muitos Párseos vencerá de Lara:
Virão provar os golpes e revezes
De Dom Pedro de Sousa, que provara
Já seu braço em Ampaza, que deixada
Terá por terra á força só de espada.

CV

Mas deixemos o estreito, e o conhecido
Cabo de Jasque, dito já Carpella,
Com todo o seu terreno mal querido
Da natura, e dos dons usados della:
Carmânia teve já por appellido:
Mas vês o formoso Indo, que daquella
Altura nasce, junto á qual tambem
D'outra altura correndo o Gange vem.

CVI

Olha a terra de Ulcinde fertilissima,
E de Jaquete a intima enseada,
Do mar a enchente subita grandissima,
E a vasante, que foge apressurada.
A terra de Cambaia vê riquissima,
Onde do mar o seio faz entrada:
Cidades outras mil, que vou passando,
A vós outros aqui se estão guardando.

CVII

Vês, corre a costa célebre Indiana
Para o Sul, até o cabo Comori,
Já chamado Corí. que Taprobana
(Que ora he Ceilão) defronte tem de si:
Por este mar a gente Lusitana,
Que com armas virá despois de ti,
Terá victorias, terras, e cidades,
Nas quaes hão de viver muitas idades.

Thetis, por occasião de indicar ao Gama a cidade de Meliapôr, na Costa de Coromandel, refere os milagres e o martyrio do apostolo S. Thomé

CVIII

As provincias, que entre hum e o outro rio
Vês com varias nações, são infinitas:
Hum reino Mahometa, outro Gentio,
A quem tem o Demonio leis escritas.
Olha que de Narsinga o senhorio
Tem as reliquias sanctas e bemditas
Do corpo de Thomé, barão sagrado,
Que a Jesu Christo teve a mão no lado:

CIX

Aqui a cidade foi, que se chamava
Meliapôr, formosa, grande e rica;
Os idolos antiguos adorava,
Como inda agora faz a gente inica:
Longe do mar naquelle tempo estava,
Quando a Fé, que no mundo se publica,
Thomé vinha prégando, e já passara
Provincias mil do mundo, que ensinara.

CX

Chegado aqui prégando, e junto dando
A doentes saude, a mortos vida,
A caso traz hum dia o mar vagando
Hum lenho de grandeza desmedida:
Deseja o Rei, que andava ed ficando,
Fazer delle madeira, e não duvida
Podêr tira-lo a terra com possantes
Forças d'homens, de engenhos, de elephantes.

CXI

Era tão grande o pezo do madeiro,
Que, só para abalar-se, nada abasta;
Mas o nuncio de Christo verdadeiro
Menos trabalho em tal negocio gasta:
Ata o cordão, que traz, por derradeiro
No tronco, e facilmente o leva, e arrasta
Para onde faça hum sumptuoso templo,
Que ficasse aos futuros por exemplo.

CXII

Sabia bem, que se com fé formada
Mandar a hum monte surdo, que se mova,
Que obedecerá logo á voz sagrada;
Que assi lho ensinou Christo, e elle o prova:
A gente ficou disto alvoroçada,
Os Brâhmenes o tem por cousa nova:
Vendo os milagres, vendo a sanctidade,
Hão medo de perder autoridade.

CXIII

São estes sacerdotes dos Gentios,
Em quem mais penetrado tinha inveja,
Buscam maneiras mil, buscam desvios,
Com que Thomé não se ouça, ou morto seja:
O principal, que ao peito traz os fios,
Hum caso horrendo faz, que o mundo veja;
Que inimiga não ha tão dura, e fera,
Como a virtude falsa da sincera.

CXIV

Hum filho proprio mata, e logo accusa
De homicidio Thomé, que era innocente:
Dá falsas testemunhas, como se usa,
Condemnaram-no á morte brevemente.
O Sancto, que não vê melhor escusa,
Que appellar para o Padre Omnipotente,
Quer diante do Rei, e dos senhores,
Que se faça hum milagre dos maiores.

CXV

O corpo morto manda ser trazido,
Que resuscite, e seja perguntado
Quem foi seu matador, e será crido
Por testemunho o seu mais approvado:
Virão todos o môço vivo erguido
Em nome de Jesu crucificado:
Dá graças a Thomé, que lhe deo vida,
E descobre seu pai ser homicida.

CXVI

Este milagre fêz tamanho espanto,
Que o Rei se banha logo na agua santa,
E muitos após elle: hum beija o manto,
Outro louvor do Deos de Thomé canta.
Os Brâhmenes se encheram de odio tanto,
Com seu veneno os morde inveja tanta,
Que, presuadindo a isso o povo rudo,
Determinam mata-lo em fim de tudo.

CXVII

Hum dia, que prégando ao povo estava,
Fingiram entre a gente hum arruido:
Já Christo neste tempo lhe ordenava,
Que, padecendo, fosse ao Ceo subido.
A multidão das pedras, que voava,
No Sancto dá, já a tudo offerecido:
Hum dos máos, por fartar-se mais depressa,
Com crua lança o peito lhe atravessa.

CXVIII

Choraram-te, Thomé, o Gange e o Indo,
Chorou-te toda a terra, que pizaste;
Mais te choram as almas, que vestindo
Se hiam da sancta Fé, que lhe ensinaste:
Mas os Anjos de Ceo cantando, e rindo,
Te recebem na gloria, que ganhaste.
Pedimos-te, que a Deos ajuda poças,
Com que os teus Lusitanos favoreças.

A Deosa, depois de huma breve, mas acre, invectiva contra falta de zelo religioso nos sacerdotes do seu tempo, continúa a indicar ao Gama diversas terras e rios da Asia, e aproposito do rio Mecom, prediz hum naufragio que nelle havia de experimentar o auctor deste poema

CXX

Mas passo esta materia perigosa,
E tornemos á costa debuxada.
Já com esta cidade tão famosa,
Se faz curva a Gangetica enseada:
Corre Narsinga rica e poderosa,
Corre Orixa de roupas abastada,
No fundo da enseada o illustre rio
Ganges vem ao salgado senhorio:

CXXI

Ganges, no qual os seus habitadores
Morrem banhados, tendo por certeza,
Que, inda que sejam grandes peccadores,
Esta agua sancta os lava, e dá pureza.
Vê Cathigão, cidade das melhores
De Bengala, provincia, que se preza
De abundante; mas olha, que está posta
Para o Austro daqui virada a costa.

. . . . . .

CXXIII

Olha Tavai cidade, onde começa
De Sião largo o imperio tão comprido;
Tenassari, Quedá, que he só cabeça
Das, que pimenta alli tem produzido.
Mais avante fareis, que se conheça
Malaca por emporio ennobrecido,
Onde toda a provincia do mar grande
Suas mercadorias ricas mande.

CXXIV

Dizem, que desta terra, co'as possantes
Ondas o mar entrando, dividio
A nobre ilha Samátra, que já d'antes
Juntas ambas a gente antigua vio:
Chersoneso foi dita, e das prestantes
Veas d'ouro, que a terra produzio,
Aurea por epithéto lhe ajuntaram,
Alguns que fosse Ophir imaginaram.

CXXV

Mas na ponta da terra Cingapura
Verás, onde o caminho ás náos se estreita;
Daqui, tornando a costa á Cynosura,
Se encurva, e para a Aurora se endireita:
Vês Pam, Patâne, reinos, e a longura
De Sião, que estes e outros mais sujeita:
Olha o rio Menão, que se derrama
Do grande lago, que Chiamai se chama.

CXXVI

Vês neste grão terreno os differentes
Nomes de mil nações nunca sabidas:
Os Láos em terra e numero potentes,
Avás. Bramás por serras tão compridas.
Vê nos remotos montes outras gentes,
Que Gueos se chamam, de selvages vidas,
Humana carne comem, mas a sua
Pintam com ferro ardente, usança crua.

CXXVII

Vês, passa por Camboja Mecom rio,
Que capitão d s aguas se interpreta,
Tantas recebe d'outro só no estio,
Que alaga os campos largos, e inquieta:
Tem as enchentes, quaes o Nilo frio:
A gente delle crê, como indiscreta,
Que pena, e gloria tem despois de morte
Os brutos animaes de toda a sorte.

CXXVIII

Este receberá placido, e brando,
No seu regaço o Canto, que molhado
Vem do naufragio triste, e miserando,
Dos procellosos baixos escapado,
Das fomes dos perigos grandes, quando
Será o injusto mando executado
Naquelle, cuja lyra sonorosa
Será mais afamada, que ditosa.

Depois desta pathetica allusão a um facto futuro relativo a Luiz de Camões, Thetis continúa a sua explicação d'aquella parte do mysterioso globo em que se via representada a terra, e despede o Gama com as mais lisongeiras expressões

CXXIX

Vês, corre a costa, que Champá se chama,
Cuja mata he do páo cheiroso ornada:
Vês, Cauchichina está de escura fama,
E de Ainão vê a incognita enseada:
Aqui o soberbo imperio, que se afama
Com terras, e riqueza não cuidada,
Da China corre, e occupa o senhorio
Desd'o Trópico ardente ao Cinto frio.

CXXX

Olha o muro, e edificio nunca crido,
Que entre hum imperio, e o outro se edifica,
Certissimo sinal, e conhecido,
Da potencia Real, soberba, e rica:
Estes, o Rei, que tem, não foi nascido
Principe, nem dos pais aos filhos fica;
Mas elegem aquelle, que he famoso
Por cavalleiro sabio, e virtuoso.

CXXXI

Inda outra muita terra se te esconde,
Até que venha o tempo de mostrar-se.
Mas não deixes no mar as ilhas, onde
A natureza quiz mais afamar-se:
Esta meia escondida, que responde
De longe á China, donde vem buscar-se,
He Japão, onde nasce a prata fina,
Que illustrada será co'a Lei divina.

CXXXII

Olha cá pelos mares do Oriente
As infinitas ilhas espalhadas:
Vê Tidóre, e Ternáte, co'o fervente
Cume, que lança as flammas ondeadas;
As arvores verás do cravo ardente,
C'o sangue Portuguez inda compradas;
Aqui ha as aureas aves, que não decem
Nunca á terra, e só mortas apparecem,

CXXXIII

Olha de Banda as ilhas, que se esmaltam
Da varia côr, que pinta o roxo fruto,
As aves variadas, que alli saltam,
Da verde noz tomando seu tributo:
Olha tambem Bornêo, onde não faltam
Lagrimas no licor coalhado, e enxuto
Das arvores, que camphora he chamado,
Com que da ilha o nome he celebrado.

CXXXIV

Alli tambem Timôr, que o lenho manda
Sândalo salutifero, e cheiroso:
Olha a Sunda tão larga, que huma banda
Esconde para o Sul difficultoso:
A gente do sertão, que as terras anda,
Hum rio, diz, que tem miraculoso,
Que, por onde elle só sem outro vae,
Converte em pedra o páo, que nelle cae.

CXXXV

Vê naquella, que o tempo tornou ilha,
Que tambem flammas tremulas vapora,
A fonte, que oleo mana, e a maravilha
Do cheiroso licôr, que o tronco chora,
Cheiroso mais, que quanto estilla a filha
De Cinyras na Arabia, onde ella mora;
E vê que, tendo quanto as outras tem,
Branda sêda, e fino ouro dá tambem.

CXXXVI

Olha em Ceilão, que o monte se alevanta
Tanto, que as nuvens passa, ou a vista engana;
Os naturaes o tem por cousa santa;
Pela pedra, onde está a pégada humana.
Nas ilhas de Maldiva nasce a planta,
No profundo das aguas soberana,
Cujo pômo contra o veneno urgente
He tido por antidoto excellente.

CXXXVI

Verás defronte estar do Roxo estreito
Socotorá, co'o amaro Áloe famosa:
Outras ilhas no mar tambem sujeito
A vós na costa de Africa arenosa,
Onde sahe do cheiro mais perfeito
A massa, ao mundo occulta, e preciosa:
De São-Lourenço vê a ilha afamada,
Que Madagascar he d'alguns chamada.

CXXXVIII

Eis-aqui as novas partes do Oriente,
Que vós outros agora ao mundo dais,
Abrindo a porta ao vasto mar patente,
Que com tão forte peito navegais.
Mas he tambem razão, que no Ponente
D'hum Lusitano hum feito inda vejais,
Que, de seu Rei mostrando-se aggravado,
Caminho ha de fazer nunca cuidado.

CXXXIX

Vedes a grande terra, que contina
Vai de Callisto ao seu contrario polo,
Que soberba a fará a luzente mina
Do metal, que a côr tem do louro Apollo:
Castella, vossa amiga, será dina
De lançar-lhe o collar ao rudo collo:
Varias provincias tem de varias gentes,
Em ritos, e costumes differentes.

CXL

Mas cá onde mais se alarga, alli tereis
Parte tambem co'o páo vermelho nota,
De Sancta-Cruz o nome lhe poreis,
Descobri-la-ha a primeira vossa frota:
Ao longo desta costa, que tereis,
Irá buscando a parte mais remota
O Magalhaens, no feito com verdade,
Portuguez, porém não na lealdade.

CXLI

Desque passar a via mas que mea,
Que ao Antarctico polo vai da Linha,
D'huma estatura quasi gigantea
Homens verá, do terra alli visinha:
E mais avante o Estreito, que se arrea
Co'o nome delle agora, o qual caminha
Para outro mar, e terra, que fica onde
Com suas frias azas o Austro a esconde.

CXLII

Atéqui, Portuguezes, concedido
Vos he saberdes os futuros feitos,
Que pelo mar, que já deixais sabido,
Virão fazer barões de fortes peitos.
Agora; pois que tendes aprendido
Trabalhos, que vos façam ser acceitos
Ás eternas espôsas, e formosas,
Que coroas vos tecem gloriosas:

CXLIII

Podeis-vos embarcar; que tendes vento
E mar tranquillo para a patria amada.
Assi lhe disse: e logo movimento
Fazem da ilha alegre e namorada:
Levam refresco, e nobre mantimento,
Levam a companhia desejada
Das nymphas, que hão de ter eternamente,
Por mais tempo que o Sol o mundo aquente.

Os Portuguezes proseguem sua viagem de regresso á patria, e chegam ao Tejo

CXLIV

Assi foram cortando o mar sereno,
Com vento sempre manso, e nunca irado,
Até que houveram vista do terreno,
Em que nasceram, sempre desejado.
Entraram pela foz do Tejo ameno,
E á sua patria, e Rei temido e amado,
O premio e gloria dão; porque mandou,
E com titulos novos se illustrou.

O Grande Luiz de Camões remata o seu poema, soltando queixumes contra a ingratidão de seus compatriotas, dirigindo assisados conselhos a El-Rei D. Sebastião, e promettendo cantar as façanhas que elle obrasse

CXLV

No mais, Musa, no mais; que a lyra tenho
Destemperada, e a voz enrouquecida,
E não do canto, mas de vêr que venho
Cantar a gente surda, e endurecida.
O favor, com que mais se accende o engenho,
Não no dá a Patria, não; que está mettida
No gosto da cubiça, e na rudeza
D'huma austera, apagada, e vil tristeza:

CXLVI

E não sei, por que influxo de destino
Não tem hum ledo orgulho, e geral gosto,
Que os animos levanta de contino,
A ter para trabalhos ledo o rosto.
Por isso vós, ó Rei, que por divino
Conselho estais no regio solio posto,
Olhai que sôis (e vêde as outras gentes)
Senhor só de vassallos excellentes!

CXLVII

Olhai, que ledos vão por varias vias,
Quaes rompentes leões, e bravos touros,
Dando os corpos a fomes, e vigias,
A ferro, a fogo, a settas, e pelouros:
A quentes regiões, a plagas frias,
A golpes de Idolátras, e de Mouros,
A perigos incognitos do mundo,
A naufragios, a peixes, ao profundo:

CXLVIII

Por vos servir a tudo apparelhados,
De vós tão longe sempre obedientes
[illegible] mandados,
Sem dar resposta, promptos e contentes:
Só com saber que são de vós olhados,
Demonios infernaes, negros, e ardentes
Commetterão comvosco, e não duvido
Que vencedor vos façam, não vencido.

CXLIX

Favorecei-os logo, e alegrai-os
Com a presença, e leda humanidade:
De rigorosas leis desalivai-os;
Que assi se abre o caminho á sanctidade:
Os mais exprimentados levantai-os,
Se com a experiencia tem bondade,
Para vosso conselho; pois que sabem
O como, o quando, e onde as cousas cabem.

CL

Todos favorecei em seus officios,
Segundo tem das vidas o talento:
Tenham Religiosos exercicios
De rogarem por vosso regimento;
Com jejuns, disciplina pelos vicios
Communs, toda ambição terão por vento;
Que o bom Religioso verdadeiro
Gloria vãa não pretende, nem dinheiro.

CLI

Os Cavalleiros tende em muita estima:
Pois com seu sangue intrepido, e fervente
Estendem não somente a Lei de cima,
Mas inda vosso imperio preeminente,
Pois aquelles, que a tão remoto clima
Vos vão servir com passo diligente,
Dous inimigos vencem, huns os vivos,
E (o que he mais) os trabalhos excessivos.

CLII

Fazei, Senhor, que nunca os admirados
Alemães, Gallos, Italos, e Inglezes,
Possam dizer, que são para mandados
Mais, que para mandar, os Portuguezes.
Tomai conselhos só d'exprimentados,
Que viram largos annos, largos mezes;
Que, postoque em scientes muito cabe,
Mais em particular o experto sabe.

CLIII

De Phormião, philosopho elegante,
Vereis como Annibal escarnecia,
Quando das artes bellicas diante
Delle com larga voz tratava, e lia.
A disciplina militar prestante
Não se aprende, Senhor, na phantasia,
Sonhando, imaginando, ou estudando;
Senão vendo, tratando, e pelejando.

CLIV

Mas eu, que fallo humilde, baixo e rudo,
De vós não conhecido, nem sonhado?
Da bôca dos pequenos sei com tudo,
Que o louvor sahe ás vezes acabado:
Nem me falta na vida honesto estudo,
Com longa experiencia misturado,
Nem engenho, que aqui vereis presente,
Cousas, que juntas se acham raramente.

CLV

Para servir-vos, braço ás armas feito:
Para cantar-vos, mente ás Musas dada:
Só me fallece ser a vós acceito,
De quem virtude deve ser prezada.
Se me isto o Céo concede, e o vosso peito
Digna empreza tomar de ser cantada,
Como a presaga mente vaticina,
Olhando a vossa inclinação divina:

CLVI

Ou fazendo, que mais, que a de Medusa,
A vista vossa tema o monte Atlante;
Ou rompendo nos campos de Ampelusa
Os muros de Marrocos, e Trudante:
A minha já estimada, e leda Musa,
Fico, que em todo o mundo de vós cante,
De sorte, que Alexandro em vós se veja
Sem á dita de Achilles ter inveja.

ADDITAMENTO

Estancias supprimidas no texto, por descuido de revisão

CANTO II

XCVIII

De botões d'ouro as mangas vem tomadas,
Onde o Sol reluzindo a vista cega:
As calças soldadescas recamadas
Do metal, que fortuna a tantos nega:
E com pontas do mesmo delicadas
Os golpes do gibão ajunta, e achega:
Ao Italico modo a aurea espada:
Pluma na gorra, hum pouco declinada.

CANTO X

XXIV

Isto fazem os Reis, quando embebidos
N'huma apparencia branda, que os contenta
Dão os premios, de Aiace merecidos,
Á lingua de Ulysses fraudulenta:
Mas vingo-me; que os bens mal repartidos,
Por quem só doces sombras apresenta,
Se não os dão a sabios cavalleiros,
Dão-os logo a avarentos lisongeiros.

XXV

Mas tu, de quem ficou tão mal pagado
Hum tal vassallo, ó Rei, só nisto inico,
Se não és para dar-lhe honroso estado,
He elle para dar-te hum reino rico:
Em quanto fôr o mundo rodeado
Dos Apollineos raios, eu te fico,
Que elle seja entre a gente illustre e claro,
E tu nisto culpado por aváro.

NOTAS AOS EXCERPTOS DO CANTO I

Estancia I. *Taprobana.* — Antigo nome da ilha de Ceylão, hoje pertencente á India Ingleza.

Est. III. *Cessem* etc. — Expressão elliptica por: Cessem de ser tão celebradas etc. O *sabio Grego* a que o poeta aqui allude he Ulysses, rei de Ithaca, cujas navegações cantou Homero no poema intitulado *Odyssêa.* Pelo *Troiano* entende-se aqui *Eneas*, principe, que, arrasada Troia, veio á Italia, e cujas navegações e proezas foram cantadas por Virgilio, na maravilhosa epopea latina a *Eneida.*

Alexandro. — Alexandre, como hoje se diz, rei de Macedonia, e o mais afamado dos guerreiros e conquistadores dos tempos antigos.

Trajano. — Imperador romano dos principios do 2.º seculo da nossa era, famoso pela bondade do seu caracter, e pelas suas victorias no oriente.

Neptuno e Marte. — Falsos deoses, que presidiam, segundo a fabula, o primeiro ao mar, o segundo á guerra.

Musa. — As Musas, segundo a mythologia, presidiam ás lettras, e principalmente á poesia.

Est. IV. *Tagides.* — Nymphas do Tejo que em latim se diz *Tagus.* Nymphas, conforme a fabula eram humas divindades de segunda ordem, que presidiam aos rios, aos bosques, ás fontes, aos montes, e que por isso recebiam diversos nomes.

Grandiloquo. — O mesmo que elevado, sublime. *Phebo.* O mesmo que Apollo, deos da poesia. *Hippocrene.* Fonte na Beocia, perto de Thebas, consagrada ás Musas.

Est. V. *Furia.* — Entenda-se: furor poetico, estro, enthusiasmo.

Avena. — Palavra latina, que o poeta mesmo verte logo pelo vocabulo portuguez *flauta*, entendendo a pastoril. *Tuba*, o mesmo que trombeta. Por *avena* entende-se aqui o estylo humilde, bucolico, ou proprio de guardadores de gado; por *tuba* o estylo remontado e heroico.

Est. VI. *Antiga liberdade.* — Aqui toma-se por independencia, não sujeição a jugo estrangeiro.

Mande. — Ou a necessidade da rima obrigou o poeta a pôr

o verbo *mandar* no conjunctivo em vez de o pôr no indicativo; ou se o empregou assim de industria, deve tomar-se em significação optativa: como se dissera: Oxalá que todo o mundo reconheça o verdadeiro Deos e lhe obedeça!

Est. VII. — Pelo novo e tenro ramo, entende-se o menino rei a quem o poema he dedicado, isto he, D. Sebastião. Pela *arvore* etc. a linhagem dos monarchas de Portugal. Pela arvore *Cesárea*, a serie dos imperadores de Allemanha, que pertendiam ser successores dos antigos Cesares. Pela *christianissima* a casa real de França, que gosava do titulo de *Christianissima*.

Vede-o no vosso escudo etc. — Allude á batalha do campo de Ourique, e ás sagradas quinas, ou chagas de Christo, que figuram no escudo das armas de Portugal, o que tem relação com a apparição de Nosso Senhor Jesu Christo a D. Affonso Henriques antes daquella memoravel batalha. A apparição está bem longe de ser hum dogma de fé: he uma tradição piedosa, e nada mais. O documento capital com que antigamente se pertendia provar aquella insigne mercê feita ao primeiro de nossos reis, he evidentemente espurio, e forjado por hum impostor não menos imperito que impudente.

Est. VIII. *Ismaelita*. — Entende-se o mouro, descendente, como se pretende, de Ismael filho de Abraham e da escrava Agar. *Turco*, povo mahometano, de origem Tartara.

Sancto rio. — O Ganges, que os gentios do Indostão tem por sagrado.

Est. IX. *Inteira idade*. — A idade adulta.

Est. XI. — Rodamonte, Rogeiro e Orlando, paladinos ou cavalleiros errantes, muito celebres nos romances antigos de cavallarias, e nos poemas italianos de Boiardo e de Ariosto.

Est. XII. *Nuno*. — D. Nuno Alvares Pereira. O condestavel, a quem deveu em grande parte a coroa El-Rei D. João I, bem como Portugal a sua independencia em 1383. *Egas*. Egas Moniz, aio de D. Affonso Henriques. *D. Fuas Roupinho* a quem se attribuem grandes façanhas por terra e por mar, no reinado de D. Affonso Henriques. *Homero*. O principe dos poetas epicos de todas as nações. *Doze Pares*. Doze esforçadissimos cavalleiros muito celebres na fabulosa historia de Carlos Magno. *Doze de Inglaterra*. Os doze portuguezes que venceram em Londres os doze inglezes, em desagravo de doze damas daquella

corte, segundo a tradição elegantemente historiada pelo nosso poeta no 6.º canto dos Lusiadas. *Gama.* D. Vasco da Gama, o principal heroe deste poema.

Est. VIII. *Carlos Rei de França.* — Carlos Magno, rei dos Francos, e imperador coroado no anno 800 da nossa era. *Cesar.* Caio Julio Cesar, vencedor das Gallias, dictador perpetuo, o primeiro dos imperadores romanos que governaram como soberanos. Os Reis de Portugal mencionados nesta estancia são, D. Affonso Henriques, D. João 1.º, D. João 2.º, D. Affonso 4.º e D. Affonso 5.º

Est. XIV. *Pacheco* — Diogo Pacheco Pereira, heroe que se immortalisou reinando D. Manuel. *Almeidas.* D. Francisco, e seu filho D. Lourenço. *Albuquerque.* O grande Affonso de Albuquerque. *Castro.* O famoso vice-rei D. João de Castro.

Est. XVI. *Exicio.* — Destruição, ruina. *Thethys.* Esposa do Oceano, e mãi das nymphas oceaninas.

Est. XVII. *Olympica morada.* — Entende-se o aqui ceo empyreo. O Olympo, era um monte entre a Macedonia e a Pharsalia, que os antigos pagãos diziam ser a morada de Jupiter e da mór parte dos outros deoses. *Dos dous Avós.* O paterno, afamado na paz, foi D. João III; o materno, celebre pelas suas victorias, D. Carlos 5.º

Est. XVIII. *Argonautas.*— Jasão e seus companheiros, antiquissimos navegadores, os quaes foram a Colchos, na nau *Argos*, á conquista do velo de ouro. Poeticamente dá-se tambem o nome de *Argonautas*, aos navegadores que comettem empresas longiquas e arrisca das.

Est. XIX. *Gado de Próteo.* — As phocas ou os phocas. *Próteo*, semi-deos marinho, e propheta.

Via lactea.—Região no ceo, a que o vulgo chama estrada de S. Thiago. *Tonante*, epitheto de Jupiter, como quem dissesse trovejador.

Neto do velho Atlante. -- Mercurio, falso deos, mensageiro de Jupiter.

Est. XXI. *Os que habitam* etc. — Designam-se aqui os quatro pontos cardinaes do mundo, pela ordem seguinte: Norte, Sul, Oriente, Occidente.

Est. XXII. *Padre.*—O mesmo que pai. Tem mais dignidade, e por isso Camões usa deste vocabulo muitas vezes. *Vulcano.* Filho de Jupiter, para quem forjava os raios ajudado pelos Cyclopes.

*

Est. XXIV. *Estellifero polo.* — Ceo estrellado, ornado de estrellas. *Assyrios.* Povo da Asia, celebre na antiguidade.

Est. XXVI. *Romulo.* — O fundador e primeiro rei de Roma. *Viriato.* Celebre caudilho Lusitano, que defendeu, por muitos annos, a independencia da patria, vencendo em muitas batalhas os exercitos Romanos, e morreu afinal assassinado por tres de seus officiaes, vendidos ao inimigo. *Alevantaram* etc. Entende fallar de Sertorio, guerreiro Romano, que, desertando, veio capitanear os Lusitanos, a quem illudiu, fazendo-lhes acreditar que recebia inspirações de uma Nympha por meio de huma corça (cerva lhe chama o poeta com termo latino) a qual o acompanhava sempre.

Est. XXVII. *Africo e Noto.* — Sudoeste e Sul; aqui tomam-se pelos ventos em geral. *Que havendo* etc. Construcção algum tanto embaraçosa. Quer dizer: Havendo já tanto tempo que andavam vendo etc.

Est. XXVIII. *Promettido lhe está.* — Deveria ser: *lhes está:* porém no tempo de Camões as mais das vezes deixava-se de variar no plural a contracção do caso obliquo dos pronomes *elle*, *ella*.

Est. XXIX. *Lassa.* Fatigada.

Est. XXX. *Baccho.* — Deos do vinho, de quem resa a fabula que fizera grandes conquistas na India.

Est. XXXI. *Doris.* — Esposa de Nereu, e huma das deosas do mar. *Nysa.* Cidade da antiga India, cuja fundação era attribuida a Baccho.

Est. XXXII. *Venus.* — Deosa dos prazeres. *Terra Tingitana.* Região Africana, Barbaria, de *Tinge*, hoje Tanger.

Est. XXXIV. *Merencorio.* — Enfadado, carregado: vocabulo obsoleto, de que hoje não se deve usar. *Apollo*, ou Phebo, ás vezes o mesmo que o Sol.

Est. XLI. *Mavorte.* — O mesmo que Marte.

Est. XLII. *Austro* etc. — Com isto quer o poeta dizer que, quando se celebrava o concilio dos deoses, já os portuguezes, haviam dobrado o cabo da Boa Esperança. *Typheo.* Nome de hum dos gigantes que fizeram a guerra aos deoses. Quiz o poeta indicar que o sol estava no signo de *Pisces*, que he de 19 de Fevereiro até 20 de Março.

Est. XLIII. *Promontorio Prasso.* — Hoje de Moçambique,

Est. XLVI. *Phaeton.* — Phaetonte, filho do Sol, cujo carro

guiou mal, vindo a perecer em resultado da sua presumptuosa temeridade. *Pado.* He o rio Pó, em cujas margens veio a cahir. *Lampethusa.* Huma das irmans de *Phaetonte.*

Est. XLVII. *Adarga.* — Escudo oval de couro. *Anafis.* Instrumentos semelhantes á trombeta.

Est. XLIX. *Lyeo.*—O mesmo que Baccho. *Prantado.* O mesmo que plantado, archaismo de que hoje não se deve usar. *Os de Phaeton queimados.* Os negros.

Est. LI. *Polo Antarctico e Callisto.* — O do Sul, e o do Norte. *Acheronte.* Lago do inferno segundo a fabula.

Est. LIII. *O claro descendente* etc. — Designa assim a Mafoma, ou Mahomet.

Est. LIV. *De Quiloa* etc. — Ilhas bem conhecidas da Africa Oriental.

Est. LVI. *Dando cargo á irmã* etc. — Isto he a Diana, á Lua.

Est. LVIII. *Rutilavam.* — Brilhavam. *Argenteas*, côr de prata.

Est. LIX. *Hyperionio.* -- O sol.

Est. LX. *Aposentos Caspios.* — Paiz junto ao mar Caspio, donde vieram os Turcos. *Tomaram a.* O *am* elide-se. Esta elisão, a que se dá o nome de ectlipse he reprovada na moderna metrificação, *Constantino.* O imperador Constantino, que deu o seu nome á cidade antes chamada Bisancio, a qual foi, 10 seculos depois, tomada pelos Turcos.

Est. LXXI *O filho de David.* — Nosso Senhor Jesus Christo, em quanto homem, descendente de David.

Est. LXXII. *Cognito.* — Conhecido.

Est. LXXDV. *Apercebido.* — Aparelhado.

Est. LXXXVI. *Azagaia.* — Arma de arremeço mais curta que o dardo.

Est. LXXXIX. *Plumbea pella.* — Balla de artilheria.

Est. XC. *Cavalgada.* — Aqui significa, facção, commettimento no sentido mais lato.

Est. XCI. *O canto.* — He o mesmo que pedra, mas pedra grande.

Est. XCII. *Almadias* e *Pangaias.*— São especies de embarcações.

NOTAS AOS EXERPTOS DO CANTO II

Est. I. *Deos nocturno.* — O Erebo, ou talvez Morpheo, ou o Somno.

Est. IV. *Aurifero Levante.* —Paizes orientaes, onde ha abundancia de ouro.

Est. VI. *Que não erra.* — Quer dizer: Coherente em seu fingimento.

Est. XV. *Emquanto a luz* etc. — Construcção amphibologica, que não he para imitar; pois aqui só o sentido he que dá a conhecer qual he o sujeito e qual o complemento objectivo.

Est. XVIII. *Erycina.* — Venus, assim chamada por ter hum templo em *Eryx*, monte da Sicilia.

Est. XIX. *Nereo.* — Divindade maritima, pai das Nymphas, denominadas *Nereidas.*

Est. XXII *Capitaina.* — O mesmo que *capitanea*, que hoje chamamos não almirante.

Est. XXV. *Celeuma* ou *Celeusma.* — Palavra grega, que significa grita ou vozearia, principalmente dos marinheiros que se animam a trabalhar.

Est. XXVII. *Lycia gente.* — A Lycia era hum paiz da Asia, alguns de cujos habitantes, por negarem agua á deosa Latona que se abrasava em sede, foram, segundo a fabula, convertidos em rans.

Est. XXVIII. *Noto.* — Conhecido. *Immoto.* Rigissimo, inabalavel.

Est. LXXII. *Roubador de Europa.* — Roubador de Europa foi Jupiter, transmudado em touro. Quer o poeta dizer que o Sol entrava no signo de *Tauro.* O sol entra neste signo a 20 de Abril. *Luz Phebea.* O sol. *Flora.* Deosa das flores. *Amalthea.* O corno de Amalthea, ou a cornucopia, significa a abundancia de fructos, riquezas, delicias etc. Allude o poeta ás producções e delicias da primavera.

A memoria do dia etc. — Denota ser o dia da chegada da frota a Melinde hum domingo, e dia de paschoa da resurreição.

Est. LXXIII. *Atambores.* — Tambores, pela figura prothese.

Est. LXXVIII. *Pallas.* — Deosa da sabedoria e da eloquencia.

Est. LXXXII. *Ithaco.* — He Ulysses, rei da ilha Ithaca, aco-

lhido e hospedado generosamente por Alcino, rei da ilha Scheria, ou Corcyra, hoje Corfú.

Est. LXXXV. *O estomago.* — O peito. Archaismo de que se não deve usar actualmente.

Est. LXXXVIII. *Lus crastina.* — A luz do dia de amanhã, isto he, ámanhã.

Est. LXXXIX. *O filho de Latona.* — Apollo, o Sol.

Est. XCI. *Pó sulphureo.* — A polvora.

Est. XCII. *A mãi de Memnon.* — A aurora.

Est. CV. *Eolo.* — Divindade que presidia aos ventos. *Emquanto apascentar* etc. Emquanto os astros brilharem no ceo.

Est. CVIII. *Hesperia ultima.* — A peninsula Hispanica, ou Iberica.

NOTAS AOS EXCERPTOS DO CANTO III

Est. III. *Escuitando.* — Forma obsoleta, em lugar de escutando. *Genealogia.* Aqui toma-se por origem, ou por historia em geral.

Est. V. *Da larga terra.* — Da Europa, onde está o reino de Portugal. *Da sanguinosa guerra.* Isto he, das sanguinosas guerras; o singular em vez do plural.

Est. VI. *Entre a zona* etc. — Quer o poeta dizer nestes quatro versos que a Europa está situada entre a zona *torrida*, e a zona *fria*, isto he, que está na zona temperada. *Zonas* são circulos menores da esphera que dividem o globo em cinco partes. Todo o bellissimo preambulo descriptivo da Europa preposto pelo poeta á narração dos principaes acontecimentos da historia patria, não se entende bem sem alguns conhecimentos geographicos, que difficilmente poderiam ser suppridos pelo que se aqui dissesse, a não querermos alterar a promettida brevidade destas notas. *Arcturo.* O Norte.

Est. VII. *O rio que dos montes Ripheos.* — O Tanais, rio da Sarmacia, hoje chamado o *Don. E o mar que fero* etc. O Egeo. *Troia.* Poderosa cidade da Asia, destruida pelos Gregos. *Triumphante.* Allude ao tempo do seu poderio e prosperidade.

Est. VIII. *Os montes Hyperboreos.* — Situados além da Thracia, assim chamados por serem muito expostos ao vento *Boreas*, isto he, ao Norte.

Est. IX. *Scythas.* — Povos barbaros antigos, que habitavam

segundo alguns geographos, entre o Borysthenes e o Tanais. *Egypcia terra.* O Egypto, região, bem conhecida, da Africa. *Campo Damasceno.* O campo onde se ergueu a antiquissima cidade de Damasco, no qual foi creado o primeiro homem, segundo huma tradição muito acreditada.

Est. X. *Lappia.* — A Laponia, o paiz mais septentrional da Europa.

Escandinavia Ilha. — Mais exactamente peninsula, que comprehende a Suecia e a Noruega.

Que se arrêa etc. — Donde sahiram em grande parte os povos que invadiram o imperio Romano, e se assenhorearam de quasi todo elle, nos principios da edade media. *Sarmatico oceano.* O mar de Sarmacia, isto he, ou o Vistula, ou o Tanais, ou o mar Caspio. *Brusio* etc. Entende-se povo, o Prussiano, o Sueco, e o Dinamarquez.

Est. XI. *Ruthenos* etc.—Russos, Moscovitas. *Montanha Hercynia.* Immensa floresta montanhosa, a que hoje corresponde em parte a *Floresta Negra,* na Allemanha.

Marcomanos etc. — Povos da Germania. Na opinião do poeta confundem-se com os Polacos. *Panonios.* Por este nome deve talvez entender-se aqui parte dos Esclavonios e dos Croatas. *Reno* e *Danubio.* Grandes rios bem conhecidos. *Amasis.* Talvez o Ems, que atravessa o Hanover, e outros paizes de Allemanha. *Albis. O* Elba, outro rio de Allemanha, que nasce na Bohemia.

Est. XII. *Istro.* —O Danubio. *Helle,* filha de Athamante, que fugindo do furor de seu pai, se afogou no estreito que separa a Thracia de Troada, o qual do seu nome se ficou chamando Hellesponto. *Hemo* e *Rhodope.* Montes da Thracia, grande região da antiga Europa. *Othomano.* Turco, povo mahometano.

Est. XIII. *Macedonia.* — Reino da Grecia antiga. *Axio.* Rio da mesma região, hoje Vardari. *Grecia.* Paiz que foi o centro da civilisação nos tempos antigos.

Est. XIV. *Dalmatas.* — Habitantes da região que fica entre o mar Adriatico e o Oceano. *Antenor.* Principe da familia de Priamo rei de Troia. Destruida esta cidade, veio á Italia, onde se diz fundara a cidade de Padua. *Veneza.* Cidade e republica muito poderosa e celebre na idade media, e até quasi aos nossos dias.

Est. XV. *Reino Neptunino.* — O mar. *Apennino.* Os Apen-

ninos são huma cadeia de montes. muito celebres na Italia. *Mas depois que o Porteiro tem divino.* Desde que o summo Pontifice, successor de S. Pedro, exerce a soberania temporal em huma parte da Italia.

Est. XVI. *Gallia.* — Vasta e illustre região, a que hoje corresponde a França. *Cesareos triumphos.* As victorias de Caio Julio Cesar que a conquistou: *Sequana* etc. O Sena, o Rhodano, o Rheno, e o Garonna, rios bem conhecidos: *Pyrene.* Nympha, que deu o nome aos montes que separam a França de Hespanha.

Est. XVIII. *Mediterrano.* = Em lugar de Mediterraneo; immenso golfo do oceano atlantico, que se ajunta com este mar pelo estreito de Gibraltar. *Thebano.* Hercules, heroe e semideos, natural de Thebas.

Est. XIX. — Nesta oitava se mencionam varios reinos de que se compõe a monarquia de Hespanha na peninsula. Por *Parthenope*, nome de huma nympha, se entende Napoles. *Mahometa.* Em lugar de Mahometana. Por *Betis*, nome antigo do rio Guadalquivir, entende-se a Andaluzia.

Est. XXI. *Incolas.* — Habitadores.

Est. XXII. *Desta o Pastor* etc. — Entende fallar de Viriato, do qual já se fez menção. *O velho* etc. Saturno, que devorava seus filhos: aqui he synonymo de tempo.

Est. XXIII. *Afonso.* — O rei ou imperador de Hespanha D. Affonso VI. *Do Herculano Calpe* etc. Calpe, monte perto de Gibraltar. *Herculano*, porque Hercules no derradeiro de seus trabalhos poz junto daquelle monte as suas chamadas columnas, ou limites á navegação. *Caspia serra.* Montes nos limites entre a Asia e a Europa.

Est. XXV. *Henrique.* — O conde D. Henrique. Enganou-se o poeta em dize-lo filho de hum rei de Hungria. O ascendente de nossos Reis era da casa de Borgonha.

Est. XXVII. *Hierosolyma.* Jerusalem, *Jordão.* Rio na Palestina. *Gothfredo.* O heroe da familia de Bolhão, capitão supremo da primeira Cruzada, e 1.º rei christão de Jerusalem.

Est. XXX. *Manda e come.* — Governa e desfruta.

Est. XXXIV. — De coração tão esforçado. Este verso he dos poucos em que o poeta se mostra desprimoroso.

Est. XXXIX. *Scinis e Perillo.* — Dois monstros de crueldade. O primeiro foi hum soldado, o segundo hum mechanico que in-

ventou para Phalaris, tyranno de Sicilia, hum novo genero de supplicio, de que elle inventor foi a primeira victima.

Est. XLI. *Persa.* — *Zopyro*, que cruelmente se mutilou a si mesmo para facilitar, como facilitou, ao rei Dario, seu soberano, a tomada da grande cidade de Babylonia.

Est. XLIII. *Regia.* —A prepotencia da rima obrigou o poeta a dizer *regia*, em vez de rege. *Commetter.* Assaltar.

Est. XLIV. *A formosa e forte dama* etc. — Penthesiléa, rainha das Amazonas, que foi auxiliar Priamo na defeza de Troia. *Thermodonte*, Rio da Scythia, junto do qual habitavam as mulheres guerreiras, conhecidas pelo nome de Amazonas.

Est. XLV. *Aos infieis* etc. — Isto he: Apparecei, Senhor, aos infieis etc. Bellissimo exemplo de huma ellipse muito poetica.

Est. XXVI. *Real, Real* — Formula antiga da acclamação de nossos Reis.

Est. XLVIII. *Os perros.* — Os cães, isto he, os infieis. Não se devem imitar taes modos de designar os sectarios de falsas religiões, nem como taes, nem como inimigos nossos. *Flamma*, chamma.

Est. XLIX. *Fato.* — Aqui significa rebanho de gado miudo.

Est. LI. *Os animaes* etc. — São os cavallos. Neptuno (segundo a fabula) querendo dar o seu nome á cidade que veio a chamar-se Athenas, produziu o cavallo, symbolo da guerra; mas perdeu a causa, porque Minerva produziu a oliveira, symbolo da paz.

Est. LVII. *Dardania.* — O mesmo que Troia.

Est. LVIII. *Bretanha.* — Entende-se a Inglaterra. Muros *Ulysseos.* Os de Lisboa, cidade cuja fundação se attribue a Ulysses.

Est. LXXVIII. *Mir-almuminin.* — Em Arabe significa Principe dos Crentes. Titulo do soberano de Marrocos.

D. Sancho. — O infante D. Sancho, depois rei, com o nome de D. Sancho II.

Est. LXXIX. *Trabuco.* — Instrumento bellico, que arrojava pedras. *Ariete.* Maquina de bater muralhas, a que dava vaivens.

Est. LXXX *Cidade cujo prado* etc. — Coimbra.

Est. LXXXI. *Marlota.* — Vestido mourisco, especie de capote curto com capuz.

Est. LXXXIII. *E pagaram seus annos* etc. — Circumloquio

que equivale a falleceu. Libitina era a deosa que presidia aos funeraes.

Est. LXXXVI. *Silves.* — Antiga capital do reino do Algarve.

Est. LXXXVII. *O Rouxo Frederico.* — Imperador da Allemanha, 4.º do nome, cognominado Rouxo ou *Barbaroxa*, em razão de côr dos cabellos; o qual pertendeu, mas debalde, recuperar a cidade de Jerusalem, cujo ultimo rei christão fôra Guido de Lusignano, vencido pelo Saladino.

Est. LXXXVIII. *Germano.* — Allemão.

Est. XC. *Alcacere.* — Está por paragoge em lugar de Alcacer.

Est. XCIV. *O Conde Bolonhez.* — D. Affonso, conde de Bolonha, por sua esposa a Condessa Mathilde, o qual reinou com o nome de Affonso 3.º *Que Affonso o Bravo se chamou.* Aqui padeceu o poeta huma equivocação. Não foi este o monarcha appellidado o *Bravo*, mas sim D. Affonso o 4.º

Est. XCV. A *nação forte.* — Entenda-se os mouros.

Est. XCVI. *Liberalidade Alexandrina.* — A de Alexandre, o grande heroe, rei de Macedonia.

Est. XCVII. *Officio de Minerva.* — O estudo das sciencias e das letras, a que presedia a deosa Minerva, filha de Jupiter. *Helicona.* O Hélicon, monte da Grecia, consagrado ás Musas. *Athenas*, a mais culta de todas as cidades da Grecia, e do mundo antigo. *Baccaro.* Herva de folhas asperas, que se misturava nas grinaldas. Allude-se aqui ás insignias doutoraes.

Est. XCVIII. *Atropos.* — Huma das tres Parcas, e a que cortava o fio de que depende a vida humana.

Est. XCIX. *Hesperico terreno.* — O da Hesperia ultima, isto he, da Hespanha.

Est. C. *Semiramis.* — Rainha da Assyria, poderosa e denodada guerreira.

Campos Hydaspicos. — O Hydaspis he hum rio da India. *Attila.* Rei dos Hunnos, que invadio a Italia, intitulando-se *Flagello de Deos.*

Gothica gente. — Os Godos foram povos septemtrionaes, que occuparam muitas provincias do imperio Romano depois do 5.º seculo da nossa era. *Tartessios.* Campos de Tarifa na Andaluzia.

Est. CII. *Eburneos.* — De marfim, isto he, alvos e lisos como o marfim.

Est. CV. *Mulucha.* — Rio no reino de Fez. *Assella* etc. Promette com segurança; he indicio de verdadeiro amor. *Quem soccorres.* Por enallage, em lugar de: quem soccorras.

Est. CXI. *Qual o membrudo* etc. — O gigante Philisteu Goliath, vencido pelo mancebo David, depois 2.º rei dos Hebreus. *Saul.* Primeiro rei do mesmo povo.

Est. CXIII. *Mafamede.* Mafoma.

Est. CXV. *Jâ se ia o Sol* etc. — Periphrase, que significa ter a batalha acabado perto do fim do dia. *Vespero.* O Vesper, aqui denota a estrella da tarde. Este lugar he algum tanto difficil; mas o sentido não pode ser senão o que fica indicado n'esta nota.

Est. CXVI. *Mario.* — Capitão Romano, que venceu os Cimbros e os Teutões, de que fez horrivel carnificina, e que depois em guerra civil, emulo de Sylla, se houve com espantosa crueldade. *Peno.* O mesmo que Carthaginez. Entende-se Hannibal, vencedor dos Romanos em muitas batalhas. O poeta allude á de Cannas. *De nascimento.* Quer dizer que herdara de seu pai, o famoso Amilcar, o odio que tinha ao nome Romano.

Est. CXVII. *Cocyto.* — Rio do inferno, segundo a fabula. *A sancta cidade.* Jerusalem, capital da Judêa. *Tito.* O imperador que tomou e arrazou completamente a cidade de Jerusalem. *Vates.* Aqui significa prophetas, e se allude, principalmente a huma famosa prophecia de Daniel.

Est. CXVIII. *Misera e mesquinha.* — D. Ignez de Castro, 2.ª esposa do infante D. Pedro, depois rei.

Est. CXX. *Fruito... enxuito.* — Por fructo, enxuto. *Fruito,* ainda seria toleravel em verso; *enxuito,* não.

Est. CXXII. *Thalamos.* — Toma-se aqui figuradamente, por nupcias, enlace matrimonial. *Respeita.* Attende, considera.

Est. CXXIV. *Horrificos.* — Atrozmente crueis.

Est CXXVI. *Mãi de Nino.* — Allude o poeta a Semiramis, de quem alguns auctores disseram fôra criada por pombas bravas. *E co'os irmãos* etc. Romulo e Remo, amamentados por uma loba, segundo a tradição dos antigos Romanos.

Est. CXXVIII. *Na Scythia* etc. — Nomêa duas regiões de desabrido clima, a *Scythia* frigidissima, a *Libya,* ou Africa, ardentissima.

Est. CXXIX. *Mouro.* — Forma obsoleta do verbo morrer. Hoje só se póde dizer morro.

Est. CXXXI. *Polyxena.* — Formosa princeza, filha do rei Priamo, a qual foi sacrificada sobre o tumulo de Achilles, por Pyrrho, filho d'aquelle heroe Grego. *Mãi velha.* Hecuba, esposa de Priamo.

Est. CXXXIII. *Thyestes.* —Rei de Mycenas a quem seu irmão Atreu, em vingança de huma affronta recebida, deu a comer os filhos; accrescentando a fabula que o sol, horrorisado, se lhe escondera.

Est. CXXXIV. *Lascivas.* — Aqui significa, travessas; mas não deve hoje usar-se de tal adjectivo no sentido em que o emprega Camões n'este lugar. *Donzella.* Moça nobre, ordinariamente a que servia alguma princeza ou grande senhora. Tambem hoje não convirá imitar o nosso poeta neste emprego da palavra *Donzella.*

Est. CXXXVI. *A tomou* etc. — Refira-se este verbo a *vingança*, palavra com que se remata o primeiro verso, e não a *governança* com que finda o terceiro. *De outro Pedro* etc. D. Pedro 1.º de Castella, que teve o cognomento de Cru, como tambem o nosso D. Pedro 1.º; ambos monarchas justiceiros, e nimiamente severos. *O concerto* etc. Os triumviros Lepido, Antonio e Augusto, que para se reconciliarem entre si, exigiram a mutua entrega de seus mais encarniçados inimigos.

Est. CXXXVII. *Alcides.* — Hercules. Chama-lhe o poeta *vagabundo*; porque perlustrou muitas terras, vencendo, em seus doze trabalhos, os monstros, e os tyrannos que as assolavam. O mesmo, em parte se pode dizer de Theseo, heroe Atheniense.

NOTAS AOS EXCERPTOS DO CANTO IV

Est. II. *Joanne.* — O mesmo que João. O mestre de Aviz, depois acclamado rei.

Est. IV. *Do adultero conde.* — O conde de Ourem D. João Fernandes, por alcunha o Andeiro.

Est. V. *Astyanax.* — Menino, filho de Heitor, que depois de morto seu pai, e tomada Troia, foi cruelmente arrojado do alto da cidadella de Pergamo. Allude aqui o poeta ao bispo de Lisboa, D. Martinho, que na occasião dos tumultos de Lisboa contra os partidarios de Castella, foi precipitado do alto da torre da sé da mesma cidade. *Sem lhe valerem ordens.* A ordem sacerdotal, e a dignidade de bispo.

Est. VI. *As cruezas mortaes* etc. —As atrocidades commettidas durante as luctas civis entre Mario e Sylla, celebres caudilhos Romanos. *Leonor*, Rainha viuva de D. Fernando, e governadora do reino.

Est. VIII. *Vem de toda a provincia que de hum Brigo* etc. — Provavelmente por esta provincia entende-se a Castella Velha, que se chamou *Castella Brigia*, *de Brigo*, que n'ella reinou, em tempos antiquissimos, segundo antigas tradições, de cuja verdade o mesmo poeta duvidou dizendo: «*Se foi.*»

Fernando. — D. Fernando o Magno rei de Leão. *Rodrigo.* Rodrigo de Bivar, depois chamado Cid Ruy Dias, afamado capitão, que conquistou muitas terras aos Mouros.

Est. IX. *Os Vandalos.* —Povos barbaros do norte, que se estabeleceram na Betica. Aqui Camões entende fallar dos habitantes da Andaluzia. *Da cabeça etc.* Sevilha. *A nobre ilha* etc. Cadix, antigamente habitada pelos Tyrios, povo natural da Phenicia, cuja capital era Tyro.

Est. XII. *Samsão.*— Hum dos juizes de Israel, homem robustissimo, e cujas forças cresciam á proporção da guedelha, isto he, dos cabellos da cabeça, cortados os quaes pela traidora Dalila, foi facil preza dos Philisteos.

Est. XIII. *Quem desconcerte* etc. —Quem discorde da opinião aliás geral. *Como Pedro.* O apostolo que por cobardia negou tres vezes a Christo.

Est. XV. *Refuse.* — O mesmo que recuse, he gallicismo, porém auctorisado na nossa lingua.

Est. XVI. *D'aquelles que debaixo da bandeira* etc. — Allude-se a huma justa ou torneio entre Portuguezes e Castelhanos, nos primeiros annos do governo de D. Affonso Henriques.

Est. XVII. *Dinis e seu filho* etc. — El-rei D. Dinis e D. Affonso IV.

Est. XIX. *Mesta.* — Triste, por ver que alguns nobres seguiam a parcialidade de Castella.

Est. XX. *Bem como entre os mancebos* etc. — Reunidos em *Canusio*, alguns romanos escapados da derrota de Cannas, Publio Cornelio Scipião, mostrando-se sobranceiro a tamanho revez, a todos exhortou á mais porfiada resistencia, e annos depois venceu a Hannibal na batalha de Zama.

Est. XXI. *Arremessões.* — Quaesquer armas de arremesso como dardos etc.

Est. XXII. *Peitos provam.* — Peitos d'aço, armadura que cobre o peito.

Letras e tenções. — Motes e emprezas. Os motes são palavras, e as emprezas figuras, nos escudos dos cavalleiros.

Est. XXIII. *Armigeros.* — Guerreiros. Entende-se a vanguarda do exercito. *Quem para reger a era.* Quem seria capaz de reger etc. *Xerxes.* Rei da Persia, Xerxes que invadiu a Grecia com o mais poderoso exercito de que ha memoria, atravessando com elle o Hellesponto.

Est. XXIV. *O fero Hunno.* — Attila.

Est. XXV. *Que depois foi de Abranches nobre conde.* — Aqui se equivocou o poeta : o que teve o titulo de conde de Abranches foi outro Vasques de Almada, e não o commandante da ala esquerda do exercito portuguez em Aljubarrota.

Est. XXVIII. *O monte Artábro.* — O promontorio, ou cabo de Finisterre. *A terra Transtagana.* O Alemtejo. *Terribil.* Em vez de *Terrivel.* Os adjectivos terminados hoje em *ivel*, acabavam antes em *ibil*, mais á latina, e ainda presentemente os superlativos correspondentes, seguem aquella analogia, dizendo-se *terribilissimo*, e não *terrivelissimo.* Esta observação já deveria ter sido feita ha mais tempo n'estas notas: omittiu-se por esquecimento.

Est. XXIX. A construcção dos ultimos quatro versos d'esta oitava he alguma tanto forçada, e confusa: e o adjectivo *rara* tem difficil explicação. O sentido parece ser o seguinte: O ardente e furioso desejo de offender e vencer o inimigo, faz que n'aquelles conflictos não se pense no grande perigo que se corre de ser mutilado ou perder a cara vida.

Est. XXXI. *Farpões.*— Dardo com barbas de ferro, ou farpado. *Apouca.* Reduz a menor numero, matando muitos.

Est. XXXII. *Arrenegados.* — Rebeldes contra a patria. *Julio e Magno* Julio Cesar e Pompeu, cognominado o Grande ou Magno. Este ultimo vocabulo pronunciava-se no tempo de Camões, como se se escrevesse *Manho.*

Est. XXXIII. *Sertorio.* — Já se fallou d'este caudilho. *Coriolano.* Caio Marcio, cognominado *Coriolano*, por haver tomado aos Volscos a cidade de Coriolos. Este general Romano, tomou depois armas contra Roma, causando-lhe immensos estragos. *Catilina* Cidadão romano, de costumes estragados, que tendo tramado a ruina de Roma, descoberta por Cicero a

conspiração, veio a morrer pelejando contra a patria: *Sumano.* Plutão. e o seu reino o inferno.

Est. XXXIV. *Ceita.* — Ceuta, cidade da Barbaria. *Teluão.* Outra cidade da mesma região.

Est. XXXVI. *A affronta.* — Aqui denota accommettimento perigoso. *Massylia.* Paiz de Africa, que corresponde em parte á Numidia, hoje o Darhá.

Est. XXXVII. *Sette-Irmãos.* — Montes da Mauritania.

Est. XXXIX. *Malhas.* — Das lorigas ou couraças.

Est. XL. *Estygio lago.* — Hum dos rios do inferno.

Est. XLI. *Profundo.* — Isto he ao inferno. *Trifauce cão.* O Cerbero.

Est. XLIII. *Nojo.* — Enojo, sentimento.

Est. XLIV. *Sitibundo.* — Sequioso, isto he, desejoso de dominação e riqueza.

XLVI. *A terra dos Vandalos fronteira.* — Andaluzia fronteira a Portugal pelo Alemtejo. As duas filhas do duque de Alencastre D. João de Gante, D. Philippa que casou com o nosso rei D. João I, e D. Catharina que casou com el-rei de Castella.

Est. XLIX. *Nadantes aves.* — Embarcações, *Argento.* Prata; aqui ondas côr de prata. *Pandas.* Concavas, bojudas. *Abyla.* Monte da Barbaria, fronteiro ao Calpe. *Da Juliana má* etc. Allude ao conde Julião, cuja traição facilitou aos mouros a invasão de Hespanha, nos tempos do Rei Rodrigo.

Est. LII. *O sancto irmão Fernando.* — O infante deste nome, cognominado o sancto, pela heroica resignação com que soffreu toda a qualidade de máus tractamentos no captiveiro em Africa, onde ficou em refens, depois da infeliz jornada de Tanger, vindo depois a morrer em Fez, com a constancia de hum verdadeiro martyr da fé e da patria.

Est. LIII. *Codro.* — Ultimo rei dos Athenienses. Em huma guerra com os Dorios sacrificou-se pela patria, expondo-se a huma morte certa, por ter declarado hum oraculo que ficaria victorioso o povo cujo chefe perecesse na batalha. *Regulo.* Consul e general Romano, que sendo prisioneiro dos Carthaginezes, antes quiz ser morto com os mais atrozes tormentos do que aconselhar aos seus huma troca de prisioneiros, por não a julgar vantajosa á republica Romana. *Curcio.* Conspicuo cidadão de Roma, que voluntariamente se precipitou a cavallo

n'hum grande sorvedouro que se abrira por si mesmo no fôro, ou praça publica; para assim, na conformidade de hum oraculo, salvar a cidade dos terriveis effeitos da ira dos deuses. *Decios.* Tres cidadãos Romanos, pai, filho e neto, que todos se sacrificaram aos deoses infernaes em favor da patria, combatendo o primeiro com os Latinos, o segundo com os Gallos e com os Samnites, e o terceiro com o rei Pyrrho.

Est. LIV. *Barbaro fronteiro.* — Os mouros de Africa, fronteiros á Hespanha. *Iberia.* O mesmo que Hespanha. *Humillima.* Note-se esta forma de superlativo. Tambem se poderá dizer humilissimo.

Est. LV. *Este pôde colher* etc. — Allude o poeta á fabula, segundo a qual Hercules, aqui designado pelo adjectivo gentilico Tirynthio (do nome de huma cidade na Grecia) colheu as maçans de ouro do vergel das Hesperides, que alguns põem no terreno que depois veio a sêr reino de Tanger. *Tangere* diz o poeta por paragoge, como em outro lugar *Alcacere.* São bem conhecidas estas cidades de Africa, como tambem Arzila, todas tres submettidas pelo rei D. Affonso V, denominado o *Africano.*

Est. LVII. *Fernando de Aragão.* — Rei daquelle reino e esposo de D. Isabel, feliz competidor do nosso D. Affonso V, que desposado com a princeza D. Joanna, lhe disputava a coroa de Castella.

Est. LVIII. *Sahiu-se emfim do trance perigoso..* — A batalha de Toro ou de Touro.

Est. LX. *Mais do que tentar pode* etc. — O que o poeta quiz dizer he o seguinte: Mais do que se podia esperar que tentasse hum simples mortal.

Est LXI. *Da roxa Aurora os terminos.* — A India.

Manda seus mensageiros etc. — Pedro da Covilhã, e Affonso de Paiva.

Onde os fados se mostraram.— Quer dizer: onde se mostrou a inconstancia da Fortuna.

Est. LXII. *Mar. Siculo.*—Mar da Sicilia, *Rhodes.* Ilha do Mediterraneo, na costa da Asia Menor. *Ribeiras altas.* etc. Entende a cidade de Alexandria no Egypto, onde foi assassinado Pompeo, cognominado *Magno. Memphis.* Cidade do Egypto. *Enchentes Niloticas.* As do rio Nilo. *Ethiopia.* Paiz que confina com o Egypto, e onde havia e ha muitos seguidores do Christianismo, porém maculado de varios erros.

Est. LXIII. *Ondas Erythreas.* — As do Mar Vermelho. *Que o povo de Israel sem não passou*, guiado por Moysés. *Serras Nabatheas.* Entende os Montes da Arabia Petrea O *filho de Ismael.* Nabath, seu primogenito. *As costas... Sabeas.* As da Arabia Feliz, que o poeta chama *Sabeas*, por terem sido habitadas pelos *Sabeos. A mãe do bello Adonis.* Myrrha, filha de Cinyras, rei de Chypre.

Est. LXIV. *Babel.* — Torre bem conhecida, começada a edificar por Nemrod, nos começos de cuja construcção se confundiram as linguas. *Tigre e Euphrates.* Rios muito caudelosos e celebres da Asia, que segundo alguns auctores, tinham a sua origem no Paraizo terreal; opinião a que allude o poeta. *Indo* hum dos grandes rios da India.

Est. LXV. *Carmania e Gedrosia.* — Regiões da India.

Est. LXVII. *O qual, como do nobre pensamento.* — A construcção grammatical nestes versos até á palavra *canquistado* está algum tanto confusa; mas o sentido entende-se facilmente, e por isso o não explicamos aqui. *No tempo que* etc. Este lugar tem sido interpretado de diversas maneiras. O mais provavel he que o poeta quiz dizer que o sonho de D. Manuel, fôra no fim da noute, perto da madrugada, e nesta supposição deve pôr-se hum accento agudo em *á luz clara* etc.

Est. LXIX. *A prima esphera.* — O ceo da Lua.

Est. LXX. *Alimarias.* — Animaes em geral.

Est. LXXI. *Hirsuta.* — Basta, cerrada. *Intonsa.* Não cortada.

Est. LXXII. *Alpheo.* — Rio, ácerca do qual fabulam que, tendo a sua origem na Arcadia, por baixo da terra vem unir as suas agoas com as da fonte Arethusa na Sicilia.

Est. LXXIII. *Cerviz.* — Pescoço. Quer dizer: nós que nunca fomos subjugados de hum modo completo e permanente.

Est. LXXIV. *Que na terra celeste* etc. — Allude á tradição de que o Ganges he hum dos quatro rios procedentes do Paraizo terreal.

Est. LXXV. Breve, mas bellissima pintura da madrugada.

Est. LXXVII. *Eu* etc. — N'esta oitava ha hum anacolutho que se deve notar. O sujeito da oração principal, *Eu*, não tem verbo que lhe corresponda: porém o sentido he facil de entender.

Est. LXXVIII. *Que he hum mando* etc. — Parece que o verbo ser, devia aqui pôr-se no plural.

Est. LXXX. *Imaginai* etc. Mencionam-se aqui alguns dos

trabalhos, de Hercules, que lhe foram impostos pelo rei Eurystheo, seu inimigo, a impulsos de Juno.

Est. LXXXIII. *Os Minyas.* Os Argonautas. *Na fatidica Naú.* A nau Argos, depois collocada no ceo, onde forma huma constellação, *O mar Euxino.* O ponto Euxino, ou o Mar Negro.

Est. LXXXIV. *Salgado Neptuno.* — A agoa salgada do mar.

Est. LXXXVI. *Nautas.*—Navegantes, *Aspirasse.* Favorecesse, protegesse, levasse a bom fim..

Est. XC. *Refrigerio.* — Não parece n'este caso bem escolhido o vocabulo: queria dizer, descanço, consolação. *Enterramento.* —Aqui dá-se a figura catachrese, ou abusão; porque, propriamente fallando, quem perece no mar, e he nelle lançado, não se pode dizer ser enterrado.

Est. XCVIII. *Daquelle insano.* — Nosso pai Adão.

Est. XCIX. *Temeu tanto perde-la.* — Allude á tristeza de N. S. Jesu-Christo no horto das Oliveiras.

Est. C. *Do Arabio* etc.—De Mafoma, nascido na Arabia.

Est. CI. *Te lisonje.*— Do verbo *lisonjar*, lisonjear, como hoje dizemos.

Da India etc.—Allude ao pomposo ditado dos reis de Portugal; mas que he posterior ao descobrimento da India.

Est CIII. *O filho de Japeto.*— Prometheo, que segundo a fabula, roubou do ceo o fogo, e com elle animou a estatua que formara de barro, de que resultaram discordias e guerras.

Est. CIV. O *moço miserando.* — Phaetonte, cuja fabula já se indicou nestas notas. *O grande architector* (em lugar de architecto). Dedalo, que não pôde estorvar que seu filho Icaro ousasse fender os ares com azas presas com cera aos hombros, e o viu cahir e perecer no mar *Egeo*, que tambem se ficou chamando *Icario.*

NOTAS AOS EXCERPTOS DO CANTO V

Est. I. *Abrimos as azas.* — Soltámos as velas.

Est. II. *O eterno lume.* — O sol. *No animal Nemeo.* O leão do bosque Nemeo, vencido e morto por Hercules. Entenda-se que o sol entrava no signo de *Leo.* Quiz Camões indicar o dia 8 de Julho em que saiu de Lisboa a frota descubridora ; assim como nos ultimos tres versos deixou apontado o anno de tão me-

moravel acontecimento, isto he, o de 1497 da nossa era. *A sexta idade* de que se falla nesta estancia, parece ser a que começou a decorrer desde a redempção da humanidade. Dizendo que o mundo nesta sexta idade andava *enfermo e lento*, talvez o poeta alludisse aos achaques da velhice; mas he forçoso confessar ser este hum dos logares em que o pensamento do auctor está envolvido em alguma obscuridade.

Est. IV. *Que geração alguma não abriu.* — Primeiro que os Portuguezes. *O generoso Henrique.* O infante D. Henrique, filho d'ElRei D. João I. *Anteo.* Rei conhecido pela fabula.

Est. V. *Passamos* etc. — A ilha da Madeira foi descoberta em 1420 por João Gonçalves da Camara, e Tristão Vaz. *Mais celebre por nome que por fama.* Talvez o poeta tenha querido, dizer que a ilha da Madeira era ainda melhor, mais deliciosa, em realidade, do que a fama a apregoava. Tambem este logar encerra alguma difficuldade. *De Cypro* etc. Nomes de ilhas, onde Venus tinha culto especial.

Est. VI. *Nunca gosta.* — Note-se a cacophonia deste remate do verso; e evitem-se taes descuidos, aliás desculpaveis em huma obra tão longa, e onde brilham bellezas da primeira ordem, *Onde as aves* etc. Os avestruzes. *Que aparta* etc. O antecedente do relativo *que* he *A terra* etc. que fica tres versos mais acima, o que he pouco regular.

Est. VII. *Passámos o limite* etc. — O tropico de Cancer. *Os povos, a quem nega* etc. Os Ethiopes, negros. O filho de Clymene he Phaetonte, cuja fabula já se declarou.

Est. VIII. *As Canarias Ilhas.* — Dizendo que as *Ilhas Canarias* são as que foram chamadas *Fortunadas*, segue o poeta a opinião vulgar. João de Barros, a quem seguem muitos geographos, pretende que ás *Fortunadas* correspondem as ilhas de *Cabo Verde*, que o nosso poeta confunde aqui com as *Hesperides.*

Est. X. *Por cuja arte, Logrâmos o metal* etc. — Donde tiramos muito oiro.

Est. XI. *As Dorcadas.* — Corrupção de *Gorgadas* ou *Gorgonas.* Eram, segundo a fabula, tres irmás filhas de Phorco, rei de Corsega, huma das quaes, por nome Medusa, tendo sido amada por Neptuno, foi objecto da vingança de Pallas, que lhe converteu os cabellos em cobras.

Est. XII. *A ilha illustre* etc. — A ilha de S. Thomé.

Est. XVIII. *O lume vivo* etc. — Meteoro vulgarmente chamado San Telmo. *Ver as nuvens do mar etc.* Descreve-se nestes versos e nas quatro estancias seguintes o phenomeno das trombas maritimas.

Est. XXVI. *A universal pintura.* — A carta de marear.

Est. XXVII *Do Semicapro peixe a grande meta.* — O tropico de Capricornio.

Est. XXVIII. *Polyphemo.* — Chefe dos Cyclopes, monstro que devorou alguns companheiros de Ulysses, pelo qual foi depois privado da vista do só olho que tinha. *De Colchos... o metal.* O ouro.

Est. XXXIII. *Resposta tão tecida.* — Que significa resposta tecida? Talvez deva preferir-se a variante *crescida.*

Est. XXXVI. *Reino escuro.*— O inferno, ou antes a sepultura, a morte.

Est. XXXVII. *Descuidados.* — Isto he, sem a minima suspeita do que estava para acontecer.

Est. XL. *De Rhodes estranhissimo colosso.* — Estatua de enorme grandeza consagrada ao sol.

Est. XLIII. *E da primeira armada* etc. — A de Pedro Alvares Cabral.

Est. XLIV. *De quem me descobriu.* — Foi Bartholomeu Dias.

Est. XLV. *E do primeiro illustre* etc. — Prediz a morte de D. Francisco de Almeida.

Est. L. *Aquelle occulto* etc. — O cabo das Tormentas, nome que por D. João II foi mudado no de Boa Esperança.

Ptolemeu, Pomponio e Estrabo. — Famosos geographos, o primeiro e o ultimo Gregos, o segundo Romano, Pomponio Mela.

Est. LI. *Encelado* etc. — Nome de tres dos gigantes que fizeram a guerra a Jupiter, para o derribarem do throno.

Est. LIX. *Thetis.* — Aqui toma-se pelo mar, cuja rainha era Thetis.

NOTAS AOS EXCERPTOS DO CANTO VI

Est. I. *Donde Hercules* etc. — O rei de Melinde lamenta que o seu reino não fosse na parte de Africa visinha a Gibraltar,

Est. II. *A segundo.* — Segundo, conforme. *A Lageia.* Cleopatra, rainha do Egypto, assim chamada por ser da familia dos Lagides.

Est. III. *Asinha.* — Depressa, sem demora: vocabulo antiquado, de que hoje não se deve usar. *Pagão.* Com menos propriedade, e com liberdade poetica, se chama aqui *pagão* ao rei de Melinde, o qual não era gentio, senão mahometano.

Thyoneo. — Baccho foi chamado assim, por ser neto de Thyone, mãi de Semele.

Est. X. *A vista pace.*— Pace em vez de *pasce*, apascenta; isto he, demora a vista e a recrea. *Do velho Chaos.* — Segundo a fabula, a primeira confusa materia das cousas, anterior á separação dos quatro chamados elementos.

Est. XIII. *Typheo.* — Nome de hum dos gigantes rebeldes. *Etna.* Monte e vulcão na Sicilia.

Est. XIV. *Entre no reino d'agua* etc. — Esta antithese não parece digna da magestade epica.

Est. XVI. *Salacia.* — Nome de huma Nereida.

Est. XVIII. *Phebe.* — (E não Phebo, como trazem algumas edições) Phebe he o mesmo que *Lua.* Ora vulgarmente se crê que os mariscos estão directamente sujeitos á influencia d'aquelle planeta.

Est. XIX. *Dardania.* — Troia. *Insania.* Furor.

Est. XX. *Já sabia.* — Porque era dotado de espirito prophetico.

Est. XXI. *A linda esposa* etc. — Thetis.

Est. XXII. *Amphitrite.* — Filha de Nereo, que consentiu em ser segunda esposa de Neptuno, persuadida por hum golfinho, o qual em recompensa disso foi collocado no ceo. *Não quiz que fallecesse.* Não quiz faltar. Semelhantes locuções, desculpaveis na poesia, nunca se devem imitar na prosa.

Est. XXIII. *Aquella que* etc. — He Ino, mulher de Athamante e mai de Melicerta, a qual se lançou ao mar com o filho, e ambos foram convertidos em deoses maritimos. *Panopea.* Nome de huma Nereida.

Est. XXIV. *E o deos* etc. — He Glauco. *Circe.* Nympha que, amando Glauco, por zelos inficcionou huma fonte, onde Scylla sua rival, vindo lavar-se, ficou transformada em cabeças de cão na parte inferior do corpo.

Est. XXV. *A rica massa.* — O ambar. *Em cheiro passa.* Excede em excellencia os aromas produzidos na Arabia.

Est. XXX. *Que de um vassallo meu* etc. — Allude a Luso.

Est. XXXI. *Minyas.* — Os Argonautas, como já se disse.

Est. XXXII. *Nem da magoa* etc. — Nem por amor (por causa) da magoa etc.

Est. XXXIII. O *grão Senhor*. — O deos supremo, Jupiter.

Est. XXXVII. *Hippotades*. — Eolo, neto de Hippotes. *Se obumbrava*. Se toldava, se nublava.

Est. XLIV. *Que honras e famas* etc. — Que a fama ou opinião do seu procedimento não era tão pura que ellas merecessem o nobre titulo de damas.

Est. XLV. *A parte sua*. — A sua causa (dellas).

Est. XLVI. *Com lagrymas* etc. — As palavras *e bastantes etc.* até *de todo o ceo*, inclusivamente, devem ler-se como se estivessem entre parenthesis. *Por rostos*. Consonancia aspera, que não he para imitar.

Est. XLVII. *Não menos nesta terra experimentara* etc. — Este lugar, algum tanto enleiado, acha-se explicado em huma excellente nota da edição Rollandiana, que os srs. professores deverão consultar. Aqui mal se poderia entrar nos desinvolvimentos necessarios para a sua cabal intelligencia. Bastará dizer que se allude ao casamento d'ElRei D. João 1.º com D. Philippa de Alencastre.

Est. XLIX. *Terras Iberinas*. — De Hespanha.

Est. LII. — *Lá na leal cidade* etc. — A antiga Portucale, hoje o Porto. *Prazo instituido*. Lugar e tempo ajustados, concertados.

Est. LV. *Ultima linha*. — A morte.

Est. LVI. *Emporio... de Frandres*. — Flandres, provincia dos Paizes Baixos, então florentissima pelo seu commercio e navegação. *Companha*. — Companhia, isto he, os onze companheiros.

Est. LVII. *Vias*. — A rima obrigou o poeta a usar do plural em vez do singular.

Est. LVIII. *Segurado*. — Entende-se o campo, pondo guardas, para precaver qualquer deslealdade etc. *Grevas* armadura que cobria as pernas.

Est. LX. *Bactro*. — Rio da Bactriana, região da Asia.

Est. LXIII. *Do animal de Helle*. — Veste hum vestido de brocado de ouro, ou bordado de ouro. Toda a descripção deste torneio he de huma maravilhosa belleza.

Est. LXV. *Gastadores* etc. — A ordem está hum pouco embaraçada; quiz o poeta dizer: He proprio daquelles escriptores

ou narradores, que conhecemos, os quaes gastam mal o tempo referindo fabulas por elles sonhadas.

Est. LXX. *Traquetes*, — Velas pequenas.

Est. LXXII. *Alija*. — Lança ao mar.

Est. LXXIII. *Talhas*. — Cordas com que se ata a canna do leme quando o mar está tempestuoso.

Est. LXXVII. *As Halcyoneas aves*. — Os maçaricos, que quando cantam, annunciam tempestade, segundo se diz. Conta a fabula que Halcyone, filha de Eolo, sabendo que Ceix seu marido, naufragara, chorosa, se lançara ao mar, e fôra convertida na ave do seu nome. *Namorados*. Affeiçoados aos homens.

Est. LXXXVIII. *O grão ferreiro* etc. — Vulcano, que forjou as armas para Eneas, filho de Venus.

Est. XC. *Ora com nova furia*. — A construcção não está desimpedida: entenda-se: Vendo o mar já aberto até ao inferno, já levantado até ao ceo, com nova furia.

Est. LCI. *A todo Israel* etc.— Allude á passagem do Mar Vermelho a pé enxuto. *Paulo*. Allude-se ao naufragio de S. Paulo perto de Malta. *Syrtes*. Bancos de arêa. *O segundo etc.* Noé, e seus filhos e noras, salvos do diluvio.

Est. LCII. *Novos medos perigosos*. — Em lugar de medo de novos perigos, de perigos ainda de ninguem experimentados. *Outros Acroceraunios etc.* — Montes do Epiro: *infamados* lhes chamam os poetas, pelos muitos naufragios junto d'elles acontecidos.

Est. CII. *Celsa* — Excelsa, elevada.

Est. CIII. *O Gama mais*. —Dá-se aqui huma cacophonia, que por inadvertencia escapou ao aliás esmerado auctor. *Giolho* por joelho he termo obsoleto.

Est. CIV. *Animaes de Moscovia Zebelinos*. — Martas de cujas pelles finissimas, e de grande preço, se faz uso nas terras do norte, e em outros paizes.

Est CVI. *Appetitos*. — Hoje diz-se appetites.

Est. CVIII. *Inteiro*. — Firme, não abalado.

Est. CIX. *Affeitos*. — Affectos.

NOTAS AOS EXCERPTOS DO CANTO VII

Est. IV. *Do successor de Pedro rebellado.* — Allude o poeta á pertendida reforma introduzida na Allemanha por Luthero, *Othomano*, o Turco. *Mas por sahir do jugo soberano.* Refere-se ás guerras e rebelliões que houve por muito tempo nos paizes do norte por causa das novas heresias.

Est. V. *Entre as boreaes neves se recrea.* — Quereria Camões accusar os Inglezes de frios ou tibios nas cousas tocantes á religião, como conjectura Manuel de Faria e Sousa? Mas nos versos seguintes, se lhes assaca crime differente, e mais grave, o de perseguirem o catholicismo.

Est. VI. *Gallo.* — O Francez, como he sabido.

Est. VII. *Achas que tens direito em senhorios* etc. — Allude-se ás guerras dos Francezes na Italia para a conquista do ducado de Milão etc.

Cinypho e Nilo. — Rios da Africa.

Da Igreja o canto. — A pedra angular da Igreja, a unidade religiosa, o primado do Papa; ou então a harmonia das doutrinas, culto e disciplina catholicas. *De Carlos, de Luiz* etc. Carlos Magno, e S. Luiz.

Est. VIII. *Divicias.* — Riquezas. *Inimicicias.* Inimizades, dissensões.

Est. IX. *Cadmo.* — Rei da Phenicia, que matou hum dragão, de cujos dentes, por elle semeados, nasceram logo homens armados, que a si proprios se devoraram.

Est. X. *Alecto.* — Huma das Furias, cujo officio era semear dissenções.

Est. XI. *Pactolo e Hermo.* — Rios da Lydia. Esta e a Assyrya são regiões da Asia, bem conhecidas.

Casa Santa. — Os sanctos lugares da Palestina.

Est. XII. *Bysancio.* — Grande cidade da Thracia, depois chamada Constantinopla, e pelos Turcos Stamboul.

Est. XIII. *Armenios, Georgianos.* — Povos Asiaticos.

Est. XXVI. *Oppressões.* — Os trabalhos e perigos passados pelos Portuguezes, e por elles contados a Monçaide.

Est. XXIX. *Em cabo ledo.* — Faria e Sousa explica: alegre em extremo, ou summamente alegre. *Rhodope.* Monte da Thracia. *Euridice*, esposa de Orpheo; apezar de o poeta lhe chamar donzella, como vimos que tambem chamou donzella a D.

Ignez de Castro. Em redor de Orpheo refere a fabula que se ajuntavam as arvores, attrahidas pela doçura do seu canto.

Est. XXXII. *Do culto antigo* etc. — Entende o poeta fallar da idolatria em geral, a que chama *culto antigo*; mas que certamente não foi o mais antigo, porquanto a religião primitiva foi o monotheismo, ou a religião que reconhece hum só Deos.

Est. XXXIV. *Religioso.* — Asceta na religião mahometana, Fakir.

Est. XXXV. *Cochim* etc. — Veja-se em Carta Geographica, ou em Diccionario Geographico, a situação das cidades e terras mencionadas nesta oitava, e as muitas outras principalmente Asiaticas, indicadas no canto x.

Est. XXXVI. *Acabe e ande.* — Desprimor, procedido da necessidade da rima.

Est. XXXIX. *Samaria.* — Provincia da Palestina, cujos habitadores eram scismaticos, e como taes abominados pelos Judeos orthodoxos.

Est. XLI. *D'hum que primeiro* etc. — Pythagoras, fundador da eschola Italica, que regeitando o titulo de *sabio*, se intitulou *philosopho*, isto he, amante da sabedoria.

Est. XLIV. *Portatil leito.* Palanquim, cadeirinha.

Est. XLIV. *Hũa rica cama.* — Os antigos pronunciavam ás vezes a palavra *huma* como se tivesse huma só syllaba; e assim a devemos aqui ler; aliás o verso ficaria errado, e com huma syllaba de mais. Em *rica cama* dá-se hum cacophaton que escapou ao poeta por inadvertencia. Tambem elle foi pouco feliz nos ultimos dois versos d'esta estancia.

Est. XLV. *Na torre de Babel* etc. — Allude á confusão e diversidade das linguas.

Est. LI. *Dedalea faculdade.* — A pericia na esculptura, em que Dédalo foi insigne.

Est. LII. *Hydaspe.* — Rio da India. *Hum capitão* etc. Baccho, filho de Jupiter e de Semele. *De fronte lisa.* Ainda moço.

Est. LIII. *Huma tão bella* etc. — Semiramis, rainha da Assyria.

Est. LIV. *D'hum capitão mancebo* etc. — Alexandre, filho de Philippe, mas que pretendia ser filho de Jupiter.

Est. LVIII. *Da herva ardente.* — O bétel, que os habitantes da India ruminam ou remoem.

Est. LIX. *Aquista.* — Adquire, conquista, ganha.

Est. LX. *Hum grande rei* etc. — Periphrase para dizer que hum soberano do occidente queria travar amigaveis relações com aquelle soberano oriental.

Est. LXI. *Zelanda.* — Região insular da Oceania. *D'onde o sol não muda o estilo.* Designa-se aqui a linha equinoxial, onde o sol iguala a noite com o dia.

Est. LXII. *Lianças.*— Laços, vinculos. *Abastanças.*—Riquezas.

Est. LXIII. *De qualidade* etc. — De tal modo que etc.

Est. LXV. *Talho.* — Córte, isto he, resolução, decisão.

Est. LXVII. *Os igneos carros* etc. — O carro de fogo: o plural pelo singular. *Mancebo Delio*, he Apollo, ou o Sol.

Est. LXIX. *Que gerado* etc. — Jesu Christo, filho de huma virgem, Maria Sanctissima. *Bafo.* Espirito, aqui denota o *Verbo*, o filho do Eterno Padre. *He vulgado.* He geralmente sabido.

Est LXXI. *Annibaes* etc — De Annibal já se fallou. *Marcello*, capitão Romano, que venceu junto a Nola o caudilho Carthaginez.

Est. LXXII. *De veres.* — Deveria ter dito: «de ver» mas não lh'o permittiu a rima.

Est. LXXIV. *Do rico fio* etc. — De seda.

Est. LXXV. *É que aquelle deleite* etc. — Isto he, que coma e beba. A seita de Epicuro era muito dada aos prazeres da meza. *O licor que Noé* etc. Na sagrada escriptura se lê que o patriarcha Noé fôra o primeiro que plantara a vinha, e provara o licor extrahido das uvas.

Est. LXXIX. *Canace.*— Filha de Eolo, a qual escreveu a seu irmão Macareu tendo na mão esquerda huma espada, e logo depois, finda a carta, a si mesma se deu a morte.

Est. LXXX. *O Rei Judaico* etc. — Foi Ezechias, a quem, estando proximo á morte, por mercê divina se concederam mais 14 annos de vida.

Est. LXXXIV *Que fama désse.* Haja de dar.

Est. LXXXIV. *Camenas.*— Musas. *Proteio* — Proteo, de quem já se fallou, o qual em certas occasiões assumia varias e estranhas figuras.

NOTAS AOS EXCERPTOS DO CANTO VIII

Est. III. *Ninho.* — Terra, região. *Dito Elysio.* Pela sua amenidade. Campos Elysios eram, na opinião dos antigos polytheistas, a estancia das almas bemaventuradas.

Est. IV. *Thyrso.* — Lança revestida de ramos de videira e de hera: *Arado.* Sulcado, cortado.

Est. V. *A santa casa.* — O templo a Pallas ou Minerva.

Est. VI. *Pyrrho.* — Rei do Epiro, que veio á Italia guerrear os Romanos, os quaes se houveram para com elle com toda a lealdade; pois, sob o commando de Fabricio, recusaram aceitar a proposta do medico Nicias, traidor que se offerecia a matar com veneno o seu soberano.

Est. VIII. *D'essas aves.* — As aguias, insignias militares dos Romanos.

Est. IX. *Lotharingia.* Lorena. — Já fica indicada nestas notas a verdadeira ascendencia dos reis de Portugal. *Á casa santa.* A Jerusalem.

Est. XI. *Estygio lago.* — Por elle juravam os deoses; e aqui a fama he muito poeticamente personificada.

Est. XII. *Imigos.* — Por inimigos. Usa Camões muitas vezes d'este vocabulo, assim abbreviado por syncope.

Est. XIV. *Que já estava soberano* etc. — Isto he, a que não era possivel continuar a resistir.

Est. XV. *O consul* etc. — Spurio Posthumio, que se entregou aos Samnites, por que os Romanos não quizeram ratificar o ajuste por elle feito quando se sujeitou a passar com o exercito debaixo do jugo, n'hum lugar chamado Caudo. *Filhos naturaes.* Aqui são significados os filhos proprios e legitimos.

Est. XVIII. *Henrique.* Valoroso e pio guerreiro allemão, natural de Bonna, hum dos muitos cruzados do norte que morreram ajudando os portuguezes na tomada de Lisboa.

Est. XIX. *Da figura* etc. — Entende fallar de Mem Moniz.

Est. XX. *Vandalia*, Andaluzia. *Hispalica.* De Sevilha.

Que o sepulchro etc. — O poeta parece querer com estas palavras dizer que Mem Moniz era digno filho de seu grande pai, Egas Moniz; mas o pensamento não he exprimido com claresa.

Est. XXII. *Dos de Lara.* — Dos condes ou senhores de Lara.

Est. XXIV. *Rotos. Desbaratados. D. Mattheus.* — O bispo de Lisboa ao tempo desta façanha era D. Soeiro, e não D. Matheus

como o poeta aqui diz inadvertidamente; e tambem D. Soeiro era o bispo de Evora, que teve parte na mesma conquista.

Est. XXV. *Á escala vista.* — De assalto, arrimadas as escadas ás muralhas. *Em vingança dos sete caçadores:* subentende-se: que haviam sido mortos aleivosamente pelos mouros durante humas tregoas.

Est. XXVI. *Os tres.* — Gonçalo Ribeiro, Fernão Martins de Santarem, e Vasco Annes.

Est. XXVII. *Jogos de Bellona.* — Luctas, desafios. Bellona, era a deosa da guerra. *Lei Lethea.* A lei da morte, ou a do esquecimento: quiz o poeta dizer que o nome de Ribeiro nunca seria esquecido.

Est XXIX. *Na gente* etc. — Allude á victoria de Valverde, ganhada pelo grande condestavel.

Est. XXXI. *Pompilio.* — O segundo rei de Roma, Numa.

Est. XXXII. *Mais de D. Nuno* etc — O nome de Nuno Alvares he mais glorioso que o de Scipião. *Este globo* etc. Terraqueo.

Est. XXXVII. *De Joanne.* — Filhos de D. João I. De D. Pedro diz o poeta haver-se immortalisado na Allemanha; do segundo haver-se distinguido na tomada de Ceuta, e ter sido o promotor dos descobrimentos maritimos; elogios na verdade bem merecidos.

Est. XXXVIII. *Ves o Conde D. Pedro* etc. — O primeiro de que o poeta faz aqui menção, he D. Pedro de Menezes, tronco da casa dos marquezes de Villa Real, heroe defensor de Ceuta; o segundo he D. Duarte, conde de Vianna, que á custa da propria vida salvou a de seu rei, D. Affonso v. em Africa.

Est LIV. *Estê.* — Em lugar de *esteja*, archaismo ou apocope de que não se usará hoje, nem em prosa nem em verso.

Est. LV. *Em grosso.* — Sem exame, inconsideradamente. *Em só Deos prompta.* Só com os olhos em Deos.

Est. LVIII. *O Rei* etc. — Aqui se nota hum anacolutho semelhante a outro que se acha na estancia 77 do canto IV. O sujeito da oração não tem verbo que direitamente lhe corresponda. Taes irregularidades desculpam-se nos grandes mestres; mas nunca se devem imitar.

Est. LXI. *Que he fingida.* — Aqui o *que* seria desnecessario. *Hesperia ultima.* A Hespanha.

Est. LXII. *Se lia.* — Se une, se prende: do antigo verbo *liar*, hoje obsoleto.

Est. LXIV. *Acidalia.* — Epitheto de Venus, derivado de huma fonte da Beocia, consagrada ás Graças.

Est. LXV. *Se os antigos delictos* etc. — Esta estancia he algum tanto confusa e obscura. Todo o resto do discurso do Gama he hum modelo de eloquencia poetica. Faria e Sousa interpreta a oitava do modo seguinte: «Se a mentira (significada pelo vaso de nequicia ou maldade) não se houvera bebido desde o principio do mundo entre os filhos de Adão, e com isso não tivesse ganhado tantas forças em Mafoma, não darias tu, ó rei poderoso, tanto credito á falsidade de teus adivinhos.»

Est. LXVII. *Undivago.* — Errante sobre as ondas. *Os Antarcticos frios.* Os do sul. *Os ardores... do Carneiro.* Os calores que padecem os Ethiopes, que estão debaixo do signo de Aries.

Est. LXXI. *Do venturoso Rei.* — D. João I. *De Argos* etc. Nomes de outras tantas constellações.

Est. LXXII. *As sete flammas.* — A Ursa polar do norte.

Est. LXXIII. *A ultima columna.* — Indica-se ser alli o termo final a que se dirigiam aquella e as precedentes navegações. *Importuna.* Este epitheto he pouco expressivo, mórmente vindo depois de horrifica.

Est. LXXIV. *Gremio* etc. — Por gremio de Thetis entende-se o mar.

Est. LXXV. *Impidas.* — Hoje dizemos impeças, menos correctamente, mas para nos conformarmos com o uso geral.

Est. XCVII. *Polydoro.* — Priamo, vendo imminente a queda de Troia, mandou seu filho Polydoro, com muitos thesouros a Polymnestor, rei da Thracia, seu antigo hospede, para os pôr em salvo. Polymnestor, sabendo da tomada de Troia, guardou para si os thesouros, e matou a Polydoro. *A filha de Acrysio.* Danae, requestada por Jupiter que, disfarçado em chuva de ouro, penetrou na torre de bronze onde ella fôra encerrada por seu pai. *Tarpeia,* Filha de Tarpeio, governador do Capitolio, no tempo de Romulo; a qual entregou a fortaleza aos Sabinos, cubiçosa de haver certas manilhas de ouro, sob o peso das quaes veio a morrer afogada.

NOTAS AOS EXCERPTOS DO CANTO IX

Est. II. *No seio Erythreo.* — Na enseada do Mar Roxo. *Ptolemeo.* Entende-se o 1.º do nome.

Que depois. — O relativo *que* refere-se a *nome.*

Est. III. *Soldão.* — Era este o titulo commum a todos os reis do Egypto mahometanos.

Est. VII. *Trovões horrendos* etc. — Peças de artilheria.

Est. IX. *As orelhas* etc. — Chegando aos ouvidos.

Est. X. *A barra.* — Os paos que se mettem no cabrestante, com o qual os marinheiros tiram a amarra á força de braços. Denota-se aqui o grande esforço que elles fazem em tal manobra.

Est. XIV. *Flor de Banda.* — Droga muito estimada, a que se dá o nome de *massa. Noz.* A noz moscada.

Est. XV. *Patria verdadeira.* — O céo, morada permanente dos justos.

Est. XVI. *Meta Austrina.* — A palavra *meta* além de baliza nos circos, significa tambem termo, fim. O poeta chama ao Cabo da Boa Esperança *meta austrina*, por que fica ao sul.

Est. XVIII. *Bom genio.* — Divindade tutelar, protectora.

Est. XIX. *Pelo Deos nascido* etc. — Baccho, natural de Thebas, cidade da Beocia, para cuja fundação concorreu o aedo Amphião.

Est. XXI. *Insula.* — Ilha. *Mãi primeira.* A terra. *Para dentro das portas Herculanas.* No Mar Mediterraneo.

Est. LI. *A mãi formosa* etc. — A aurora.

Est. LIII. *A deosa á caça usada.* — Diana.

Est. LIV. — *Gramineo esmalte.* Relva. *Lympha.* Agua. Esta descripção da Ilha encantada (e especialmente a presente oitava) he toda delicias e primores.

Est. LVI. *Daphne.* — Nympha, cujos cabellos eram louros.

Est. LVII. *Alcides.* — Os alamos eram consagrados a Hercules, tambem chamado Alcides. *Louro deos.* Apollo. *Myrtos.* Murta. *Cytherea.* Synonymo de Venus, como já se advertiu. *Cybele.* Deosa da terra, que não sendo correspondida pelo mancebo Atys, o converteu em pinheiro. *Cypariso.* Cypreste.

Est. LVIII. *Pomona.* — Deosa dos vergeis. *O pomo* etc. O pecego, venenoso na Persia, segundo a opinião vulgar.

Est. LIX. *Entregai-vos aos damnos* etc. — He este hum dos

lugares, do poema, que não se entendem facilmente. Talvez o poeta tenha usado de ironia, dizendo *entregai-vos aos damnos*, em vez de subtrahi-vos aos damnos, fugi-lhes.

Est. LX *A de Achemenia.* — Allude á riqueza das tapeçarias vindas da Persia, onde reinou Achemenes, opulentissimo monarcha *Flor Cephisia.* O narciso. *O filho e neto de Cinyras.* Adonis, amado da deosa *Paphia*, isto he, de Venus. Designa aqui o poeta huma especie de lirio amarello e branco.

Est. LXI. *Zephyro.* — Viração branda.

Est. LXII. *Flores Hyacinthinas.* — O jacinto, especie de lirio azul, onde se vêm como escriptas as lettras *ai Filho de Latona* Apollo, de quem foi muito bemquisto hum moço gentil chamado Hyacintho. *Chloris.* O mesmo que Flora.

Est. LXIII. *Philomela.* — A andorinha, ave em que foi transformada huma princeza chamada Philomela.

Est. LXXXV. *De Celo e Vesta filha.* —Thetis.

Est. XCI. *Quirino.* — Nome de Romulo, depois que foi contado entre os celestes. *Os dous Thebanos.* Baccho e Hercules.

Est. XCII. *Indigetes.* — Reis, e outros varões venerados como outras tantas divindades depois da morte. *Ignavo.* Inerte, indolente.

NOTAS AOS EXCERPTOS DO CANTO X

Est. I. *Amador da Larissea.* — Apollo, que amou a nympha Coronis, natural de Larissa, a qual lhe foi infiel. *Os animaes.* Os cavallos do seu carro. *O grande lago.* O mar. *Temistitão.* Nome antigo do Mexico. *Favonio.* O mesmo que o Zephyro, viração branda. *Tanques naturaes.* Os lagos e o mar.

Est. III. *A que não chega* etc. — Allusão aos banquetes dados pela rainha do Egypto Cleopatra ao seu hospede Marco Antonio. *Atlantico thesouro.* Faria e Sousa interpreta: Os pratos que se tiraram agora do thesouro do mar; tomando a parte delle que se chama *Atlantico*, pelo todo.

Est. IV. *Falerno.* — Vinho muito estimado dos antigos Romanos. *Ambrosia.* A mór parte dos eruditos entende por ambrosia o alimento dos deoses, e por nectar a sua bebida. Camões neste lugar parece ser de outra opinião.

Est. VII. *Casas naturaes.* — Cavernas, covis.

Est. VIII. *Cothurno... socco.* — O primeiro era o calçado

alto de que usavam na scena os actores tragicos, o segundo o calçado baixo que traziam os actores comicos. O poeta quiz dizer que ao assumpto de que ia tractar convinha hum estylo remontado. *Jopas... Demodoco.* Aedos, ou poetas cantores, de quem fallam respectivamente na Eneida, e na Ulyssêa, Virgilio e Homero. *Calliope.* A Musa que presidia aos cantos heroicos.

Est. IX. *Vão os annos descendo* etc. — Camões indica assim muito poeticamente que já ia descahindo para a idade madura.

Est. X. *Até render-se.* — Se este infinito se refere á palavra *gentios*, como parece, está em lugar de *renderem-se.*

Est. XII. *Sem saber* etc. — Faria e Sousa explica este lugar da maneira seguinte: «Não sabia Duarte Pacheco... quando embarcou em Belem, que levava em si á India por esse mar aquelle remedio» etc.

Est. XVIII. *Caravelas.* — Especie de embarcações de popa quadrada, e de huma só coberta.

Est. XXI. *Aquelle que nos campos Morathonios.* — Milciades. *Dario.* O rei dos Persas 1.º do nome, que mandou invadir a Grecia com hum poderoso exercito. *Nem quem* etc. Leonidas, rei de Esparta, hum dos heroes gregos na guerra contra Xerxes. *Cocles.* Horacio Cocles, o que se immortalisou na lucta que os Romanos (Ausonios lhes chama aqui o poeta) sustentaram em defeza da liberdade contra Porsena, rei dos Etruscos. *Quinto Fabio.* Cognominado Maximo, o primeiro general Romano que rebateo os impetos guerreiros do grande Annibal.

Est. XXII. *Belizario.* — Famoso general do imperador Justiniano, o qual lhe pagou com a maior ingratidão os serviços que prestara vencendo os vandalos e salvando o imperio.

Est. XXIV. *Aiace.* — Esforçadissimo guerreiro que todavia, na sua pertenção a herdar as armas de Achilles, foi vencido por Ulysses, muito menos valènte, porem mais astuto e facundo que o filho de Telamon.

Est. XXVI. *Com nome real.* — Com titulo de vice-rei.

Est. XXVII. *Se arreia.* — He adornada, ennobrecida.

Est. XXX. *Sceva.* — Centurião Romano que, seguindo as partes de Cesar contra Pompeu, se houve com assombrosa valentia na defeza de hum forte.

Est. XXXII. *Esperas.* — Peças de artilheria de pouco alcance. *Basiliscos.* Canhões de dimensões enormes.

Est. XXXIII. *Por antolhos.* — No sentido figurado, como

aqui, antolhos tomam-se por toda a paixão vehemente, que embarga e obscurece a razão.

Est. XXXV. *Fraca e grande.* — Grande pelo numero e tamanho dos vasos de que se compunha; *fraca*, porque *tem remos por malhas* (*malhas* aqui toma-se por cota de armas). Quiz o poeta dizer, segundo explica Faria e Sousa: Os da armada de Calecut tinham pés por mãos, azas por animo; emfim por valor medo, que os fez fugir á força de remos, em lugar de esperarem o inimigo, fiados nas proprias armas e no proprio valor.

Est. XXXVI. *Sem corpos*, etc. — Hyperbaton que não deverá imitar-se.

Est. XL. *Parseos.* — Sectarios da religião de Zoroastro, adoradores do fogo; aqui parece deverem entender-se Persas, sem allusão á sua profissão religiosa.

Est. XLIII. *Luz.* — Dia. Quiz o poeta dizer que a cidade de Goa, foi tomada pela segunda vez, em 25 de novembro, dia de S. Catharina.

Est. XLIV. *Os crises.* — Arma com feição de adagas, usada pelos Mouros. *Malaios namorados.* Presumidos de muito cavalleiros e attenciosos para com as damas.

Est. LII. *Que te arrêas* etc. — Diogo Lopes de Sequeira abriu a primeira communicação da corte de Portugal, pela via da India, com o chamado imperio do Preste na Ethiopia ou Abyssinia, donde dizem ter sido natural duas rainhas, a de Sabá que veio admirar a sabedoria de Salomão, e Candace, hum de cujos eunuchos foi baptisado pelo apostolo S. Filippe.

Est. LIV. *Regia dignidade.* — A de vice-rei.

Est. LV. *Commettendo as bombardas.* — Garcez Ferreira explica assim este lugar: He o effeito que fazem as bombardas em commum: e talvez que diga isto porque quando cahem no chão, levantam-se hum pouco no ar e então, rebentando, ferem e matam os pedaços a quem colhem.

Est. LVII. *Abrolhos.* — Estrepes: especie de cavallos de frisa. *Tranqueiras.* Paliçadas.

Est. LX. *Heitor o Troiano.* — O valente defensor da patria, morto finalmente por Achilles.

Est. LXII. *Cujo auspicio.* — O soldão do Egypto, tendo noticia da proxima chegada de D. Garcia de Noronha, levanou o cerco de Dio.

Est. LXVIII. *Descridos.*—Incredulos, em relação á fé christã.

Est. LXXII. *Multidão quadrupedante.* — Numerosa cavallaria.

Est. LXXIII. *Varrendo* etc. — Arrastando.

Est. LXXIV. *Cônsona voz.* — Concorde.

Est. LXXV. *Descobre.* — Entenda-se a Sirena, e aqui está o presente em vez do perfeito, ou do mais que perfeito.

Est. LXXVI. *Sigue-me.* — Hoje diz-se: Segue-me.

Est. LXXVIII. *Divina verga.* — A divina omnipotencia. Allude o poeta a hum versiculo do Psalmo 44.

Est. LXXIX. *Archetypo.* — Em grego quer dizer original, modelo primeiro. Aqui entende-se Deos, cujo plano da creação foi ab eterno.

Est. XCI. *Varias nações.*—Não se devem imitar semelhantes construcções amphibologicas.

Est. XCII. *Cabo que até aqui se vos negara.* — O da Boa Esperança.

Est. XCIII. *Gonçalo.* — O padre Gonçalo da Silveira, prégador Jesuita, martyrisado na Africa em 1555. *O metal* etc. O ouro.

Est. XCIV. *Naia.* — Pedro da Naia, Castelhano, que defendeu a fortaleza de Sofala com pouco mais de 35 portuguezes.

Est. XCVI. *Dom Christovam.* — D. Christovam da Gama, mandado por D. Estevam da Gama, com 500 homens em favor do Preste contra o rei de Zeila, depois de ter alcançado duas victorias, foi desbaratado e morto.

Est. XCVIII. *Heroas.* — Os commentadores de Camões confessam a sua ignorancia sobre os Heroas de que o poeta entende aqui de fallar.

Est. CI. *Castel-Branco.* — D. Pedro de Castello Branco, capitão de Ormuz, que venceu huma grande armada de Turcos.

Est. CIII. *Fundido cobre.* — Entende das peças de artilheria, de que então os Persas não usavam.

O que fazem do tempo os intervallos. — Com o tempo mudam-se os nomes das terras, como aconteceu a esta cidade.

Est. CIV. *D. Philippe* etc. — Indicam-se aqui de passagem as proesas de dois valerosos capitães de Ormuz.

Est. CVIII. *A quem tem o demonio leis escriptas.* — Allude-se ao Alcorão, livro sagrado dos Mahometanos, e aos *Vedas*, livros reputados divinos pelos Budhistas.

Est. CXI. *Por exemplo.* — Por modelo dos que ao diante se haviam de levantar ao verdadeiro Deos.

Est. CXII. *Fé formada.* — Sobrenatural e muito firme.

Est. CXIII. *Os fios.* — Insignia dos Brahmanes; que consiste n'huma linha, dobrada em tres fios, lançada a tiracolo do hombro esquerdo para o direito.

Est. CXIV. *Como se usa.* — Entre os malvados, sem fé nem consciencia. Esta estancia e a seguinte são excellente modelo de concisão.

Est. CXVI. — A travação de rimas tão semelhantes nesta oitava he hum desprimor de metrificação, que não deve imitar-se. *Rudo.* Em vez de rude. Não he a primeira vez que occorre neste poema.

Est. CXX. *Salgado senhorio.* — O mar.

Est. CXXIII. *Cabeça.* — Cidade principal, capital. *Tem produzido.* Produz, costuma produzir.

Est. CXXIV. *Chersoneso.* — Palavra grega. Vale tanto como peninsula. *Ophir.* Região oriental, onde as frotas do rei Salomão e do rei Hiram iam buscar ouro. Não se sabe ao certo onde era situada.

Est. CXXVI. *Selvagens vidas.* — Aqui se põe o plural pelo singular, por necessidade de rima.

Est. CXXVIII. — Allude Camões ao naufragio que ali experimentou, de que escapou salvando das ondas o manuscripto do seu poema.

Est. CXXIX. *Páo cheiroso.* — Chamado calambuco,

Cinto frio. — Zona fria.

Est. CXXXI. *Que illustrada será co'a fé divina.* — Talvez se alluda aqui ás innumeraveis conversões que no Japão fez por aquelles tempos o glorioso apostolo do oriente, S. Francisco Xavier.

Est. CXXXII. *C'o o fervente cume* etc.—Indica haver alli hum temeroso vulcão.

Com sangue Portuguez. — Allude ao muito sangue Portuguez derramado naquellas conquistas.

As ethereas aves etc. — As aves, chamadas do paraiso que, segundo a crença popular, nunca pousam em terreno, mas só descançam nos ramos dos arvoredos.

Est. CXXXIII *As aves variadas* etc. — Papagaios, e outros passaros de variadas cores.

Est. CXXXV. — *Vê* etc. A ilha Sumatra, que se diz ter antigamente estado unida com a terra de Malaca, e onde tambem ha um vulcão. *Cheiroso licor.* O bejoim, o qual nasce no tronco de certas arvores, e delle transsuda. *Estila.* Distilla. *A filha de Cinyras.* Myrrha.

Est. CXXXIX. *A grande terra.*—A America, que se entende do polo de *Calisto*, isto he do norte ao Artarctico, ou do sul. *Do metal que a cor tem do louro Apollo.* — Mais huma periphrase, alem de outras usadas pelo poeta, para designar o ouro. *O colar* Aqui he o mesmo que cadea, grilhão, e quer dizer que Castella a subjugaria.

Est. CXL. *Nota.* — Conhecida, celebre. *Pao vermelho.* O pao Brazil.

O Magalhães. — Fernão de Magalhães que, aggravado d'El-Rei D. Manoel, havendo-se posto ao serviço de Castella, partiu com huma armada de cinco naos para as ilhas Molucas, e descobriu o estreito a que deo o nome.

Est. CXLI. *De huma estatura quasi gigantea.* — Os Patagões.

Est. CXLIV. *E com titulos novos se illustrou.* — El-rei D. Manoel, que até alli se intitulava: *Rei de Portugal e dos Algarves d'aquem e d'alem mar*; *em Africa Senhor de Guiné*, assumiu depois d'este descobrimento mais os seguintes titulos: *Senhor da Conquista, Navegação e Commercio da Ethiopia, Arabia, Persia, e da India.*

Est. CLII. *Fazei Senhor* etc. — O sentido destes versos he o seguinte: Fazei Senhor que nunca os povos mais admirados pela sua indole e cultura, taes como os allemães etc. possam dizer que os portuguezes são mais aptos para a execução de ordens alheias, do que para exercerem elles proprios o mando, e para dominarem sobre povos estranhos.

Est. CLIII. *De Phormião* etc. — Este philosopho, a quem Camões chama elegante, isto he, verboso e facundo, não duvidou fazer alardo de conhecimentos militares na corte do rei Antiocho em Epheso, em presença do famoso capitão carthaginez Annibal, que delle escarneceu, como refere Cicero.

Est. CLVI. *Ou fazendo que mais que a de Medusa* etc. — Dá-se n'este lugar huma amphibologia; mas o sentido não fica duvidoso. Quiz o poeta dizer: O monte Atlante tenha mais medo de ver-vos do que de ver a Medusa. Esta Gorgone, segundo conta a fabula, matava todo o individuo que para ella

olhasse, convertendo-o em pedra. *Sem á dita de Achilles ter inveja.* Alexandre, sendo ainda mancebo, e visitando o tumulo de Achilles, chorou, manifestando a grande inveja que tinha d'aquelle heroe, por elle haver tido por pregoeiro da sua gloria hum poeta tal como Homero. *Ampelusa.* Promontorio da Africa, hoje chamado Sparto ou Spartel. *Trucdante.* Cidade populosa da Barbaria.

ADDITAMENTOS ÁS NOTAS

Canto II. Est. XC. *Cyclopas* — Gigantes que na ilha de Lemnos ajudavam Vulcano a forjar os raios para Jupiter.

Canto II. Est. CXI. *Não conhece.* — Não conheça.

Canto III. Est. XVII. *Noda.* — Nodoa.

Canto VII. Est. LXII. *Lianças.* — Laços, vinculos.

ERRATAS

Canto I

Pag.	*estanc.*	*vers.*	*correcções*
6	XVI	4	Mostra o pescoço ao jugo *ja* inclinado
23	XCI	3	A pedra, o pao, e o *canto* arremessando;

Canto II

26	V	8	Que a mais por tal senhor está *obrigado.*
38	LXXXVII	4	Em muito tenho a muita obediencia:
40	XCI	2	Co'o raio volteando, com *zunido.*

Canto III

44	V	5	*Mas*; por que nisto a ordem leve, e siga,
75	CXXIV	7	Do seu *Principe*, e filhos, que deixava

Canto IV

85	XII	3	Posto que tudo pouco lhe parece
90	XXVIII	7	E as mãis, que o som *terribil* escuitaram
97	XLIX	2	Da furiosa *Tethys* inquieta
98	LV	2	Que sómente o *Tirynthio* colher pode
104	LXXIII	7	Te avisamos, que he tempo, que *ja* mandes

Canto V

122	XI	8	A si, *e* a nuvem negra, que sustenta
131	L	4	Plinio, e quantos passaram *fui* notorio

Canto VI

137	X	6	Do velho *Chaos* a tão confusa face
138	XIII	8	De *M*inerva pacifica oliveira
151	LVII	4	Cortam *do* mar do Norte as ondas frias

Canto VIII

196	XXIX	8	Que entre o Tartesso, e Guadiana habita?
206	LXXIV	7	Da madre *Tethys*, qual pirata inico

Canto X

235	XXXIII	5	A nobre ira lhe vinha *pro*mettendo,

OBRAS ELEMENTARES

APPROVADAS PELO CONSELHO GERAL D'INSTRUCÇÃO PUBLICA

Cathecismo da Doutrina Christã, composto pelo Padre Theodoro d'Almeida, 5.ª edição.—Preço 50 rs.

Grammatica Portugueza, para as escolas primarias, por J. E. de Andrade, 10.ª edição — Preço 120 rs.

Dita com additamentos para uso dos Lyceos, por M. M. Marrecas. — Preço 160.

Dita, por Antonio Maria Baptista, 2.ª edição. — Preço 160 rs.

Orthographia Portugueza, por J. Tavares de Macedo, socio da Academia das Sciencias, 3.ª edição. — Preço 80 rs.

Elementos de Arithmetica e systema metrico decimal, por F. Menna Apparicio. — Preço 200 rs.

Exposição do systema metrico decimal, por J. M. Latino Coelho, vogal do Conselho Geral de Instrucção Publica. — Preço 150 rs.

Resumos da Historia do Antigo e do Novo Testamento, com reflexões moraes intercaladas no texto, pelo conego Schmidt, vertidos em portuguez, por R. A. Bulhão Pato. — Preço 300 rs.

Selecta Portugueza, por F. M. de Andrade. — Preço 600 rs.

Titi Livi excerpta res memorabiles narrationes selecta Accurante N. Theil, com notas em portuguez, por F. Martins d'Andrade. — Preço 320 rs.

Elementos de Logica, por D. J. Balmes, — Preço 300 rs.

Selecta Camoniana, por A. J. Viale. — Preço 320.

LIVRARIA DO CLERO

Progresso pelo Christianismo, pelo Padre Felix, conferencias de 1858. — Preço 400 rs.

Mulheres do Evangelho, Homilias pelo Padre Ventura, 1.º vol.—Preço 900 rs.

Sermonario Selecto de Prégadores, vol. 1.º e 2.º — Preço de cada vol. 1$000 rs.

Sermões do Beneficiado Malhão, 1.º vol. —Preço 1$200 rs.

OBRAS VARIAS

Encyclopedia das artes, collecção de 1318 processos industriaes, por M. A. de Mattos. — Preço 600 rs.

Avisos da Providencia, por S. Affonso Liguori, 1 vol. in-8.º — Preço 120 rs.

Exercicios de Santo Ignacio. — Preço 80 rs.

Cultos de devoção a Santo Antonio. —Preço 60 rs.

SEP 1 1933

Deacidified using the Bookkeeper process.
Neutralizing agent: Magnesium Oxide
Treatment Date: Nov. 2008

PreservationTechnologies
A WORLD LEADER IN COLLECTIONS PRESERVATION
111 Thomson Park Drive
Cranberry Township, PA 16066
(724) 779-2111

LIBRARY OF CONGRESS
0 024 329 193 8